



UMA FILHA DE D. PEDRO I DONA MARIA AMÉLIA

OLÍVIA LACERDA MARTINS DE ALMEIDA

brasíliana

volume 354



**UMA FILHA DE D. PEDRO I,
DONA MARIA AMÉLIA**

Sylvia Lacerda Martins de Almeida
(*organizadora*)

No Sesquicentenário da Independência do Brasil, a coleção *Brasiliانا*, em cooperação com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, presta uma singular e carinhosa homenagem ao “Fundador do Império”, que era a maneira pela qual era conhecido o Imperador Pedro I nos papéis oficiais: publica-se o primeiro estudo biográfico de sua filha caçula, a princesa D. Maria Amélia, único fruto de seu segundo casamento.

Organizou-a D. Sylvia Lacerda Martins de Almeida, alma sensível à poesia dessa vida rigorosamente romântica e que, vivendo entre preciosidades bibliográficas e tesouros artísticos, soube reunir, com gosto e minúcia exemplares, alguns documentos manuscritos e iconográficos do maior interesse. A jovem princesa viveu, santa e suavemente, “l’espace d’un matin”. Teria, talvez, se vencesse o mal que a consumiu na quase adolescência, subido ao trágico trono do infortunado Império Mexicano, noiva que era do arquiduque Maximiliano. Finou-se na ilha da Madeira com uma resignação e

uma piedade edificantes. O pai foi o herói romântico de tipo guerreiro e donjuanesco. A filha foi o romantismo casto e virtuoso, modelo de uma dama da Idade Média, intocável e inatingível. O seu reino não era deste mundo.

Curiosos caprichos do destino que fazem provir de um devasso, fogo e indomável cavaleiro tão violento contraste em matéria de temperamento.

Os brasileiros não sabem em geral que na Família Imperial Brasileira floriu um lírio tão fulgente.

É uma contribuição nova e inesperada nas comemorações do acontecimento épico do surgimento do Império. Esta princesa brasileira nunca viu a terra do Brasil, mas talvez a tenha amado, por isso mesmo, com uma intensidade que as outras não experimentaram.

Considerou-se a vida inteira uma exilada. E é deste exílio que nos vêm as belas e tristes notas que estas páginas recolhem com ternura.

A. J. L.

edição da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 639

01212 SÃO PAULO, SP

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

UMA FILHA DE D. PEDRO I
DONA MARIA AMÉLIA

BRASILIANA

Volume 354

*

Direção:

Dr. AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

UMA FILHA DE D. PEDRO I
DONA MARIA AMÉLIA

Obra organizada, traduzida e anotada

por

SYLVIA LACERDA MARTINS DE ALMEIDA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

Direitos reservados

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Gusmões, 639 — 0122 São Paulo, SP

1973

Impresso no Brasil

*À memória de
Galeno Martins*

Os meus sinceros agradecimentos a Sua Alteza Imperial Dona Maria de Orléans e Bragança, que me confiou o livro *Die Herzen der Leuchtenberg* (Os corações dos Leuchtenberg), por Adalbert Prinz von Bayern, 1963, do qual a erudita Senhora Dona Leonor de Beaurepaire Moniz de Aragão teve a gentileza de traduzir os trechos referentes à vida de Dona Maria Amélia.

A Sua Alteza Imperial Dom Pedro de Orléans e Bragança, que generosamente me franqueou o Arquivo da Família Imperial, cedendo-me cinco cartas inéditas de Dona Maria Amélia a seu irmão Dom Pedro II, assim como um desenho com a assinatura da princesa.

A Laurita Pessoa Raja Gabaglia (Irmã Maria Regina do Santo Rosário).

Ao historiador e escritor Américo Jacobina Lacombe, que muito me auxiliou e incentivou a publicar este trabalho.

Ao Professor Lourenço Lacombe, mui digno diretor do Museu Imperial de Petrópolis.

Ao Professor Maximiano Augusto Gonçalves, que, no Colégio Pedro II e no Instituto de Educação, vem contribuindo com nobre idealismo para a educação da nossa juventude.

SUMÁRIO

I — <i>Introdução de autoria da organizadora</i>	11
1 — <i>Chegada ao Brasil e casamento de D. Amélia</i>	15
2 — <i>Partida de D. Amélia do Brasil</i>	37
3 — <i>Nascimento de D. Maria Amélia</i>	42
<i>Auto de nascimento</i>	45
<i>Auto de batismo</i>	47
II — <i>Notícia biográfica sobre S. A. I. Dona Maria Amélia de Bragança, Princesa do Brasil</i> (autoria desconhecida, tradução da organizadora)	49
ANEXO I — <i>Termo de óbito</i>	93
ANEXO II — <i>Fundação do Sanatório</i>	95
III — <i>Ferdinando Maximiliano d'Austria, o noivo de Dona Maria Amélia</i>	101
ANEXO I — <i>Carta de Maximiliano a Dom Pedro</i>	147
ANEXO II — <i>Aforismos de Maximiliano</i>	148
IV — <i>Os últimos anos de Dona Amélia</i>	149
ANEXO — <i>Testamento de Dona Amélia de Leuchtenberg</i>	151
APÊNDICE 1 — <i>Reconhecimento como princesa brasileira</i>	153
APÊNDICE 2 — <i>Cartas inéditas de Maria Amélia a seu irmão Dom Pedro II</i>	157
APÊNDICE 3 — <i>Retratos de Dom Pedro I e de D. Amélia</i> (com estudo de Galeno Martins, completado pela organizadora)	167

I

INTRODUÇÃO

Há alguns anos, na biblioteca de Galeno Martins, que empregou parte de sua fortuna e de sua vida em colecionar e estudar porcelanas, móveis, quadros, gravuras e, principalmente, livros raros sobre o Brasil, sem o menor intuito de amontoar valores, porém com grande desejo de divulgar a história do nosso passado artístico e cultural, sobretudo entre estrangeiros e diplomatas que ele recebia com freqüência, mostrando-lhes eruditamente o acervo imenso que possuía sobre a nossa História, encontrei um pequeno livro, na aparência sem importância:

Notice Biographique

sur

Son Altesse Impériale

Dona Marie-Amélie de Bragance

Princesse du Brésil



Leipsic — 1857

L'Imprimerie de B. G. Teubner

Por que estaria essa pequena biografia colocada ao lado dos volumes raros do arquiduque Maximiliano d'Áustria, que foi Imperador do México?

O desenrolar desta história dirá a importância que Maximiliano teve na vida tão curta de Maria Amélia.

Traduzi do francês esta biografia, de autor ignorado, para que fosse mais conhecida essa princesa brasileira, única filha do segundo casamento de D. Pedro I com a Imperatriz Dona Amélia de Leuchtenberg.

Achei oportuno, neste ano em que se comemora o sesquicentenário da nossa Independência e quando a notável figura de nosso Imperador Pedro I é realçada e estudada por nossos historiadores, trazer minha modesta contribuição com a biografia de sua filha Maria Amélia, ainda pouco conhecida.

Essa princesa, de rara beleza, como se poderá julgar pelos retratos reproduzidos neste volume, de cultura invulgar para a sua idade e sua época, era, ao mesmo tempo, dotada de grande inteligência, de fina sensibilidade artística, quer para a música, quer para a pintura.

Mas, acima de tudo, o que mais se impõe à nossa admiração é a sua pureza de alma, a delicadeza de seus sentimentos, a elevação de seu caráter, a sua formação moral e religiosa.

A essa jovem, de tão raros dotes físicos e morais, parecia estar reservado um futuro brilhante; uma coroa de rainha devia cingir-lhe a fronte.

Esta biografia deixa apenas o leitor pressentir o romance entre Maria Amélia e Maximiliano; talvez por não ter sido oficializado o noivado, devido à súbita enfermidade que obrigou Maria Amélia a ir buscar, na ilha da Madeira, ares mais puros para seus pulmões.

Tudo foi inútil. Esses dois corações que tão bem se entenderam, parecendo feitos um para o outro, foram separados pela mão implacável do destino. Até à morte, ambos foram fiéis a esse amor que não morreu, porque foi o amor-senti-

mento, o amor espiritual, que uniu duas almas e dois corações para Além da Vida.

Julguei interessante completar a biografia de Maria Amélia com diversas referências, estudos e notas sobre Maximiliano, resultado de pesquisas feitas no Arquivo Nacional, no Museu Imperial de Petrópolis, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na Biblioteca Nacional, pesquisas essas que confirmaram plenamente o seu noivado com Maria Amélia, como ele mesmo o revela no livro de sua autoria *Souvenirs de ma vie*⁽¹⁾.

S. L. M. A.

(1) Maximilien: *Souvenirs de ma vie*. Trad. Jules Gaillard, 2 vols. Paris, 1868.

1 – CHEGADA AO BRASIL E CASAMENTO DE DONA AMÉLIA

Decorridos dezoito meses da morte de Dona Leopoldina, Dom Pedro I comunicou ao Imperial pai de sua falecida mulher que tinha em vista dar-lhe uma sucessora.

Depois de algumas tentativas mal sucedidas nas cortes imperiais, recaiu a escolha sobre a Princesa Dona Amélia de Leuchtenberg, filha do Príncipe Eugênio de Beauharnais.

Assim se exprime sua mãe, a princesa Augusta: “Senti no coração ligeira sensação de vaidade por causa das vantagens que resultariam dessa brilhante união. Seria, porém, Amélia feliz? Diziam que a Imperatriz Leopoldina falecera devido aos sofrimentos causados pelos maus tratos do marido, que parecia ter caráter mau e estranhos hábitos.

Caso assim fosse, não podia confiar-lhe a filha, principalmente com a perspectiva da partida para país tão distante.

Além disso, Amélia não atingira seu pleno desenvolvimento, pois não completara ainda dezessete anos. A responsabilidade de cinco enteados, que recairia sobre ela, era demasiada, para jovem de tão pouca idade.

No mês de março vieram informações de que Dona Leopoldina não havia sido feliz.

Dom Pedro tinha de sua amante, a marquesa de Santos, duas filhas legitimadas. A concessão do título de duquesa de



Retrato a óleo de Dona Amélia de Leuchtenberg, por ocasião de sua chegada ao Brasil. Hospital Dona Maria Amélia, no Funchal, Ilha da Madeira (larg. 72 x alt. 60cm).

Goiás à mais velha provocou comentários nos jornais e comparações com Luís XIV. Essa ligação escandalosa prolongou-se ainda por seis meses, depois da morte da Imperatriz.

Ambas as filhas foram tratadas, no Palácio, como princesas. A marquesa, que havia se afastado, prontificou-se, porém, a regressar, o que sem dúvida teria feito se o Imperador não contraísse novo casamento.

A mãe de uma futura Imperatriz imporia a condição do afastamento definitivo de semelhante pessoa, que parecia tão intrigante quanto Dom Pedro se mostrava fraco. A despeito disso, ele era enérgico, inteligente e bondoso, apesar da sua impetuosidade.

Sua esposa deveria, portanto, armar-se de coragem para não se intimidar.

A indulgência demasiada havia sido a causa da infelicidade da pobre Leopoldina. Deve-se acrescentar que as maneiras um tanto masculinas, que lhe eram peculiares, muito haviam de contribuir para esse resultado.

Dom Pedro gozava da fama de boa aparência, sendo, além disso, pai afetuoso e solícito.

Como aumentasse, cada vez mais, a impopularidade de Domitila, marquesa de Santos, afastou-a Dom Pedro da Corte, embora ela lhe houvesse dado recentemente uma filha.

Parecia ele disposto a mudar de vida, se conseguisse uma segunda esposa bela e simpática, o que brevemente havia de acontecer.

Por isso, Felisberto Caldeira Brant Pontes, marquês de Barbacena, antes de decorrido o ano de luto, teve de partir para a Europa com a missão de trazer nova Imperatriz e, além disso, o reconhecimento do Brasil como nação independente. O navio e o plenipotenciário estavam a caminho, mas faltava a noiva.

Dessa vez, Barbacena regressou sem noiva, em maio de 1828, porém com garantia da França e da Inglaterra quanto aos direitos da rainha Maria da Glória de Portugal.

Dom Pedro banii Domitila para São Paulo e enviou outra vez Barbacena à procura da noiva, enquanto o diplomata visconde de Pedra Branca, ministro em Paris, se dirigia a Mannheim, junto à viúva do grão-duque Carlos de Baden, Estefânia, prima de Eugênio, a Hortência, e à duquesa de Leuchtenberg.

Barbacena levou em sua companhia a pequena Rainha Maria da Glória, de Portugal, para promover seu noivado com D. Miguel, em Viena.

Soube, porém, que D. Miguel havia usurpado o trono português, e que Metternich se colocara a seu lado.

Seguiu, então, para Londres em vez de seguir para Viena.

Em Londres, a pequena Rainha achava-se em boa guarda, com o amigo de Portugal, o rei Jorge IV. Com essa alteração do programa, Maria da Glória teve oportunidade de conquistar as simpatias da corte inglesa.

De outro lado, as pretensões matrimoniais do Imperador recebiam novas recusas.

Além disso, chegavam notícias de que D. Pedro havia se reconciliado com Domitila.

Como o correio, naquela época, levava mais ou menos dois meses para chegar a seu destino, entre a Europa e o Brasil, aconteceu que Dom Pedro já se achava noivo de Amélia de Leuchtenberg, quando sua ordem para a interrupção desses esponsais chegou às mãos de Barbacena.

Em julho de 1829, Amélia atingiu a idade de dezessete anos, fixada pela mãe para o seu casamento.

O casamento, por procuração, realizou-se a dois de agosto e foi celebrado pelo Núncio Charles Merez d'Argenteau, Arcebispo de Tiro, *in partibus infidelium*.

O tio Carlos representou o noivo.

O Conde Spritz descreve a cerimônia:

“Além da família Leuchtenberg e toda a corte, achavam-se, com seu séquito, a rainha-viúva Carolina, o casal duque Max da Baviera, o marquês de Barbacena, o marquês de Resende,

e o diplomata e Rei de Armas do Brasil, Isidoro da Costa Oliveira.

“A responsabilidade da entrega imediata da Imperatriz recaiu sobre o Conde de Tasher.

“Houve um banquete de quarenta talheres.

“A noiva estava linda com seu vestido de renda confeccionado por Delille, mestre de alta costura em Paris.

“No dia seguinte efetuou-se a partida”.

No dia 11 de outubro, avistou-se, no horizonte, a baía de Guanabara.

Augusto (irmão de Dona Amélia) sentiu-se empolgado com a entrada da baía do Rio de Janeiro.

“Pode alguém avaliar o que significa, depois de dois meses passados entre céu e mar” (escrevia ele à mãe), “ter, de repente, diante dos olhos, duas cadeias de montanhas e uma floresta de luxuriante vegetação, coberta de uma multidão de pássaros desconhecidos pelos europeus; grande quantidade de embarcações que vão de um navio ao outro e são canoas, pirogas, e lanchas?”

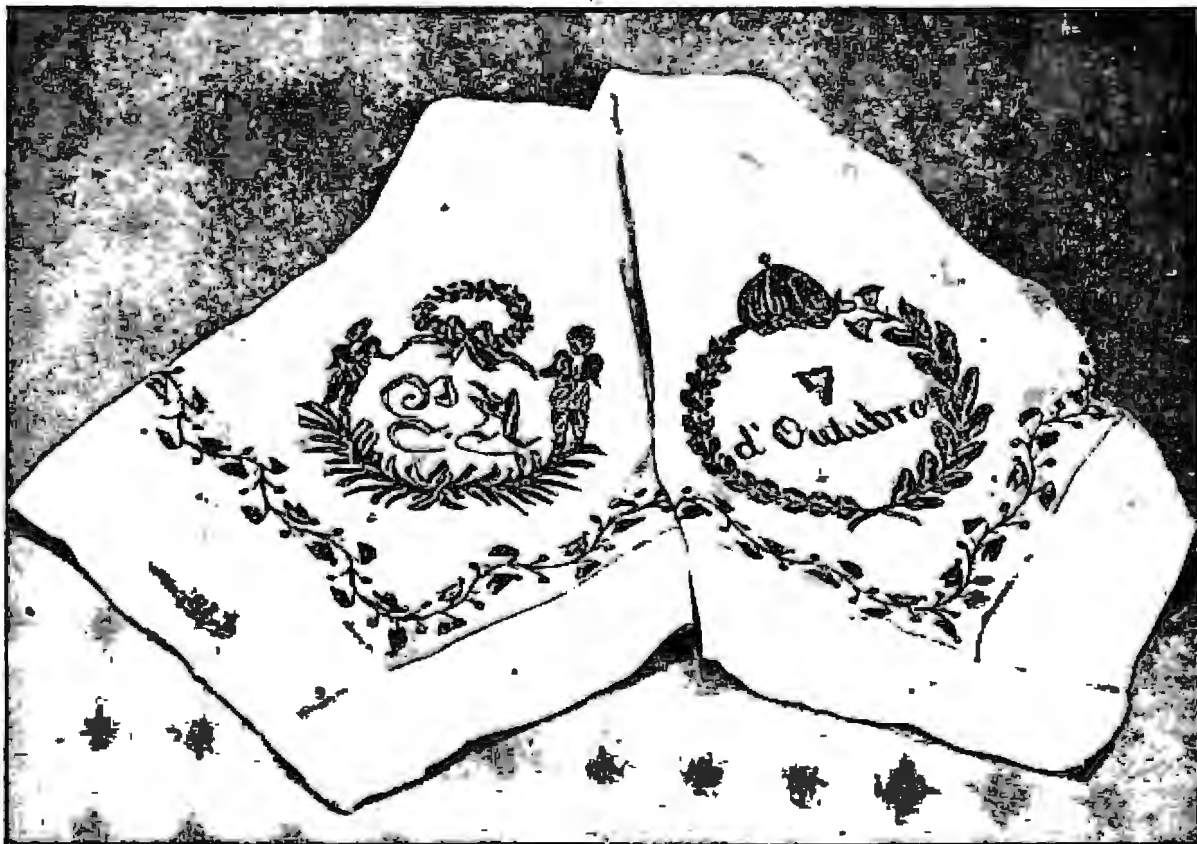
“Houve atraso nos preparativos para a recepção, por só ter sido o Imperador informado da chegada na véspera.

“Tomou ele logo a barcaça, que rebocou a fragata até o Arsenal de Marinha, e galgou rápido o navio. Foram breves as apresentações.

“A deslumbrante primeira impressão do Imperador, ao ver a princesa Amélia Augusta Napoleona — Amélia de Beauharnais, duquesa de Leuchtenberg e Eichstaedt — e criando a Imperial Ordem da Rosa sob a divisa *Amor e Fidelidade* — iria definir, desde logo, a significação dessa mulher em sua vida.

“Ambos os interessados ficaram agradavelmente surpreendidos. Barbacena e Maria da Glória devem tê-los ajudado a dissimular a primeira emoção.

“Depois de algumas palavras hesitantes, dirigidas a Amélia, D. Pedro sentiu-se mal, quase desfalecendo. E, só depois de alguns momentos, conseguiu recuperar-se, para atender a esposa.



Lenço de finíssima cambrão bordado a ouro por Dona Amélia de Leuchtenberg, com a data de seu casamento (da Coleção Galeno Martins, hoje no Museu Imperial de Petrópolis).

“Enquanto isso ocorria, íamo-nos aproximando cada vez mais da entrada do porto.

“É maravilhosa a baía do Rio de Janeiro. O que Martius e muitos outros escritores descrevem fica muito aquém da realidade.

“Sete fortalezas guarnecem o porto, e essas, assim como os navios brasileiros e estrangeiros, fizeram troar seus canhões em saudação, o que repercutiu nas montanhas que circundam a cidade.

“Apresentaram-se oficiais, membros da corte, a marinha inglesa e a francesa.

“Também vieram a bordo os filhos do primeiro matrimônio de D. Pedro: Januária, Francisca, Paula e Pedro. Inúmeras embarcações acompanharam a fragata. O Imperador jantou a bordo, mas, devido ao protocolo, voltou de má vontade com os filhos para o Palácio. À noite, todos os navios se iluminaram.

“Chovia copiosamente”(1).

Sessenta e sete dias gastou na viagem Dona Amélia, para vir de Portsmouth ao Rio. E, em sua companhia, além do irmão, o Príncipe Augusto de Eichstaedt e a rainha de Portugal, a baronesa de Sturnfeder, os condes de Meyan e Spritz, um antigo general, íntimo amigo do Príncipe Eugênio, dois coronéis, cinco capitães, o médico e o confessor.

É possível que, na monotonia desses longos dias, que se sucediam entre céu e mar, Dona Amélia, procurando encurtar o tempo, tivesse bordado a ouro o lenço de finíssima cambraia, com as iniciais “P. A. 17 de outubro 1829”, cuja estampa reproduzimos(2).

Celebrou-se, no dia seguinte, o casamento.

(1) Adalbert Prinz von Bayern. *Die Herzen der Leuchtenberg* (Os corações dos Leuchtenberg) *Chronik einer napoleonisch — bayepisch europaischen Familie* — Prestel Verlag, Munique, 1963.

(2) Este lenço, da coleção Galeno Martins, está no Museu Imperial de Petrópolis.

O Imperador vem, conforme relata Spritz, à tarde, com os filhos e o séquito para o navio.

“No Arsenal de Marinha havia-se preparado um magnífico desembarque com um soberbo arco de elegante e majestosa arquitetura; estando assoalhado todo o pavimento desde o cais até o Arsenal, e coberto de ricas tapeçarias, guarnecidos os lados por duas ordens de pilastras, de que pendiam grandes globos de vidro.

“Estava pronta a ser lançada ao mar a nova Corveta *Amélia*, recordando o nome de S. M. a Imperatriz, e de antemão preparado o camarim, de que SS. MM. II. deviam presenciar este ato, guarnecido com a maior elegância. Infelizmente torrentes de chuva, que duraram todo o dia, vieram de alguma sorte empanar o esplendor com que se patenteariam sentimentos de tanto júbilo, sem todavia poderem resfriar o ardor e entusiasmo, que tão dignamente os haviam produzido.

“D. Pedro I embarcou no cais de S. Cristóvão pelas onze horas da manhã, na sua grande galeota, e, às onze horas e quarenta minutos, a bordo da fragata Imperatriz, quando sua Majestade Imperial se aproximou, a linha dos navios de guerra salvou toda a esquadra.

“Desde as dez horas, se achavam no Arsenal de Marinha a guarda dos Arqueiros, a Imperial Guarda de Honra, o 1.º batalhão de Granadeiros e toda a corte.

“Às doze horas em ponto, começou, entre bandeiras e saudações das fortalezas, a transferência do navio para o Arsenal. De lá foram a pé, entre fileiras de aspirantes de marinha, sobre tapetes recamados de flores, para um arco de triunfo inacabado.”⁽¹⁾

Dirigiram-se para o Paço Imperial, onde esperavam as altas autoridades, enquanto Granadeiros e Arqueiros formavam a guarda de honra.

(1) *Didrio Fluminense*, outubro, 1829.

“Do outro lado do portal estavam as carruagens oficiais, todas de feitiço antiquíssimo... e que já deveriam ter servido a muitos reis portugueses.” A do Imperador era a única moderna, atrelada com oito cavalos brancos e todas as outras tiradas por mulas insignificantes, que, ao lado dos ricos ornamentos barrocos, pareciam ainda mais ordinárias. Os carros seguiam acompanhados por servidores imperiais que iam a cavalo ou a pé. O da Imperatriz tinha oito mulas. As librés da corte eram nas cores brasileiras, verdes com galões dourados, enormes tricórnios, e calções verdes ou brancos. O cocheiro do carro imperial tinha, além dos galões dourados, pesadas dragonas de ouro e uma espada. Os uniformes dos membros da corte eram também de cor verde e ouro.

O Imperador queria ir de carro com a esposa para a Igreja, porém Barbacena insistiu no seu direito de acompanhá-la até lá. Irritado, D. Pedro seguiu com D. Maria da Glória e o príncipe Augusto.

A teimosia de uma mula fez parar por alguns minutos o carro da Imperatriz.

O curto trajeto até a Igreja da Corte ⁽¹⁾ prosseguiu com desfile solene dos dignitários da Corte e da guarda de honra entre fileiras de militares. ⁽²⁾

A ordem da marcha era a seguinte:

“Precedia um piquete de 20 soldados comandado por um oficial subalterno, a que se seguia a música das Imperiais Cavalariças, iam então os Correios de Gabinete e após destes o Rei d’Armas, Arauto e Passavante.

“Sucediãam doze Porteiros, seis da Massa, e outros tantos da Cana, e tanto estes como os precedentes, todos a cavalo. Marchava então o grande acompanhamento das pessoas, que tem o título de Conselho, e daqueles que fazem Corte, em

(1) Hoje Catedral Metropolitana.

(2) Adalbert Prinz von Bayern. *Die Herzen der Leuchtenberg* — Prestel Verlag, Munique, 1968.

quem não coube emprego na Casa Imperial, todos em suntuosas carruagens de vidros, ostentando a riqueza e o bom gosto.

“A esta comitiva seguia um piquete da Imperial Guarda de Honra, comandada por um subalerno; e logo os moços da estribeira a cavalo.

“Tinha o primeiro lugar entre os coches, o que conduzia o Mordomo-Mor e Veador de Sua Majestade a Imperatriz e o Veador de SS. AA. Imperiais.

“Era o segundo o que conduzia os Exmos. marquês da Palma, João da Rocha Pinto, José Alexandre Carneiro Leão, e Joaquim José da Sequeira como Mordomo-Mor, Camareiro-Mor, Camarista de Semana de Sua Majestade o Imperador, e o Mestre de cerimônias da Corte.

“Seguia-se o que conduzia o Exmo. marquês de S. João Marcos, como Estribeiro-Mor de Sua Majestade o Imperador, acompanhado de um moço da estribaria a cavalo, de cada lado.

“Era imediato o que conduzia SS. AA. II. com suas damas e a Exma. marquesa d’Aguiar, Camareira-Mor, acompanhado como o precedente.

“Foi então que todos os espectadores aplaudiram com o maior alvoroço e sincera alegria a Augusta Presença de Sua Majestade a Imperatriz, acompanhada do Exmo. marquês de Barbacena e de suas Damas, em um pomposo coche a oito, cercado de moços da Estribeira.

“Com júbilo não menor se via a Sua Majestade o Imperador e a Senhora Rainha Fidelíssima, a Senhora Dona Maria da Glória e Sua Alteza Real o Duque de Leuchtenberg em outro coche a oito, à direita do qual ia o Exmo. marquês de Cantagalo, Capitão da Guarda, e da esquerda o Estribeiro-Mor, formando-se em alas, ao lado do mesmo, os Moços da Câmara, e por fora destas os Moços da Estribeira, todos a pé e com o chapéu na mão. Seguiam-se entre as rodas do coche os Ajudantes de Campo do Imperador e fechava esta pomposa e muito numerosa procissão, a esplêndida Guarda de

Honra, comandada pelo Chefe, o Exmo. conde de Vila Nova de S. José.

“Ia então o coche que conduzia as Damas de Sua Majestade a Imperatriz e de Dona Maria da Glória, a que se seguia o que levava os criados de S. A. o duque de Leuchtenberg, fechando esta magnífica procissão um esquadrão de cavalaria.

“A cidade do Rio de Janeiro engalanou-se de modo singular, e os seus habitantes viveram intensamente por muitos dias.

“Não foram apenas as medidas governamentais responsáveis pelas públicas alegrias nessa ocasião.

“A iniciativa e participação privada foram nota marcante de júbilo popular.” (1)

A imprensa exaltava o episódio. O povo dançava e cantava pelas ruas. E até as colônias estrangeiras contribuíram com sua homenagem especial. Não admira, pois, que os programas oficiais fossem os mais imponentes.

Para bem reviver a memória daqueles dias bem brasileiros, nada melhor que acompanhar os documentos da época e, de vez em quando, deixá-los falar fielmente... (2)

A decoração das ruas, especialmente as da passagem do cortejo conduzindo Suas Majestades de bordo para a capela Imperial merece a descrição de alguns detalhes. Diversos artistas se esmeraram nessa decoração: são eles os pintores José Leandro e Francisco Pedro do Amaral, e Pezerat, arquiteto das Imperiais Quintas.

Eis um trecho do acontecimento, escrito no *Diário Fluminense*: “Na rua Direita, no canto da rua dos Pescadores, havia um outro arco de 18 palmos de abertura e 9 de largo e com 40 palmos de altura até a cimalha real, decorado com quatro colunas da ordem coríntia composta; tinha no centro

(1) *Diário Fluminense* de 19 de outubro de 1829.

(2) *Ibidem*.

uma cúpula com as letras iniciais dos nomes de Suas Majestades Imperiais e um escudo sustentado por Himeneu e Amor, que com uma grinalda de flores coroavam esta cifra.

“Sobre os corpos salientes da platibanda repousavam as figuras seguintes: na face do Norte, à direita, o Rio, gravado em um tronco o dia 16 de outubro de 1829, e sobreposta a Fama; e da esquerda, o Brasil e o anjo tutelar do Império. Da face do Sul ornavam o lado direito Minerva e a Paz, e o esquerdo a Aurora e a Abundância; e nas platibandas os nomes por extenso de Suas Majestades Imperiais. Por baixo do arco distinguiam-se os dois nichos, onde se collocaram dois meninos de 10 para 11 anos com açafatas de flores, no felicíssimo dia 17 do corrente, lançando-as sobre os coches, que conduziram Suas Majestades Imperiais, sendo que nas noites de iluminação foram os meninos substituídos por vasos de flores.

“No canto da rua do Sabão se elevou um arco triunfal, e dos ornatos destacava-se, entre outros dísticos contendo versos, o seguinte:

*Ardentes votos attendidos forão;
Hes nossa, hes do Brasil, Princesa Augusta;
As pompas de Hymeneu nunca illustrarão
Laços mais bellos, União mais justa!*

“A arquivolta do arco era abrilhantada pelas 19 estrelas das Armas do Império, e aos lados da mesma pendiam de dois Gênios festões de flores. Coroava a cimalha um friso geral, em que estava gravada a inscrição:

Petro e Ameliae Populus Fluminensis Consecrat.

“Fronteiro à praça do Comércio, um lindo peristilo dórico foi erigido, em nome da Imperial Guarda de Honra, e basta dizer-se que a sua concepção foi de Grandjean de Montigny.

“No caminho de São Cristóvão, junto à ponte da propriedade do Comendador Manuel Caetano Pinto, imponente arco se erguia, e entre os dizeres, este:

*Só faltava ao Brasil p'ra ser ditoso
Amélia possuir, render-lhe cultos.
Se Pedro há feito do Brasil a Glória,
Delicias do Brasil vem ser Amélia!*

“Das homenagens prestadas pelas colônias estrangeiras sobressaía a do comércio francês, que erigiu uma coluna, a imitação de Vendôme de Paris, trabalho executado por um Sr. Augé, com o auxílio de carpinteiros da esquadra francesa, que o contra-almirante Grivel franqueou do melhor agrado.”

E aí está uma amostra do aparato decorativo com que a cidade do Rio de Janeiro recebeu a segunda Imperatriz do Brasil.

No dia imediato à sua chegada, devia a Imperatriz Amélia pôr o pé em terra.

Respeitemos, para tanto, o sabor descritivo do periódico contemporâneo, *O Diário Fluminense*:

“Enquanto Suas Majestades Imperial e Fidelíssima repousavam a bordo da fragata Imperatriz, as salvas de artilharia das fortalezas e das naus, a iluminação da cidade, os repiques dos sinos, preveniam o dia feliz 17 do corrente, em que deviam ser abençoados os votos do Augusto Imperador do Brasil.

“Entre as formosas iluminações que mencionamos, sobressaía a dos navios de guerra Imperiais, que formavam duas linhas, a saber: no poço em frente ao Paço, a Fragata Imperatriz, a nau Pedro I, as fragatas Isabel, Maria Isabel e Paraguaçu; e na parte da terra, prolongada com o Paço, as canhoneiras Grenfell, Itaparica, Pojuca, Jacuípe e Jaguaribe.

“Toda a esquadra era comandada pelo Ex.^{mo} conde de Sousel, que tinha arvorado sua insígnia de vice-almirante a bordo da Fragata Imperatriz.



Casamento de S.M.I. Dom Pedro I com a Princesa Amélia de Leuchtenberg, segunda imperatriz do Brasil (J. B. Debret, Litografia de Thierry Frères).

“Raiou o dia suspirado 17 de outubro aplaudido por salvas de artilharia e festejado por luzido embandeiramento de todas as embarcações de guerra nacionais e estrangeiras ordenadas em arco.”

Nas ruas e no largo do Paço aglomerava-se a multidão, dando vivas.

Nas janelas estavam senhoras e senhores em trajes de corte acenando com lenços brancos. Passou o cortejo sob dois arcos de triunfo, num dos quais moças com roupas festivas recitaram poesias, e no segundo ofereceram coroas de flores.

No adro da Igreja já se encontravam o bispo e seus eclesiásticos para a recepção.

A Igreja estava ricamente adornada com a exposição de seu tesouro de ouro e prata. A guarda dos arqueiros estava formada ostentando suas lanças. Só o Corpo Diplomático e os que faziam parte do cortejo tinham lugar marcado na Igreja.

Foi curta a cerimônia do casamento, durante a qual o cônego Januário da Cunha Barbosa pronunciou um belo discurso, saudando os noivos. O *Te Deum*, porém, cuja música havia sido composta pelo Imperador, foi bem mais longo.

O jovem casal ajoelhou-se sobre almofadas de veludo vermelho.

Mantinha-se recolhida a Imperatriz, porém era visível o aborrecimento do Imperador pela demora da cerimônia.

Seus freqüentes movimentos, nem sempre dos mais convenientes, demonstravam a sua impaciência.

Da Igreja, a família imperial, acompanhada da corte, dirigiu-se a um antigo claustro, anteriormente ligado ao Paço, e chegou à sala do trono.

O jovem par dirigiu-se a um dossel, bordado a ouro, onde se realizou a cerimônia do beija-mão, depois da qual seguiram os convidados para o salão de jantar, onde lhes foi servida, em pequenas mesas, somente a sopa. Os outros pratos, em avul-

tado número, estavam à disposição dos convidados para se servirem.

A família imperial foi servida por camaristas e pagens.

O Imperador falou muito e fez muitos brindes com *champagne*.

O casal imperial permaneceu no Paço; as crianças foram imediatamente devolvidas à residência imperial de São Cristóvão, a alguns quilômetros do centro.

O príncipe Augusto e seus familiares hospedaram-se numa residência própria, situada na vizinhança.⁽¹⁾

Como começava a escurecer e nenhuma carruagem aparecia, o conde Spritz procurou Augusto nos aposentos imperiais.

Encontrou Dom Pedro, sem nenhuma cerimônia, metido em calças de algodão amarelo.

“Quando soube que a carruagem não havia chegado, correu para a janela, abriu-a violentamente com palavrões, e assobiou com toda a força sobre os dedos na direção da estribaria”.

O resultado foi imediato, pois logo surgiu a carruagem desejada, com quatro mulas.

Quando chegaram no quarteirão ao lado de São Cristóvão, o mordomo manifestou grande embaraço porque não havia contado com a chegada prematura dos hóspedes. Dom Pedro, só, e desorientado, nada havia programado.⁽²⁾

A bela vivenda de São Cristóvão

O andar térreo era ocupado por uma grande sala de jantar.

(1) Adalbert Prinz von Bayern, *Die Herzen der Leuchtenberg* (Os corações dos Leuchtenberg), Prestel Verlag, Munique, 1963.

(2) Adalbert Prinz von Bayern, *op. cit.*

No primeiro andar encontrava-se o quarto do príncipe Augusto, e no segundo foi alojada a sua comitiva.

Cedo, pela manhã, apresentou-se a criadagem que, do mordomo ao servidor inferior, se compunha de trinta pessoas.

É costume brasileiro que todo o trabalho seja fundamentalmente executado pelo negro.

Somente na estribaria havia doze cavalos, o mesmo número de mulas, e, para atendê-las, dezessete pessoas vestidas de verde, com galões dourados nos chapéus.

Quatro mulas eram destinadas ao carro de dois lugares do Duque, e duas a uma carruagem de menores proporções: três montarias estavam à sua disposição, e outras três para seus camareiros.

Quando Spritz despertou, viu diante de si um espetáculo encantador.

“O magnífico vale de São Cristóvão com suas inúmeras residências campestres, e jardins de luxuriante vegetação, estendia-se do Palácio, mercidamente denominado *Quinta da Boa Vista*, até os subúrbios, e era limitado pela baía e as montanhas do Corcovado. Um rochedo no Saco do Alferes limitava o panorama do lado da cidade, e do seu porto.

Do outro lado viam-se: o Campo de São Cristóvão, um convento construído sobre uma colina, hoje um quartel, e uma parte da baía, com diversas ilhas.

Na mesma tarde voltaram à cidade para uma grande recepção que se iniciou às 12 horas.

Augusto, recebido com honras militares, foi acompanhado por uma escolta de cavalaria e uma tropa de granadeiros.

No largo do Paço, no meio da multidão que tudo admirava, estavam as carruagens do Corpo Diplomático e dos membros da Casa Imperial; os arqueiros guarneciam as escadas.

O casal imperial esperava nos salões, rodeado de mais ou menos trinta damas de honra, com vestidos iguais, verdes,

com caudas bordadas a ouro e toucados brancos com plumas e enfeites verdes. Todas as outras pessoas esperavam em salas diferentes o início do beija-mão. Augusto, mais tarde, informou a mãe de que "*l'un et l'autre*" pareciam felizes e a irmã estava com "*une mine charmante*".

As doze horas em ponto troaram os canhões e foi hasteada uma gigantesca bandeira com as armas brasileiras na praça do Palácio. Seguiram-se as bandeiras de todos os navios mercantes e de guerra.

Soaram salvas de 21 tiros. Era o sinal do início das festividades.

Dom Pedro e Dona Amélia subiram ao trono, no salão de honra, com as crianças ao lado.

O desfile para o beija-mão foi aberto pelo Corpo Diplomático estrangeiro, seguiram-se os brasileiros, e todas as pessoas que estavam com trajes adequados, especialmente o grupo de civis e militares, de todos os graus.

A cerimônia durou umas duas horas.

As altas personalidades retiraram-se e visitaram a Igreja de N. S.^a da Glória do Outeiro, especialmente venerada por Dom Pedro.

No dia 7 de dezembro Dom Pedro pôs toda a família em perigo. Regressando do Palácio de São Cristóvão, dirigia ele, conforme era sua paixão, dois fogosos cavalos, que, na rua do Lavradio, tomaram o freio nos dentes. A carruagem virou, atirando os ocupantes para fora. Augusto fraturou o braço direito, Pedro I duas costelas, Maria da Glória sofreu escoriações e Amélia só teve o susto.

Augusto informou a mãe do ocorrido. O médico Casanova havia encanado o braço e feito uma sangria, e ele não tinha dores, nem febre.

D. Amélia permaneceu ao lado do irmão, cuidando dele, que melhorou logo, assim como D. Maria da Glória.

No dia 1.º de janeiro, Augusto anunciou à mãe o seu próximo regresso, quando passaria pela Bahia e Pernambuco, em direção a Brest.

No dia 20 de janeiro ele abriu, com a irmã, o grande baile em regozijo pelo restabelecimento da família.

Nele conquistou D. Amélia todos os corações, sendo o primeiro e último baile a que assistiu a jovem Imperatriz.⁽¹⁾

Vários foram os atos de Pedro I, como sinal de regozijo pelo seu feliz consórcio, destacando-se o avultado número de promoções nas classes armadas e no funcionalismo público, e as condecorações prometidas e conferidas.

Ao novo cunhado, que dentro em pouco tempo seria também seu genro, como esposo da Rainha de Portugal, conferiu-lhe o Imperador o primeiro título de Duque que o Império possuiu, pela seguinte Carta:

“O Príncipe de Eichstaedt, e duque de Leuchtenberg, Amigo: Eu D. Pedro Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Império do Brasil vos Envio muito saudar como aquele que eu muito amo e Prezo. Tendo-Me sido extremamente grata a vossa vinda a este Império na ocasião afortunada de Meu Faustoso Consórcio com a Princeza Amélia de Leuchtenberg, vossa Irmã, hoje Minha muito Amada e Prezada Mulher: E desejando, em atenção às altas qualidades que vos distinguem, Mostrar, por um testemunho, que dure na memória dos homens, o puro afeto que vos Consagro, e a justa estimação que Faço de vossos sublimes méritos e virtudes: Hei por bem e Me Praz Conferir-vos o Título de duque de Santa Cruz com o tratamento de Alteza Real. Nosso Senhor vos haja em Sua Santa Guarda.” Escrita no Palácio da Boa-Vista em cinco de novembro de mil oitocentos e vinte nove, oitavo da Independência e do Império. *Imperador*, com guarda: José Clemente Pereira.

(1) Adalbert Prinz von Bayern. *Op. cit.*

No recolhimento da família, no íntimo aconchego do Paço, uma cena doméstica refletia os bons augúrios com que era recebida a Imperatriz Amélia, aquela que, excelente e dedicada esposa, procuraria ser, com abundância de coração, a mãe de seus enteados.

Dona Januária, em nome dos órfãos de Dona Leopoldina, recitou-lhe estes simples quanto expressivos versos, da lavra do Cônego Boiret, capelão-mor do Exército:

*Qu'il est cher, qu'il est doux
Au nom qui sur la terre
N'existait plus pour nous,
Le tendre nom de mère.*

*Je le croyais perdu,
Ce charme de la vie,
Mais il nous est rendu
Par vous, Belle Amélie.*

*Qu'il nous soit donc permis
De dire à Notre Mère,
Nous vous serons soumis
Tout comme à Notre Père.*

*Du respect de l'amour
Et de l'obéissance,
Vos enfants dans ce jour
Vous donnent l'assurance.*

*Leurs coeurs jusqu'à présent
Étaient tout à leur Père;
La moitié maintenant
Appartient à leur Mère.*

*Pour ces engagements
Que nous venons de prendre,
Donnez à vos enfants
Le baiser le plus tendre.*

Efetivamente, Dona Amélia passou a demonstrar o maior carinho pelos enteados e são bem conhecidas várias de suas cartas aos mesmos. Entre elas, merece ser lembrada a que narra aos enteados a morte de D. Pedro I.

Lxa, 29 de 7bro 1834

“M^a. chara filha: eu te escrevo com o coração retalhado de dor, não sabendo verdadeiram^{te} como te anuncie o terrível acontecimento que me torna desgraçada p^a. todo o resto de m^a. vida!!! Admiras-te de se passar tanto temp^o sem receberes notícias m^{as}, o que depreendo de vossa boa carta de 7 de junho que (?) recebi os dias passados (sic) ai de mim, o estado de teu infelis Pai, q. de dia em dia se tornava peor, era a causa de meu silencio, pr. q. eu não o deixava e me esforçava incessantem^{te} em provar-lhe p^r meus cuidados e ternura q^{to} o Amava! M^{as}. supplicas forão vâas, os socorros da arte inuteis! Deus quis chamal-lo a si!!!

“Ele expirou em meus braços no Palacio de Queluz a 24 de 7 bro, pelas 2 1/2 horas da tarde, depois de longos e crueis sofrim^{tos}. q. suportou com huma resignação e piedade edificante! Não se illudindo nunca a resp^{to} de seu estado, se preparou p^a. a morte, e fes suas disposiçoens alguns dias antes do fatal momento, em q. roubado a sua esposa afflicta, e a seus pobres filhos, passou p^a. hua melhor vida. Morreu como hum Santo Martir, e Philosopho Christão, e jamais houve hua morte tão tranquillã! Está no Céo presentem^{te}; meus charos filhos, junto de vossa excelente Maj e de vossa boa irmã Paula, e roga p^r. nós.

“Elle prometeu e disse tão bem p^a. vos escrever q. no seu leito de morte ainda vos abençoava!!

“Elle agora está no Céo, e D^s o terá indenizado multiplicadam^{te}, de todos os sofrim^{tos} q. teve na terra. Nós, eu sua infelis viuva, e vós todos seus infelizes filhos [*esta palavra está riscada*], orphãaos, somos dignos de compaixão; p^r. q. perdemos o nosso melhor amigo e Protector! Rogai e chorai comigo meus infelizes f^{os}, e D^{us}. tenha piedade de nós.

“No dia 27 a noite teve lugar o enterro vosso Paj foi depositado na Igreja do antigo Convento de S. Vicente, junto de seus Avós; seu coração, será transportado p^a. o Porto seg^{do}

sua última Vontade. Em seu testam^{to} tão bem me nomeou Tutora de todos vós, meus bons filhos; e este signal de seu affecto me tocou m^{to}, p^r q. ele sabia apreciar o q. eu vos tinha. Quanto serei felis de poder ver meus amados f^{os} p^a vos provar ao menos q. vós ainda tendes hua Maj. q. vos ama e quer votar-se a vós. Porem de longe como de perto eu não pensarei e não me ocuparei senão de vós, pedindo a D^s q. velle sobre vós, e q. me dê força para viver até q. eu tenha a consolação de vos tornar a ver, de vos abraçar, e abençoar. Tende sempre em lembrança vosso bom Paj; e seu espirito vos guie e aclare em todas as vossas acções.

Minha chara e boa Januaria, como não tenho tempo de escrever a teu Irmão, e a tua Irmãa, mostra-lhes esta carta, q. será também p^a elles, e abraça-os de m^a p^{te}, guardando p^a ti hum terno beijo.

“De tua affectuosa e infelis mãe e amiga. *Amelia.*”(1)

(1) Coleção do Museu Imperial de Petrópolis.

2 – PARTIDA DE DONA AMÉLIA DO BRASIL

As discórdias políticas parecem ceder um momento, diante da felicidade completa, exuberante, do jovem monarca, enfim e para todo o sempre conquistado às suaves venturas de um lar bem organizado.

Na velha quinta da Boa Vista algumas reformas se tinham feito para lhe melhorar o aspecto e mais dignamente receber a D. Amélia. Embelezaram as salas, vitrais e finas decorações alegraram o ambiente; o mobiliário foi melhorado. D. Amélia, apesar dos seus 17 anos, inspeciona a casa como boa *menagère*; introduz um pouco de etiqueta naquela corte burguesa. Um sopro de mocidade e de alegria perpassa através das vetustas árvores da Quinta.

A sociedade se apura na arte de vestir e de receber; o paço de São Cristóvão se abre para elegantíssimos saraus, onde as damas ostentam as últimas criações da “alta costura parisiense”.

Quantas, entre as nossas bisavós, lá estiveram, fascinantes de graça e de mocidade, adornadas com diamantes de tal valor que mereceram referências de quantos europeus ilustres que então nos visitaram. Os homens trajavam fraque de gola alta e calções claros, à moda inglesa.

As nossas avós envelheceram, morreram, e hoje, de toda aquela sociedade brilhante, resta-nos apenas um nome antigo

a respeitar, e, nas famílias conservadoras, jóias e objetos, únicos remanescentes das gerações que já se foram.

Entretanto, curto foi esse repouso entre as tempestades que o precederam, e as outras, mais violentas ainda, que lhe iriam suceder.

Enquanto D. Pedro se incompatibiliza cada vez mais com a nação, os negócios de Portugal o empolgam.

D. Pedro sonha restituir o trono a sua filha. Pouco a pouco a idéia cresce no seu cérebro, e conseqüentemente ele se sente cada vez mais desligado dos negócios do Brasil, onde, por mais que se esforçasse, não conseguia agradar a ninguém, destituídas as boas vontades pelo veneno corrosivo da desconfiança.

Exigem dele mudança de ministério, mas ele recusa, pois *“tudo quer fazer para o povo, porém nada pelo povo”*!...

Então a tropa amotinada se concentra no campo de Sant'Ana, e o isolamento se faz em torno dele; o próprio batalhão do Imperador abala de São Cristóvão e confraterniza com a tropa.

Madrugada de 7 de abril de 1831

O paço de São Cristóvão está quase deserto. Presentes os representantes das nações amigas e velhos servidores do Imperador.

D. Amélia, debulhada em lágrimas, presentindo uma tragédia, passeia pelas salas sombrias do Palácio. D. Pedro, calmo, sereno, quase contente, porque o momento é difícil, angustioso e bem se enquadra nas proporções grandiosas de sua personalidade. Entra Miguel de Frias, que comunica ao Imperador não ter sido encontrado o Senador Vergueiro, procurado para formar um novo ministério.

D. Pedro não diz uma palavra; senta-se e traça com letra firme a sua abdicação.

Entrega-a ao Major, dizendo-lhe: — “Eis a minha abdicação. Estimo que sejam felizes; eu retiro-me para a Europa,

deixando este país que tanto amei e amo ainda. Prefiro descer do trono com honra, a reinar aviltado... O meu filho tem sobre mim a vantagem de ter nascido no Brasil”.

Depois vem aquela cena comovedora, quando Ele e D. Amélia vão ao quarto dos príncipes adormecidos para lhes dizer o último adeus.

Um criado suspende o candelabro à altura dos pequeninos rostos. D. Pedro, que sempre foi o mais afetuosos dos pais, longamente contempla as suas filhinhas D. Januária, D. Paula, D. Francisca. Beija-lhes os cabelos! Depois, longamente contempla o seu filho, já àquela hora, 2.º Imperador do Brasil! Tanto melhor, balbucia D. Pedro; ele terá as qualidades de equilíbrio que me faltavam para governar o meu povo.

D. Amélia, dominada por intensa comoção, desata do pescoço a cruz de brilhantes, primeiro presente de D. Pedro em terra brasileira; beija a cruz e esconde-a debaixo do travesseiro do príncipezinho, como recordação daquela que lhe tinha querido servir de mãe, e que o deixava duas vezes órfão aos cinco anos.

Ao partir do Brasil, onde ela encontrou o amor e a felicidade que Dom Pedro tão bem lhe soube dar, o seu coração sensível sofreu em deixar órfãos os filhos daquele que ela tanto amou, e apareceram na imprensa estas páginas comovedoras⁽¹⁾:

Adeoses
da
Imperatriz Amélia
ao
Menino Imperador
adormecido

Adeos, menino querido, delicias da minha alma, alegria dos meus olhos, Filhinho que meu coração tinha adoptado! adeos, para sempre! adeos!

(1) Transcrevemos na íntegra, com a ortografia da época do original que possuímos. Rio de Janeiro. Typografia de R. Ogier. Rua da Cadeia, 140. 1831.

O quanto és formozo n'este teu repouso. Meus olhos chorosos não se podem faltar de te contemplar ! A Magestade de huma Coroa, a debilidade da infância, a innocencia dos Anjos cingem tua engraçadissima fronte de hum resplendor myste-rioso, que fascina a mente.

Eis o expectaculo mais tocante que a terra pôde offerecer. Quanta grandeza, quanta fraqueza a humanidade encerra representadas por huma criança ! huma corôa, e hum brinco ! hum trono e um berço !

A purpura ainda não serve senão para estôfo, e aquele que comanda exercitos e rege hum Imperio carece de todos os desvelos de huma mãe.

Ah ! querido menino, se eu fosse tua verdadeira mãe, se minhas entranhas te tivessem concebido, nenhum poder vale-ria para me separar de ti ! nenhuma força te arrancaria dos meus braços. Prostrada aos pés daquelles mesmos que abandonarão meu espozó, eu lhes diria entre lagrimas ! não vedes mais a mim a Imperatriz, mas huma mãe desesperada. Permitti que eu vigie o vosso thesouro. Vós o quereis seguro e bem tratado; e quem o haverá de guardar, e cuidar com maior devoção ? Se não posso ficar a título de mãe, eu serei sua criada; ou sua escrava !!!

Mas tu, Anjo de innocencia, e de formozura, não me pertences senão pelo amor que dediquei a teu Augusto Pai. Hum dever Sagrado me obriga a accompanhal-o no seu exílio, a trazer os mares, as terras estranhas ! Adeos pois, para sempre ! adeos !

Mães Brasileiras: Vós que sois meigas, e afagadoras dos vossos filhinhos a pár das rolas dos vossos bosques, e dos beija-flores das campinas floridas, suppri minhas vezes; adoptai o Orfão-Coroado, e dai-lhe todas hum lugar na vossa familia, e no vosso coração.

Ornai o seu leito com as folhas do argusto Constitucio-nal ! embalsamai-o com as mais ricas flores da vossa eterna

primavera: entrançai o jasmim, a baunilha, a rosa, a angelica, o cinamomo para coroar a mimoza testa, quando o pezado diadema d'ouro a tiver machucado.

Alimentai-o com a ambrosia das mais saborosas frutas; a atta, o ananás, a canna melliflua; acalentai-o à suave entoadada das vossas maviosas modinhas.

Afugentai longe de seu berço, as aves de rapina, a sutil vibora, as cruéis jararacas, e também os vís aduladores, que envenenão o ar que se respira nas Côrtes.

Se a maldade e a traição lhe prepararem siladas, vós mesmas armai em sua defeza vossos espozos com a espada, o mosquete e a bayoneta.

Ensinai á sua voz terna as palavras de misericórdia que consolão o infortunio, as palavras de patriotismo que exaltão as almas generosas, e de vez em quando sussurrai ao seu ouvido o nome da sua mãe d'adopção.

Mães Brasileiras, eu vos confio este preciosissimo penhor da felicidade de vosso paiz, e de vosso povo: ei-lo tão bello e puro como o primogenito d'Eva, no paraiso. Eu vo-lo entrego. Agora sinto minhas lagrimas correr com menor amargura.

Ei-lo adormecido. Brasileiras ! Eu vos conjuro que o não acordeis antes que me retire. A boquinha molhada do meu pranto, ri-se à semelhança do botão de rosa ensopado com o orvalho matutino. Elle se ri, e o pai e a mãe o abandonão para sempre.

Adeos Orphão-Imperador, victima da tua grandeza antes que a saibas conhecer. Adeos Anjo d'innocencia e de formozura ! adeos ! toma este beijo ! e este . . . e este último ! adeos ! para sempre ! adeos !⁽¹⁾

(1) Como ella desejaria acarinhar esse Menino Imperador adormecido, preencher o vazio imenso da sua orfandade, afagar-lhe os cabelos loiros, e murmurar-lhe ao ouvido as palavras de ternura que só uma Mãe sabe dizer.

Dona Amélia, embora muito jovem, já sentia dentro de si as vibrações do amor materno, porque levava do Brasil o fruto do seu grande amor. A princesa brasileira Dona Maria Amélia.

3 – NASCIMENTO DE D. MARIA AMÉLIA

No dia 1.º de dezembro de 1831, em Paris, Dona Amélia deu à luz a uma “*superbe petite fille*”.

O rei dos franceses Luís Filipe e a rainha M. Amélia sua esposa seriam os padrinhos.

A rainha veio no dia seguinte com Madame Adelaide (irmã do rei) trazer seus votos de felicidade.

Dom Pedro I foi às Tulherias com a sogra, retribuir a visita.

Carta de Dom Pedro I a seu filho Pedro II anunciando-lhe o nascimento de Maria-Amélia:

“A. S. M. I. o Imperador do Brasil

“Meu Irmão e meu querido Filho. A divina Providência quiz aliviar a saudade que o meu coração paternal sente na separação de V. M. I., dando-me mais huma Filha, e a V. M. I. mais huma irmã e hum sudito, na Infanta do Brasil D. Maria Amélia que a Minha, sôbre todas presada Mulher, a Duquesa de Bragança, deu à luz no dia 1.º do corrente Dezembro, com o mais feliz successo. Este dia de recordações gloriosas para a Nossa Augusta Família, assim na Europa, como no Brasil, e véspera de feliz natalício de V. M. I., parece ter sido escolhido pela Providência para reunir em um tão curto espaço, tantos objetos dignos de inspirar até as mais ternas emoções. Penetrado dos suaves sentimentos que elles lhe ins-

pirarão. Cumpro com o dever sagrado de comunicar a V. M. I. aquele acontecimento; e acompanhando esta comunicação com a expressão sincera dos vivos desejos que Tenho de que o Céu encha de prosperidade a Pessoa e o Imperio de V. M. I., sou com o mais cordeal amor.

“Meu Irmão e mui querido Filho,

“De V. M. I.

“Afeiçoado Irmão e extremo Pai.

“Paris, 4 de Dezembro de 1831.”

“Para José Lino Coutinho, Ministro d’Estado da Repartição dos Negocios do Imperio do Brasil

“Illm^o e Exm^o Snr.

“Sua Magestade o Imperador D. P. I. e Duque de Bragança, meu Augusto Amo, tendo já participado à Regencia do Imperio do Brasil o faustosíssimo acontecimento do Nascimento de huma Princesa que Sua Magestade a Imperatriz D. Amélia e Duquesa de Bragança, Sua presada consorte, felizmente deu à luz, no já tão memorável dia 1^o de Dezembro e que recebeu os nomes de Maria-Amélia ordenou-me o mesmo Augusto Senhor de transmitir ao Exmo. Ministro do Brasil, nesta côrte, tanto a mencionada participação, como uma certidão, em publica forma, da Acta do mencionado Nascimento extraida dos registos da respectiva Municipalidade e assim uma copia semelhantemente legalizada do Auto, que se lavrou por ocasião daquele venturoso successo: Autoriza-me agora Sua Magestade a enviar directamente a V. Excia. huma segunda via dos precitados Documentos, em ordem a evitar o trans-torno, que aconteceria, se acaso se desencaminhasse a primeira.

“Congratulando-me com V. Excia. por hum acontecimen-to, que augmentando o numero de membros da Familia Im-

perial, nos deparou mais hum seguro penhor da perpetuidade da Augusta Dynastia, que, por fortuna nossa impera no Brasil. Aproveito esta primeira ocasião para oferecer a V. Excia. os respeitosos protestos da minha mais subida consideração.

“Deus guarde a V. Excia. Paris, em 16 de Dezembro de 1831

Marquês de Barbacena.”

Deixando Maria Amélia com apenas 20 dias de nascida, Dom Pedro I desejava iniciar sua expedição a Portugal.

Augusta⁽¹⁾ assim se exprime:

“Permita Deus que ele tenha êxito. Ele tudo arrisca por sua filha⁽²⁾, que parece ser uma boa criança. Uma rainha, todavia, precisa de qualidades acentuadas que não descubro nela, de maneira que seu governo não promete muito, si ela chegar a ele.

Amélia faz o que é realmente possível para modificá-la, porém nesse particular não encontra colaboração.”

A meia-irmã de Maria da Glória, causa anterior do choque, Isabel de Goiás, é muito mais do seu agrado.

“Uma criança encantadora que não se pode deixar de amar — Que pena que a rainha não seja como ela”.

No baile da Corte, com o Conde das Tulherias, Amélia já esteve presente, e no dia seguinte, sua filhinha batizou-se oficialmente na Capela das Tulherias.

O rei e a rainha iam de cada lado da dama da Corte, que carregava a Criança envolta em rendas.

Os padrinhos a presentearam com pulseiras de pérolas, nas quais estavam suas miniaturas rodeadas de brilhantes.

(1) Mãe de D. Amélia.

(2) Maria da Glória.

Dois dias depois realizou-se um baile na Corte com 1.500 convidados.

A pequena rainha Maria da Glória dançou de acordo com a sua linhagem e posição e Dona Amélia procurou dominar seu sofrimento devido à próxima partida do marido, para uma aventura cheia de incerteza.

“Que será dele, se a expedição não tiver êxito” (escreve Augusta a seu filho).

“Quê podem esperar os portugueses de uma rainha que atingirá a maioridade aos dezoito anos?...”(1)

AUTO DE NASCIMENTO DA PRINCESA
D. MARIA AMÉLIA DE BRAGANÇA E LEUCHTENBERG

Prefecture du Departement de la Seine
Ville de Paris — Année 1831

Du Premier Décembre 1831, à six heures du soir.

Acte de naissance de Dona Maria Amelia Augusta Eugenia Josefina Luiza Theolinda Eloi Xavier de Paula Gabriela Rafaela Gonzaga; née aujourd'hui à deux heures vingt minutes du soir, à Paris, en un hotel situé rue de Courceles, n.º 10 de cet Arrondissement, fille de Sa Magesté l'Empereur Don Pierre premier, Duc de Bragança, Brésilien habitant présentement à Paris, le susdit hotel situé rue de Courceles n.º 10, et de sa Magesté l'Impératrice Amélie Augusta Eugénie, née Princesse de Leuchtenberg, Duchesse de Bragança, son Auguste Espouse aujourd'hui Brésilienne.

(1) Adalbert Prinz von Bayern. *Die Herzen der Leuchtenberg* (Os corações dos Leuchtenberg). Prestel Verlag — Munique, 1963.

L'enfant présenté a été reconnu être du sexe féminin.

Déclaration faite devant nommé Charles Gabillon propriétaire, chevalier de la légion d'honneur, adjoint du Maire du premier arrondissement de Paris par l'auguste Père de l'Enfant, en présence de son Excellence Monseigneur Joseph Joachim da Rocha, membre du Conseil de Sa Magesté l'Empereur du Brésil et son envoyé extraordinaire le Ministre Plénipotentiaire près de la cour de France grand dignitaire de l'ordre Impérial Brésilien de la croix du Sud âgé de cinquante quatre ans, demeurant à Paris, rue de Clichy n.º 87 de cet arrondissement et assisté de Charles Auguste Mercier, comte de Flahaut de la Billarderie, Pair de France lieutenant général, Envoyé Extraordinaire et Ministre plénipotentiaire de sa Magesté Louis Philippe, Roi des français, près de la Cour de Prusse, grand officier de la légion d'honneur etc, âge de quarante six ans, demeurant à Paris rue de la Charte n.º 2.

Ambroise Anatole Augustin, Comte de Montesquieu, maréchal de Camp, grand officier de la légion d'honneur, chevalier de l'ordre du mérite militaire de Bavière, âgé de quarante trois ans, demeurant à Paris, rue de Monsieur n.º 12 dixieme Arrondissement l'Auguste Père ont signé avec nous, après lecture faite.

Signé: *Empereur D. Pedro premier, duc de Bragance, Le Chevalier Rocha, Comte Anatole de Montesquieu, Mercier de Flahaut et Gabillon, adjoint*

et en bas Auguste Amélie et

Infanta D. Ana de Jesus Maria.

AUTO DE BATISMO DE PRINCESA
DONA MARIA AMELIA DE BRAGANÇA E LEUCHTENBERG

Paroisse

Paroisse de Saint-Philippe et Saint-Jacques de Roule, de Paris

CERTIFICAT DE BAPTÊME

Le jeudi, premier Décembre mil huit cent trente et un, vu la permission accordée en 30 Novembre dernier par Monseigneur l'Archevêque de Paris a été ondoyée à domicile par nous soussigné premier vicaire de la paroisse de St. Philippe de Roule Dona Maria Amelia Augusta Eugenia Josefina Luiza Theolinda Francisca Xavier de Paula Gabriela Rafaela Gonzaga, née aujourd'hui à deux heures vingt cinq minutes du soir, à Paris, en un hotel situé rue de Courcelles n.º 10, sur cette paroisse, fille de Sa Magesté l'Empereur Dom Pedro I, Duc de Bragance, brésilien, le susdit hotel situé rue de Courcelles n.º 10 et de sa Magesté l'Impératrice Amélie Auguste Eugénie, née princesse de Leuchtenberg, Duchesse de Bragance son Auguste Epouse, aujourd'hui brésilienne. Etaient presents son Excel. Monseigneur Joseph Joachim da Rocha membre du Conseil de sa Magesté l'Empereur du Brésil et son envoyé extraordinaire et Ministre Plenipotentiaire près la Cour de France, grand dignitaire de l'ordre Impérial Brésilien de la Croix du Sud agé de cinquante quatre ans, demeurant à Paris, rue Clichy n.º 27; Sa Seigneurie Charles Joseph Auguste Mercier, comte de Flahaut de la Billarderie, et ministre plenipotentiaire de sa Magesté Louis Philippe Roi des Français, près la Cour de Prusse, grand officier de la légion d'honneur agé quarante six ans, demeurant à Paris, rue de la Charte n.º 2; Mercieur Ambroise Anatole Augustin, Comte de Montesquieu Fesensac, Maréchal de l'ordre

Militaire de Bavière, âgé de quarante trois ans, demeurant à Paris rue de Monsieur n.º 12, Mr. Luis Marie Baptiste, Baron Athalin, maréchal de camp, aide de camp de Sa Magesté le roi des Français, grand officier de la légion d'honneur, demeurant au palais de Tuilleries à Paris, M. Antoine François Henri Lefebvre de Vatismeil, avocat, membre de la chambre des députés de France demeurant à Paris, rue Richer n.º 3 bis, Son Altesse Royale Madame Auguste Amélie, duchesse douairière de Leuchtenberg et princesse de Lirstad, née Princesse de Bavière, demeurant à Paris rue de Courcelles n.º 10, son Altesse Royale Madame l'Infante de Portugal, Dona Anna de Jesus Maria; Lesquels ainsi que l'Auguste Frère et l'Auguste Mère de l'Enfant ont signé avec nous.

Empéreur Dom Pedro premier, duc de Bragançe
Impératrice Dona Amelie, duchesse de Bragançe
Augusta Amelia — Infanta Dona Ana de Jesus Maria
Comte de Flahaut
L. de Vatismeil
Le Chevalier de Rocha
Baron Athalin
Le Comte Anatole de Montesquieu

P. Mohoguier

1.^{er} VICAIRE DE ST. PHILIPPE

Paris le 20 Décembre 1831

P^e. Mohoguier

1^e. Vicaire de St. Philippe de Roule pour M. le Curé, malade.

Vu pour Législation de la Signature Mr. Mohoguier d'autre part, par nous Vicaire Général de Mng^r. l'Archevêque de Paris.
Paris le 21 Décembre 1831

a (ilegível)

a (ilegível)

II

NOTÍCIA BIOGRÁFICA
sobre
SUA ALTEZA IMPERIAL
DONA MARIA AMÉLIA
DE BRAGANÇA,
Princesa do Brasil

Leipsig 1857

L'imprimerie de B. G. Teubner

NOTICE BIOGRAPHIQUE

6011

SON ALTESSE IMPÉRIALE

DONA MARIE - AMÉLIE

DE BRAGANCE,

PRINCESSE DU BRÉSIL.

LEIPSIC 1857.

L'IMPRIMERIE DE D. T. TUBNER

Frontispício da "Notícia biográfica".

I

No dia 4 de fevereiro de 1853 morreu, em Funchal, na ilha da Madeira, a Princesa Maria Amélia, filha do finado Imperador do Brasil, Dom Pedro I e da Imperatriz D. Amélia Augusta de Leuchtenberg.

Favorecida de todos os dons da fortuna, da mocidade e da beleza, a Princesa Maria Amélia deixou a vida com a calma e a piedosa resignação de uma santa.

Esta morte foi o término doloroso e sublime de uma educação esmerada — educação cristã na sua mais alta perfeição.

Relembrar as qualidades eminentes desta Princesa para a consolação dos que a amaram e a choram, revelar virtudes ignoradas, para o exemplo e edificação de todos, — eis a razão desta breve notícia.

I

A princesa Maria Amélia nasceu a 1.º de dezembro de 1831, em Paris, por ocasião da permanência do Imperador nessa cidade, depois de sua abdicação.

Dona Maria Amélia, predestinada a uma glória tão pacífica e pura, viu a luz do dia, entre agitações políticas da França, numa terra estrangeira, longe do país de seus antepassados.

Seu nascimento, entretanto, foi cercado de demonstrações de grande simpatia. A Senhora Duquesa de Leuchtenberg⁽¹⁾,

(1) Princesa Augusta Amélia, avó de Maria Amélia, era filha de Maximiliano José I, rei da Baviera. Casou-se em 1806 com Eugénio de Beauharnais, filho de Josefina. Era este, pois, enteado de Napoleão, Imperador dos Franceses.

viúva do Príncipe Eugênio, tinha chegado da Baviera, a fim de prodigalizar seus desvelos aos filhos.

Foi com suma alegria que Dom Pedro fez a apresentação da filha aos Ministros do Brasil e de Portugal, chamados para testemunhar o nascimento da Princesa; — a piedosa rainha dos Franceses deu-lhe na pia batismal os suaves nomes de Maria Amélia. Nem se fala das alegrias maternas: Deus dotara o coração da Imperatriz de um tesouro de amor e dedicação, só d'Ele conhecidos.

O Imperador, pouco tempo depois do nascimento de Maria Amélia, partiu para Portugal, deixando na França sua jovem família. Desde então, a Imperatriz iniciou a vida reclusa e de graves meditações que a Providência lhe destinara.

Talvez já tivesse então concebido esse plano de educação ideal com que sonham todas as mães, e que ela soube realizar com perseverança sem precedentes, talvez por achar-se em posição tão eminente.

Maria Amélia era forte e bem constituída. Seus grandes olhos brilhavam com vivo fulgor, seus movimentos denunciavam força e saúde; o sangue meridional que lhe corria nas veias já deixava entrever um temperamento ardente e impetuoso. Cedo aprendeu a andar e precocemente balbuciou as primeiras palavras.

O traço seguinte terá talvez alguma importância para o psicólogo que procura descobrir nos primeiros gestos da infância o germen das qualidades que distinguirão o indivíduo chegado ao seu pleno desenvolvimento moral.

A princesinha ia brincar habitualmente num jardim contíguo ao palacete onde residia a família imperial. Lá, encontrou uma bonita menina de sua idade, e as duas brincavam juntas. Maria Amélia tomou-se de grande amizade pela companheira e deu-lhe o apelido português de "Chica". A hora da merenda, a governanta repartia, igualmente, entre

as duas meninas, frutas, doces e biscoitos; mas a Princesa queria que a sua companheira fosse sempre mais favorecida do que ela e, abrindo a boca de Chica, enchia-lha de tal quantidade de guloseimas que a governanta era obrigada a intervir, para moderar esses ímpetos de generosidade. Soava a hora da partida?... a Princesinha queria que a companheira levasse todos os brinquedos com que se tinham divertido tanto, e, se Chica não os aceitasse imediatamente, Maria Amélia mostrava-se muito zangada.

Tais fatos revelam natureza generosa, viva e até arrebatada. Se indicamos esses traços é para crescer a admiração que inspirará mais tarde a sua inalterável doçura.

A 3 de setembro de 1833, a Imperatriz deixou Paris para ir à Inglaterra. Depois de curta temporada em Windsor, Sua Majestade transferiu-se para Portugal. No dia 22 de setembro, a fragata em que embarcara a Imperatriz entrava na embocadura do Tejo, de onde se descortina em magnífico anfiteatro a pitoresca capital da Lusitânia. Foi então que o olhar inteligente de Maria Amélia viu, pela primeira vez, o país de seus antepassados, país que ela amará com ardente e piedosa afeição e que lhe retribuirá amor com amor.

O Imperador Dom Pedro, seguido de numeroso cortejo dos grandes de Portugal, veio a bordo da fragata receber a esposa e a filha. A recepção da Família Imperial, diz uma testemunha ocular, foi comovente. O Imperador reviu, com alegria indizível, sua pequenina Maria Amélia, cuja graça infantil o encantava.

Deixando de lado os acontecimentos políticos que perturbavam então Portugal, seguiremos o Imperador até o Palácio das Necessidades, onde a sensibilidade de sua alma, suas afeições de família tão simples e tão verdadeiras se apresentaram sob aspecto realmente comovedor.

Consagrando boa parte da manhã aos seus afazeres, assim que podia, o Imperador corria para junto da filhinha, toma-

va-a nos braços e levava-a para junto da Imperatriz. Entre a jovem Mãe e a menina, esquecendo um passado cheio de amarguras, e ignorando o futuro cheio de lágrimas, o Imperador brincava !...

Durante o dia, ia às vezes o Imperador buscar Maria Amélia e levava-a para seu gabinete de trabalho que dava para um jardim, nas proximidades de um pombal. A um aceno do Imperador, os pombos das mais variadas e raras espécies, por ele amansados, vinham em revoada pousar na janela, onde comiam nas mãos do dono. A pequena Maria Amélia, sentada numa esteira ao lado do pai, gritava de alegria, ao ver os lindos pombos de várias cores, dava-lhes ração, batia palmas ... depois, num efusão de alegria, agarrava-se ao pescoço do pai.

Essa felicidade foi efêmera. A saúde do Imperador alterava-se; os médicos aconselhavam mudança de clima. A corte deslocou-se para o castelo de Ramalhão, nas montanhas; pouco depois, transferiu-se para Queluz. Nessas sucessivas residências, a ternura do Imperador pela Princesinha era de todos notada. Nas recepções oficiais, com que garbo e alegria ele a apresentava às autoridades locais; e a criança amada e acarinhada pelo pai tornava-se objeto da atenção geral. No Palácio de Queluz, Dom Pedro quis que a filhinha ficasse no apartamento que ele próprio ocupara na infância e de que guardara tão boas recordações.

Maria Amélia indagava com o máximo interesse quem eram as personagens cujos retratos adornavam as longas galerias e salões do Palácio, e guardava-lhes os nomes com facilidade surpreendente. Conhecia as árvores, os arbustos e as flores dos jardins reais, dizia-lhes os nomes em português, francês e alemão, três línguas que aprendeu simultaneamente e com espantosa rapidez. Melhor, porém, do que esse exercício de atenção, foi o hábito que tomou desde cedo de olhar com atenção os objetos que a cercavam. Esse hábito de ver bem,

tomado em tenra idade, e muito antes que se pensasse em lhe dar lições regulares, contribuiu poderosamente para o desenvolvimento das faculdades intelectuais de Maria Amélia. Desde pequenina, revelou excepcionais dotes para a música, ouvia-a atentamente, não com a alegria buliçosa, própria de sua idade, mas silenciosa e recolhida como quem compreende a linguagem dos sons.

Na noite de 24 de setembro de 1834, Maria Amélia dormia o plácido sono da infância, quando subitamente foi carregada, mal desperta, para junto do Imperador moribundo. Tinham chegado os derradeiros momentos de D. Pedro, que lhe estendeu as mãos trêmulas para abençoá-la pela última vez. Depois, dirigindo-se à assistência, recomendou com voz quase imperceptível: “Falai sempre a esta criança do pai que a amou com afeto tão terno... que ela não me esqueça... que obedeça sempre a sua mãe... são as minhas últimas vontades...”

A emoção subjugava mais e mais o Imperador; levaram embora a criança.

Essa cena dilacerante não se apagou nunca da memória da Princesa. A figura do pai agonizante ficou-lhe gravada com traços indeléveis — como se verá — na sua imaginação e no seu coração...

.....
De ora em diante, a viúva imperial sentirá apenas silêncio e solidão.

Em vão um nobre e fiel servo que acompanhara o imperador nos dias de prosperidade e partilhara dos seus revezes, ousava articular algumas palavras de consolo, desmentidas por suas próprias lágrimas; debalde um devotamento antigo que se chegou de novo, no momento do infortúnio, oferecia o apoio de seus conselhos; para uma dor que não queria ser consolada, só havia um alívio: o cumprimento do dever.

A Imperatriz, de ora em diante, consagraria toda a sua vida à educação da filha.

2

No dia 5 de maio de 1838, uma leve fragata deixava o porto de Lisboa, levando a bordo a Imperatriz do Brasil e sua filha.

Depois de quatro anos de reclusão absoluta, D. Amélia acedeu, afinal, aos convites reiterados de sua família, e foi para a Baviera, sua pátria adotiva.

À partida da fragata, o mar estava calmo, um sol sem nuvens dourava o horizonte, a brisa refrescava a atmosfera e parecia acalmar as dores daquela mulher, tão jovem ainda, mas acabrunhada por tristes lembranças. A pequena Maria Amélia brincava junto da mãe, fazendo-lhe perguntas sobre o país que ia conhecer, distraíndo-a, assim, de suas graves preocupações. Falava-lhe a Imperatriz do palácio paterno em Munique, onde passara sua feliz infância, falava-lhe de sua mãe querida, de seu jovem irmão e de suas irmãs, pois todos esperavam, ansiosos, a sua chegada.

Essas amenas conversas foram interrompidas. Um céu que ia escurecendo progressivamente era o prenúncio de grande tempestade. O Capitão julgou oportuno ancorar no porto de Vigo.

A Imperatriz e a jovem Princesa, apenas desceram a terra, logo se viram rodeadas de uma multidão que, pressurosa, lhes oferecia flores. Os pequenos nativos pobres trouxeram grilos presos em gaiolinhas. A princesa aceitou esses singulares presentes com graça e afabilidade e distribuiu generosas esmolas. Voltando à fragata, depois de serenada a tempestade, Maria Amélia pediu a um laçao que levasse os grilos a terra, restituindo-lhes a liberdade, e os colocasse devagarinho sobre a relva; e acrescentou, em voz baixa: "Tome cuidado para não

ser visto por esses meninos tão bons que me presentearam com os grilos; eles poderiam pensar que eu fiz pouco caso do seu presente.”

Nesse gesto encantador, revela-se toda a bondade e a extrema delicadeza da Princesinha.

3

Em julho de 1838, uma sociedade brilhante achava-se reunida no Castelo de Tegernsee. Esta antiga abadia, transformada em mansão real, distante 15 quilômetros de Munique, situada num vale enquadrado por montanhas verdejantes, oferecia, nessa ocasião, um aspecto curioso. Viam-se refletidas, nas águas límpidas do lago, as vestes pitorescas dos montanheses bávaros, mescladas com os elegantes trajés das damas da Corte e os uniformes vistosos dos oficiais de diversas nações da Europa.

A Rainha-Mãe da Baviera, Frederica-Guilhermina-Carolina, tinha reunido ali toda a sua numerosa família, filhos e netos.

Nessa seleta reunião encontravam-se: a Arquiduquesa Sofia d’Austria com seus dois filhos, os arquidukes Francisco José e Ferdinando Max; a princesa real da Prússia com seu augusto esposo, que breve ocuparia o trono de Frederico o Grande; as princesas de Saxe, a rainha da Baviera e muitos príncipes e princesas desta Casa — O imperador e a imperatriz da Rússia estavam na estação de águas de Kreuth, perto de Tegernsee. A Imperatriz Amélia, viúva de Pedro I, recentemente chegada de Lisboa, com a princesa Maria Amélia, sua filha e acompanhada da Duquesa de Leuchtenberg, vieram completar o círculo de família.

A Imperatriz Amélia atraiu imediatamente a simpatia, o amor e o interesse dessa reunião de elite. As atenções voltaram-se também para a princesinha Maria Amélia, cujo olhar

vivo e espiritual era suavizado por uma expressão de bondade inata, e cuja nobre fisionomia, sob os traços ainda infantis, cativava a todos.

A Rainha Carolina, juiz esclarecido e perito em educação, comprazia-se em conversar com a menina. Nada demonstrava, no entanto, que se quisesse apressar o seu desenvolvimento intelectual. Somente, conhecendo-a melhor, se percebia, através de suas atitudes simples, ingênuas e despreziosas, a retidão das idéias e o esmero com que lhe haviam dado noções nítidas, claras, precisas sobre todas as coisas. — Maria Amélia falava com facilidade o francês, o português e o alemão. Aprendera esses idiomas pela prática, sem esforço, sem sobrecarregar sua memória e falava essas línguas, sem misturá-las, como em geral fazem as crianças.

Seus sentimentos religiosos foram dirigidos com especial atenção, de acordo com a importância dos mesmos.

Seu amor a Deus, ingênuo e fervoroso, tinha a mesma vivacidade da sua ternura filial; amava a Deus e a sua Mãe com o abandono tocante da criancinha; considerava o Pai do Céu como a testemunha de seus pensamentos, de seus jogos, de suas ações, e essa presença invisível e incessante tornava-a tão feliz quanto a presença de sua mãe querida. Sob tais influências, não havia distorções da verdade, como em geral acontece numa educação menos esmerada. Uma doce indulgência pelos defeitos inerentes à infância, prevenia, aliás, as repreensões, as punições e outros meios violentos, empregados por educadores inexperientes. Essa condescendência ponderada, que não excluía a necessidade da obediência, nada tinha de comum com a frouxidão, que é o escolho oposto na direção da juventude, e que prepara amargos arrependimentos para o futuro. A doçura unida à firmeza, o culto e o amor da verdade, sem fausto, sem ostentação, mas tudo baseado em convicções sinceras e imutáveis, tais foram os princípios reguladores da educação de Maria Amélia.

A Princesinha vivia sempre ao lado da mãe, numa atmosfera pura, donde eram excluídas as conversas fúteis, as palavras vãs, impróprias ou nocivas às crianças. A variedade dos jogos e das ocupações, a arte de interrompê-los, antes que a fadiga e o tédio viessem surpreendê-la, facilitaram para Maria Amélia os começos de sua instrução. Tão grande era o desejo que tinha de instruir-se, que constantemente era preciso re-freá-la. “Explique-me isto”, dizia com freqüência diante de um fenômeno da natureza ou de um objeto de arte até então desconhecido: “Explique-me isto!” — e, quando lhe respondiam que a explicação pedida era de difícil compreensão para a sua idade, que dentro de alguns anos o progresso de sua inteligência lhe permitiria compreender melhor, insistia com encantadora simplicidade: “Experimente, experimente assim mesmo, talvez eu compreenda”. Se cediam a tão insistentes solicitações, as inteligentes perguntas e as espirituosas observações da princesa mostravam, à evidência, que ela não presumira demais de si mesma.

Eis o primeiro esboço dessa educação modelar, cujas linhas, convergindo num harmonioso conjunto, vão desenrolar, aos olhos do observador, uma dessas obras-primas do amor materno que Deus se compraz em mostrar às vezes, para manter entre os homens a fé na grandeza primitiva de sua origem e mostrar-lhes a influência regeneradora da religião, graças à qual lhes é dado elevar-se à origem de toda a santidade.

4

A permanência da Imperatriz na Baviera foi breve. No mês de junho de 1839 Sua Majestade voltou com a sua corte. Maria Amélia foi obrigada a separar-se de sua querida ama, que lá ficou. Essa separação custou-lhe muitas lágrimas. “Não me posso consolar de não estar mais junto à minha Ama que me quer tanto bem, que me cercou de cuidados e dedicação

na minha infância” — dizia ela. As cartinhas que lhe escreveu em viagem e nos momentos disponíveis, são jóias de candura, de bondade de coração e de gratidão.

A educação da princesa, tão felizmente começada, entrava numa fase mais séria. Uma senhora com o título de Governante, um professor de Munique, outras pessoas ainda, foram sucessivamente encarregadas de sua instrução; no entanto a verdadeira formação, o desenvolvimento moral do caráter, a elevação dos sentimentos, a distinção das maneiras, mesmo o plano de estudos em todos os seus ramos, foram obra do amor materno.

Se fosse possível seguir a Imperatriz no retiro do seu palácio em Lisboa e observar, dia a dia, o progresso da interessante aluna, como seria proveitoso a outras mães; mas semelhante trabalho não seria possível.

O escultor que produz uma obra-prima no silêncio de seu *atelier* não saberia dizer os processos por ele empregados; ele mostra a estátua, e o mundo admira o gênio que ao mármore deu vida e beleza. A arte de educar, muitas vezes comparada à arte de Fídias, visa também ao ideal; mas o amor materno é o gênio das sublimes inspirações. O amor, esta emanção suprema do Belo, encontrava-se em grau eminente na alma da mãe e da filha. Uma perfeita compreensão reinava entre essas duas almas; a menina lia o pensamento de sua mãe nos olhos desta e a palavra tornava-se inútil.

Como admirar-se então do êxito?... E como defini-lo para quem não o pudesse compreender?

Todavia, é interessante relatar o caso seguinte de Maria Amélia com a idade de nove anos. No mês de setembro, as tempestades do equinócio chegam até o Tejo, e, em Cascais mesmo, as ondas são tão fortes e o mar torna-se tão revolto, que tomar banho sem um banhista é uma temeridade.

Era hábito da Imperatriz ficar à entrada da sua barraca, espreitando os movimentos da menina, confiada a um banhista.



Sua Majestade a Imperatriz do Brasil, viúva: a Senhora Dona Amélia, Duquesa de Bragança, e sua filha, S.A. Imperial a Sereníssima Princesa Dona Maria Amélia (da Coleção Galeno Martins).

Um dia, o mar estava agitadíssimo e Maria Amélia entrou assim mesmo; o banhista voltou-se assustado e disse à princesa que segurasse firme no seu braço: uma onda imensa, terrível, aproximava-se; não tinham mais tempo de voltar à praia, e num abrir e fechar de olhos, a princesa e o guia desapareceram sob as ondas !... Poucos minutos depois, o banhista reapareceu na praia, segurando a menina em seus braços; mas ela, sufocada pelo medo e pelas lágrimas, os olhos cheios de água e de areia, gritava: “Eu não tomarei nunca mais banho de mar” !...

A Imperatriz, embora emocionada, a acalmou, assegurando-lhe que já tinha terminado o número de banhos receitados pelo médico e que a menina era livre de não mais tomá-los !

Vendo que a Imperatriz se dispunha a entrar, como de costume, no mar, Maria Amélia tomou-se novamente de pânico e, prendendo a mãe com seus bracinhos, suplicou-lhe, com as palavras mais tocantes, que não se expusesse a tamanho perigo.

A Imperatriz, que receava para sua filha esses abalos nervosos tão nocivos à saúde das crianças, disse-lhe que o acidente que tanto a alarmara, não se teria dado, se ela tivesse segurado firme o braço do banhista, e que ela mesma, tomando esse cuidado, como fazia habitualmente, não correria risco algum. Dizendo isto, a Imperatriz entrou no mar. Quando voltou à barraca, Maria Amélia apressou-se em dizer com graça infantil e encantadora: “Eu refleti, tomarei ainda banhos de mar; se não os tomasse mais, o banhista poderia pensar que fiquei zangada com ele, e não quero magoar esse pobre homem”. Um terno beijo foi a recompensa dessa resolução que era, a um tempo, uma prova de domínio sobre si mesma e de delicadeza de coração.

No dia seguinte, o banho foi tomado sem nenhum acidente; e a princesa, triunfante por ter dominado aquela sen-

sação: de pavor, exclamou: “Eu não tenho mais medo, e você notou, mamãe, como o banhista estava contente?” — A Imperatriz também estava feliz; quanto não prometia para o futuro, tal força de caráter unida a tanta bondade!...

Maria Amélia voltou ainda a Munique em 1843 e, depois, em 1846.

Essas viagens repetidas não foram tempo perdido para ela: seu espírito juvenil, de formação austera, olhava, observava, raciocinava, achava nos países que visitava contrastes ou afinidades e com isso sua natural sagacidade ia se desenvolvendo. Todavia, não falaremos mais sobre as progressivas fases de sua vida, tal como as presenciámos; nós as apresentaremos como era em 1850; na partida de Munique, época em que sua educação estava praticamente terminada.

5

Uma fé ardente, uma piedade profunda, fervorosa como a de Santa Isabel de Portugal, de quem descendia, penetravam com seus raios divinos todos os pensamentos e ações desta vida tão bela. E daí emanava essa caridade tão solícita em prodigalizar socorros e cuidados aos pobres, tão disposta a se despojar de tudo para acudir a qualquer infortúnio; sempre indulgente para os defeitos dos outros, guardando a severidade só para si mesma; daí também provinha essa humildade profunda, não nas formas, mas na essência, que a fazia encarar como deveres impostos a seu futuro, e lhe mostrava um ideal de perfeição que se lhe afigura ainda longínquo; daí a sua convicção de que as ciências e as artes devem aproximar o homem de Deus, e que, transformando-as em vaidade pueril, nós desconhecemos sua origem celeste.

Quem, todavia, teria mais direitos de se envaidecer da multiplicidade de seus conhecimentos e de seus talentos do

que essa jovem princesa? Se a vaidade pudesse ter acesso numa alma de elite!

Maria Amélia falava as línguas modernas da Europa com tal perfeição, que seria difícil, mesmo a ouvidos apurados, adivinhar qual seria a sua língua materna. Ela traduzia com surpreendente facilidade de uma língua para outra os trechos de maior relevo dos grandes oradores e poetas. Esse exercício oferecia-lhe a oportunidade de estabelecer uma comparação entre as diversas literaturas e as características de cada nação.

A princesinha gostava da leitura e mostrava grande interesse pela poesia sacra. A *Messíade* de Klopstock, esse poema tão admirado pela sua reputação e tão pouco lido, mesmo na Alemanha, inspirou-lhe um perseverante interesse. A poesia profana agradava-lhe, também, quando suas formas harmoniosas e brilhantes se revestiam de pensamentos elevados ou cantavam as belezas da natureza. Maria Amélia compreendia que as Musas encantam a vida, mas não são chamadas a dirigi-la.

No plano de estudos adotado para essa educação procurou equilibrar as faculdades e não dar à imaginação um papel preponderante e excessivo: a cultura das Letras foi admitida, contanto que não atingisse nem a serenidade do pensamento, nem a pureza do coração. O romance, como convinha, foi banido. Para a leitura das obras-primas da literatura antiga ou moderna, fazia-se uma seleção de trechos, deixando para mais tarde o conhecimento do poema inteiro, quando, sem nada perder do encanto, já não apresentava perigo.

O estudo das Matemáticas dera vigor e precisão a seu julgamento. A Cosmografia e as ciências físicas, estabelecidas sobre bases sólidas, sem pedantismo, como em geral se notava na educação das jovens.

A grande ciência, entretanto, "*a ciência da vida*", foi a História. A princesa repetia muitas vezes as palavras de Bossuet: — "*Mesmo que a História se tornasse inútil aos outros homens, indispensável seria que ela fosse lida pelos príncipes*".

O discurso sobre a história universal (de Bossuet) harmonizava-se com as disposições religiosas de sua alma. Na marcha progressiva da civilização, ela se comprazia em reconhecer os caminhos de Deus.

Como foi possível, há-de se perguntar, interessar um espírito tão jovem em estudos tão árduos? Como é que o cansaço, o tédio, e mesmo certo embotamento das faculdades não foram a consequência de aplicação tão constante?

Se percebemos bem os princípios fundamentais da educação de Maria Amélia, a arte dessa educação consistiu em não cansar a inteligência da aluna com acúmulo de lições, mas sim em fazer tudo a seu tempo, sem precipitações. Terminados os exercícios de memória na idade adequada, as faculdades superiores puderam desenvolver-se livremente, sem que fossem entravadas por estudos elementares mal feitos. Foi assim que Maria Amélia percorreu sucessivamente a escala dos conhecimentos humanos. Dissemos, anteriormente, que o estudo das matemáticas deu vigor e retidão a seu julgamento; que as ciências naturais perfeiçoaram seu espírito de observação; acrescentaremos a esses dados que ela demonstrou uma aptidão não menor na arte de formular e coordenar logicamente seus pensamentos, o que levou um professor de Munique a dizer: “A princesa possui, sem saber, um talento excepcional para a dialética, aptidão que faria a fortuna de um jovem estudante de advocacia”.

Esses elogios, ou antes, essas apreciações que, felizmente, hoje nos é possível expressar aqui, jamais teria sido permitido formulá-las em vida da Princesa, mesmo sob forma velada.

Sua modéstia e simplicidade as teriam repellido como prejudiciais a seu progresso espiritual.

— “Você acha que mamãe está contente comigo?” — perguntava freqüentemente a uma pessoa de sua confiança — “e meu pai, que me olha do alto do céu, estará satisfeito com sua filha?”



*Desenho de Dona Maria Amélia (do arquivo da família imperial,
gentilmente cedido por D. Pedro de Orléans e Bragança).*

As artes ocuparam lugar preponderante nessa juventude vivida tão intensamente e foram o encanto da vida de Maria Amélia. A Princesa desenhava e pintava com graça; tinha um talento de primeira ordem para o piano, lia a música mais difícil à primeira vista e conhecia as regras da harmonia e da composição.

Um dia, em Stein, castelo da Imperatriz na Baviera, um viajante, enquanto esperava condução, passeava pela alameda central do parque, quando o som de um piano lhe chamou a atenção. Prestou atenção e reconheceu uma Sonata de Beethoven executada com uma segurança, uma precisão, um conhecimento musical que revelavam um artista consumado. O estrangeiro, surpreso, arrebatado, indaga o nome do artista que se encontra no castelo. Qual não foi sua surpresa, ao saber que o suposto profissional não era outra pessoa, senão Sua Alteza Imperial, a Princesa do Brasil!

Referimo-nos acima a Stein, castelo situado a vinte quilômetros de Munique, numa região pitoresca, onde a Imperatriz e sua filha passavam alguns meses de verão. Permanência deliciosa, cuja expectativa trazia à alma uma paz indizível; mansão hospitaleira onde, logo ao entrar, parecíamos entender, ler, ver desenhadas sobre as paredes em letras douradas, as belas palavras de Santo Agostinho: "A paz de todas as cousas é a tranqüilidade da ordem".

A elegante simplicidade do mobiliário era realçada pela nobreza e pelo fino gosto dos hábitos de seus moradores. A ausência da etiqueta fazia sobressair ainda mais a dignidade e o encanto das pessoas. Era ali que Maria Amélia descansava dos estudos, fazendo longos passeios, toda entregue aos prazeres do campo, informava-se dos trabalhos agrícolas, visitava as leiterias, os estábulos, conversava com os pobres dos quais conseguira aliviar todas as indigências.

À noite, no salão, após um dia cheio, bordava com graça e destreza sem iguais, fazendo tudo com apuro, com gosto e rara perfeição, pois tinha sempre algum presente a fazer, alguma surpresa a preparar para os seus íntimos, alguma lembrança a oferecer...

Eram, com efeito, lembranças que ela distribuía em 1850, pois a partida da Imperatriz para Portugal estava decidida. E se a separação da Duquesa de Leuchtenberg ia ser bem amarga, temperava-a um doce consolo: desta vez, a ausência seria breve.

Maria Amélia deixou a Baviera no mês de agosto de 1850 — brilhante de juventude, de graça, de saúde, feliz ante um futuro que se delineava sob esplêndidos auspícios: *uma união como desejava o seu coração*, prometia assegurar a felicidade de sua vida; ...uma coroa real lhe cingiria a fronte!...⁽¹⁾

Mas Deus tem em suas mãos onipotentes coroas de outro valor!

II

Fragmentos extraídos da correspondência da princesa Dona Maria Amélia

Essas cartas foram escritas em alemão. Nessa tradução literária (para o francês), fez-se o possível para conservar a sua encantadora simplicidade.

Antes de embarcar em Ostende, a Princesa escreveu à Senhora Z., sua antiga ama.

“Eu não lhe posso dizer, querida ama, como fiquei triste, desta vez, sobretudo por deixar Munique, por me separar da

(1) O seu casamento com Maximiliano.

minha querida Vovó e de você também... A esperança de voltar breve deveria consolar-me. Entretanto, eu me aflijo”.

Ao chegar a Portugal, a Princesa escreveu, no mês de setembro de 1850:

“Estamos instaladas em Caxias, na casa que você conhece, que é sempre a mesma, e de que eu gosto muito, porque, em todos os lugares, encontro as lembranças tão doces da minha infância. Entrando no apartamento que me foi reservado, lembrei-me imediatamente de que era o mesmo que nós ocupávamos juntas. Você se lembra do meu brinquedo predileto?... Era fazer bolas de sabão. E quando a bola, matizada de lindas cores, se elevava bem alto e vinha rebentar na parede próxima, você é que sabe quanto isto me alegrava. Por isso, você reservava esse brinquedo para os dias em que eu estava bem comportada!

“O jardim de Caxias, outrora tão bonito, hoje é a imagem da desolação. Ah! como passaram rápidos os dias felizes da minha infância!...

“Mas, falemos de outras coisas.

“Comecei vários trabalhos de agulha...” etc.

Em seguida vem a descrição minuciosa de desenhos de tapeçaria e de outros trabalhos em que tão agradavelmente se ocupava a princesa.

O 13 de maio de 1851 foi um dia de luto em Munique. A Senhora duquesa de Leuchtenberg, depois de poucos dias de enfermidade que, a princípio, não parecia grave, foi arrebatada quase subitamente ao amor da família real, à veneração da Baviera. Toda a população de Munique, ricos e pobres, confundidos na mesma dor, rodeavam o leito fúnebre da Princesa. As vozes desoladas da Baviera uniam-se às lágrimas dos filhos e netos da falecida.

A princesa Dona Maria Amélia escreveu em carta datada de 4 de junho de 1851:

“Eu não te posso exprimir a grande dor que senti ao saber da morte súbita, inesperada de minha querida vovó... As palavras são inexpressivas para descrever grandes e profundos sentimentos... eu não consigo... O sentimento de angústia que experimentei, no ano passado, despedindo-me de vovó, era então um pressentimento!... o pressentimento que eu a via, que eu a abraçava pela última vez! Vovó estava tão bem de saúde, quando partimos de Munique, que não me ocorreu o receio de perdê-la... Todavia, essa desgraça, sobre a qual eu não teria ousado deter meu pensamento... aconteceu! É horrível, horrível! Não murmuremos. Resignemo-nos à vontade de Deus que assim o quis... ”

“Vovó reuniu-se aos entes queridos que a precederam na eterna bem-aventurança; e, reunida àqueles que amou, ela goza de uma felicidade inefável com que Deus quis recompensar suas altas virtudes, sua inesgotável bondade.”

Numa carta de Caxias, em 27 de agosto de 1851, a Princesa escrevia:

“Estive em Queluz, há alguns dias e colhi para você estas folhas secas. Depois da morte de meu pai, nunca mais revira esse palácio. Não me lembrava de nada, absolutamente nada, com exceção do quarto em que meu pai morreu!... Ali, eu me lembrava de tudo. Cada objeto estava gravado na minha memória, se bem que eu só tivesse, nessa ocasião, três anos de idade! Foi com grande emoção que entrei nesse quarto! ... O leito... o leito é o mesmo ainda, no mesmo lugar, decorado com as mesmas cortinas; lá estão as mesmas colchas, as mesmas almofadas... tudo bem conservado... Ai...

“O jardim é lindo; mostraram-me um *pomar*⁽¹⁾, plantado no ano mesmo da morte de meu pai, e por ordem dele, e um plátano que meu pai plantou — ele próprio... É dessa

(1) No original vem em português mesmo — *pomar* — e acompanhada de asterisco, lendo-se ao pé da página — *Plantation d'orangers*. O pomar era, pois, um laranjal.

árvore que te envio algumas folhas. Eu sei que tu as recebê-rás como lembranças caras e dolorosas. . .

“Uma profunda tristeza me invadiu ao contemplar essas árvores que sobreviveram a meu pai e que, provavelmente, sobreviverão a todos nós. É uma imagem da fragilidade humana. O homem é o mais frágil de todos os seres; ele morre, ao passo que os objetos que pareciam criados para seu uso, atravessam os séculos! . . . Mas eu estou me desviando em melancólicas reflexões. . .”

No mês de fevereiro de 1852, algumas cartas de Lisboa informam que a princesa Maria Amélia foi acometida de uma febre escarlatina; que esta doença, menos grave nos climas meridionais, não causa apreensões; que a Princesa estaria prontamente restabelecida. . .

Algum tempo depois, recebemos a alarmante notícia de que a Princesa estava gravemente enferma, que recebera os sacramentos em viático; . . . que o perigo havia passado momentaneamente, mas que os médicos aconselhavam que ela fosse passar o inverno na ilha da Madeira.

A princesa escreveu-me, ela mesma, em 6 de julho de 1852:

“Deves ter ficado muito aflita, recebendo a carta de F. . . ; estou viva ainda, graças a Deus, embora estivesse pronta a morrer, se tal fosse Sua santa vontade. . . Pensei não ter senão poucas horas de vida. Os Santos Sacramentos proporcionaram-me grande consolação e novas forças. Houve grande melhora no meu estado e eu senti que poderia adiar para o dia seguinte a carta de despedida que te queria enviar. A morte, vista de perto, nada tem de amedrontadora, e os Santos Sacramentos difundem na alma uma total resignação à vontade de Deus, uma força maravilhosa para deixar esta terra e nos conduzir à nossa pátria celeste! . . .

“Eu dou graças a Deus por me haver prolongado a vida. Agradeço ao Todo-Poderoso, efusivamente, por deixar-me

ainda junto de minha boa e querida mãe. Que o santo nome de Deus seja louvado e bendito por toda a eternidade!

“Não chores, ao ler esta carta. Eu estou melhor. E, para te convencer da sensível melhora que experimento no meu estado de saúde, eu te direi que escrevi estas linhas sem interrompê-las um só momento, e sem me sentir fatigada.

“Adeus, e até breve, se Deus quiser!”

A 2 de agosto, a Princesa escreveu:

“Vou contar-te uma prova de amor materno que não vais estranhar... para quem conhece bem mamãe, não é nada surpreendente!... mas que te encherá do mais profundo respeito pela minha admirável mãe. Ouve:

“No outro dia, uma nuvem de mosquitos se introduziu no meu quarto de dormir, e, se bem que eu estivesse ao abrigo das picadas desses maus insetos pelo meu mosquitoeiro, seu zumbido era tão insuportável que eu não podia dormir. Mamãe, que tinha colocado sua cama ao lado da minha, para melhor me atender, percebe imediatamente a causa da minha insônia. Levanta-se, e, sem ter tempo de vestir um roupão, nem de se calçar, tendo apenas jogado um chale sobre os ombros, pega numa varinha e começa a afugentar os mosquitos. Eram 4 horas da manhã, e logo adormeci. As 7 horas, após um sono tranqüilo, acordo e vejo... mamãe, no mesmo lugar, na mesma posição em que estava três horas antes... as pernas inchadas, o rosto ensangüentado pelas picadas desses terríveis insetos. Ficara imóvel, para proteger meu sono!

— “Admira, admira ao máximo, este amor materno incomparável! Quanto a mim, estou muito emocionada para falar de meus sentimentos. Só posso guardá-los no meu coração, e procurar, se for possível, tornar-me digna desse magnânimo amor!”

Nas cartas seguintes, a princesa queixa-se de sua saúde cada vez mais debilitada, da tosse sem trégua que não a deixava repousar; cada dia tinha um acesso de febre.

“Como me aborrece, dizia ela, ser obrigada a falar sempre de mim...

“Nada pode melhorar no meu estado de saúde, antes da minha chegada à ilha da Madeira para onde devemos ir; lá as febres desaparecem, dizem, como que por encanto!”

Um triste pressentimento se revela nesse “dizem”, expresso num tom lúgubre, em meio às esperanças que essa viagem despertava. Em Lisboa, em Munique, faziam-se constantes novenas para obter, por intercessão da *Santa Mãe das Dores*, a vida de uma princesa tão querida, tão amada, tão digna do amor de todos!

III

I

No dia 26 de agosto de 1852, a fragata *Dom Fernando*, aparelhada para a viagem de Dona Maria Amélia, singrava os mares na direção da ilha da Madeira.

A saúde da jovem princesa era pouco tranqüilizadora. Profundas emoções precederam sua partida de Lisboa. A seu insistente pedido, a rainha Dona Maria da Glória, sua irmã por parte de pai, trouxe os filhos para abraçarem a jovem tia; tristes pressentimentos pairavam sobre as melancólicas despedidas de família. Abraçando ternamente a mais velha das Infantas, Dona Maria Amélia deixou escapar estas palavras: “Não é verdade, Maria, tu não me esquecerás?!”

Já tão debilitada, ela presidiu à arrumação dos objetos que deixava nos seus aposentos em Lisboa. — “Eu desejo que encontrem tudo em ordem” —, disse a uma pessoa que a advertia a que não se fatigasse.

O dia do embarque seria a 25 de agosto; ela marcou a data no calendário móvel suspenso à sua mesa de escrever. Fixara com sua mão exangue, a era fúnebre desse palácio, onde não mais entrariam nem sol nem alegria.

A hora da partida, a princesa despediu-se das pessoas vindas para cumprimentá-la. Todos, com os olhos rasos de água, acompanharam as augustas viajantes até o local do embarque. A jovem doente teve que ser carregada, tão fraca estava.

Uma vez instalada na elegante fragata, Maria Amélia pôs-se a admirar os engenhosos arranjos, especialmente dispostos para que a travessia fosse mais agradável. Reconheceu, então, a mão benfazeja de sua querida mãe e, depois de algumas palavras de terno reconhecimento, convidou as damas que estavam a bordo e mostrou-lhes todos esses encantadores detalhes de conforto e de luxo, inventados pela ternura materna.

Sobre a fronte da jovem princesa, reapareceu uma auréola de serenidade... Levantaram-se os ferros ao som de uma música agradável.

2

A travessia foi favorecida pelo vento. No dia 29, a fragata achava-se nas imediações da ilha da Madeira. Mas extenso nevoeiro escondia a ilha que não pôde ser reconhecida: foi preciso bordejar. Um violento enjôo agravou os sofrimentos de Maria Amélia.

No domingo, 30 de agosto, o céu apareceu claro e límpido e a *Dóm Fernando* pôde ancorar na baía de Funchal. O desembarque só se efetuou no dia seguinte. O mar estava encapelado e foi preciso transportar a princesa para um barco que devia levá-la a terra. As ondas balançavam o frágil batel. A Imperatriz aí se encontrava para estender a mão à filha que já se achava na escada da fragata. Os dois comandantes amparavam-na, espreitando o instante em que o mar menos agitado lhes permitisse levá-la... Foi um momento de penosa expectativa. A ansiedade lia-se no rosto da Imperatriz... Maria Amélia logo o percebeu e, súbito, reunindo as forças, atirou-se nos braços de sua mãe comovida e espantada!



*Retrato da Princesa Dona Maria Amélia, existente no hospital
que tem o seu nome, no Funchal.*

A ilha da Madeira apareceu, então, em todo o esplendor de sua beleza. A cidade ostentava aspecto festivo, de eterna primavera. Toda a população, com as autoridades do Funchal à frente, vieram oferecer suas homenagens e votos.

Todavia, dotada desse tato delicado que é prova de uma inteligente simpatia, a população não demonstrou uma alegria ruidosa. A jovem princesa foi acompanhada por uma multidão silenciosa e compacta, até a sua morada... seguida pela Imperatriz a pé e por numeroso cortejo. Nesse trajeto por ruas juncadas de flores, onde grinaldas das mais variadas cores ornavam as casas, a princesa percebeu mãos que lhe ofereciam ramalhetes, lábios que articulavam alguma benção ou formulavam votos pelo seu restabelecimento. Ficou profundamente emocionada. Belas inscrições colocadas sobre arcos de triunfo eram as silenciosas intérpretes das esperanças dos habitantes da ilha.

Quando a Imperatriz e a princesa se acomodaram em seus aposentos, a alegria, muito tempo contida, irrompeu por toda a parte. A cidade foi iluminada. Fogueiras brilhavam sobre todas as montanhas circunvizinhas e projetavam sua radiosa claridade sobre a exuberante vegetação da ilha. A esperança, semelhante a um choque elétrico, entrara nos corações e comunicou-se ao próprio círculo da jovem princesa.

É nesta atmosfera embalsamada por bosques de limoeiros e de laranjeiras que se restabeleceria essa preciosa saúde. E, se os dons de uma natureza tão rica fossem insuficientes para curar a jovem doente, Deus renovaria, talvez, os milagres do Evangelho: o Senhor teria piedade de uma mãe desolada... Ele lhe restituiria sua filha única.

Deus iria, de fato, manifestar os prodígios de Sua Onipotência, mas de maneira incompreensível à inteligência humana: Sua ação divina ia revelar-se na ordem espiritual.

Desapegar um jovem coração de sedutoras esperanças do futuro; privá-lo de todas as alegrias deste mundo, mesmo as mais puras; então, só após longos sofrimentos suportados com a resignação de uma santa, *arrebatou essa princesa às honras que lhe estavam reservadas sobre a terra* ⁽¹⁾, para coroá-la no céu, tal foi a obra que aprouve ao Senhor realizar durante os cinco meses que Maria Amélia devia passar no Funchal.

4

Dona Maria Amélia inaugurou sua chegada ao Funchal pela doação de avultada soma ao hospital da cidade.

Depois de alguns dias de repouso, a princesa fez seu primeiro passeio numa condução própria da região: um carro de bois. Esse meio de transporte, tão em desacordo com o temperamento ativo de Maria Amélia, convinha muito ao seu estado de saúde. O ar puro e suave que ela respirava, proporcionou-lhe sensível melhora.

Esses passeios repetiram-se muitas vezes e eram sempre ocasião de imenso prazer para a princesa. As belas e variadas paisagens da ilha desenrolavam-se sucessivamente perante seu olhar encantado. Seu gosto pela natureza achava, ali, alimentação e sempre renovada. Um dia, em que havia contemplado com extraordinário interesse as montanhas basálticas da Madeira, de formas tão variadas e bizarras e os vales cobertos de uma luxuriante vegetação, a princesa exclamou com entusiasmo: “Se eu recuperar, um dia, minha robusta saúde de outrora, não é mamãe, nós ficaremos muito tempo nesta ilha. Faremos longos passeios nas montanhas, iremos descobrir novos caminhos, como nós fazíamos em Stein!”

Esse lampejo de alegria trouxe-lhe a recordação de Stein, onde havia sido tão feliz! Foi apenas um clarão num céu carregado de nuvens.

(1) Grifo da tradutora.

Pouco tempo depois, os passeios de carro tiveram que ser substituídos por passeios em rede; tornou-se necessária essa mudança, devido a seu acentuado estado de fraqueza que progredia sempre.

Essas excursões prolongaram-se até fins de novembro. O ar tépido e embalsamado da ilha já não conseguia aliviar os seus pulmões; dissipava-se qualquer esperança de cura. Todo o seu organismo se enfraquecia, com exceção de sua grande inteligência, de sua resignação e inalterável doçura.

Quando, terminado o passeio, os carregadores deixavam a princesa no salão, Maria Amélia lhes dirigia palavras de agradecimento. Esses homens simples, sabendo quanto ela apreciava as flores, tinham sempre o cuidado de enfeitar a rede com os mais lindos ramalhetes.

A predileção pelas flores, esse desabrochar instintivo da alma para Deus, essa graça proveniente da infância, era uma característica de Maria Amélia. O estudo da botânica a isso tinha acrescentado um novo atrativo. Esse gosto lhe vem em auxílio para deleitar suas longas horas de repouso, para despertar-lhe um interesse contínuo pelas produções tão variadas da flora da Madeira⁽¹⁾.

Que aspecto maravilhoso apresentava essa natureza exuberante àqueles olhos que em breve se fechariam!

O coração de Maria Amélia não desfaleceu. No dia 27 de novembro, ela pediu aos empregados encarregados de levá-la a passeio na rede, que prolongassem um pouco mais a sua excursão. Indicou os lugares que desejava ver, a rua que queria atravessar e que conduzia ao mar. Suas ordens foram cumpridas. Ela pressentiu ser este o último dia em que sairia a passeio, na rede.

Desde então, tudo se passa no ambiente restrito das paredes que ela devia santificar com a sua morte.

(1) Maximiliano também se interessava pelas flores, como demonstra seu livro sobre o Brasil. (Nota da trad.)

Os aposentos da princesa Dona Maria Amélia foram decorados de tudo quanto podia torná-los mais aprazíveis. Lindos pássaros tropicais neles ocupavam um lugar de honra. Como toda alma inocente, a princesa apreciava muito o canto dos pássaros, que lhe parecia um hino ao Criador. Ouvindo-os, Maria Amélia esquecia sua desventura. Ocupou-se desses pássaros queridos até os últimos dias de sua vida.

Interessava-se muito pelos produtos da indústria da Madeira.

Todos os dias os vendedores ambulantes lhe vinham oferecer objetos curiosos: caixas de costura, pequenos cofres de diversas formas, com incrustações de madeira em diferentes cores; tecidos finos e delicadamente trabalhados, pedestais para lanternas, porta-agulhas e alfinetes e outras especialidades da ilha. Maria Amélia não deixava passar um dia sem comprar um desses objetos para presentear as pessoas de seu círculo ou para enviar a seus amigos longínquos.

Um dia, em que tinha comprado mais do que o necessário, disse tristemente: “Desde que estou aqui, eu me permito muitas fantasias. Não sei se isto é razoável...”

Maria Amélia podia ficar tranqüila. Suas fantasias não eram senão a demonstração de sua fidalguia de sentimentos; de um lado, ela encorajava a indústria, do outro, recompensava a dedicação.

Eram necessárias algumas distrações a essa nobre e infeliz princesa, cuja resignação havia sido submetida a provas tão crúeis: a doença dos pulmões que consumia sua vida, tinha feito progressos aterradores. Ela restringia, dia a dia, suas ocupações habituais. Quando chegou ao Funchal, o médico

lhe havia concedido um quarto de hora por dia para dedicar-se ao piano de que ela gostava tanto; não para executar brilhantes peças como outrora, mas para improvisar alguma doce melodia, ou para combinar alguns acordes melancólicos. Pois bem: viu-se o médico obrigado a retirar a concessão. O pincel, o lápis que Maria Amélia manejava com tanta habilidade e cujo desempenho tinha ocupado uma grande parte de seu tempo, foram-lhe proibidos. A leitura tornou-se-lhe penosa; as cartas que escrevia eram interrompidas por acessos de tosse... O mal crescia dia a dia.

De seus dedos afilados caíam sucessivamente os anéis que usava em lembrança das pessoas que amava. *De todos só lhe restava um*⁽¹⁾.

A paciência, a piedosa resignação da martirzinha jamais se abalaram; nada alterava sua serenidade costumeira, a não ser as lágrimas de sua querida mãe.

“Pobre, pobre mamãe, dizia, eu desejava viver para você. Mas creio que Deus não me quer deixar muito tempo aqui”.

Desde o princípio, Maria Amélia não teve nenhuma ilusão sobre a natureza e gravidade de sua doença. Muitas vezes ouviram-na dizer que tinha feito a Deus o sacrifício de sua vida.

Em compensação dos sofrimentos impostos a Maria Amélia, o Senhor lhe concedeu, em alto grau, a inteligência dos verdadeiros bens. A oração foi o seu consolo incessante e supremo, coroada pelo recebimento freqüente dos santos sacramentos.

7

Ao terminar, no dia 8 de dezembro, uma novena, a Imperatriz, toda emocionada pelo ato religioso que acabava de praticar, lançou-se nos braços da filha, dizendo: “Deus me concederá, eu espero, o que lhe pedi com tanto fervor... você

(1) O grifo é da tradutora.

se restabelecerá!...” A jovem doente olhou para sua mãe: “Eu gostaria bem que assim fosse, disse ela, eu vos amo tanto!” Depois, enxugando as lágrimas que corriam copiosamente, acrescentou: “Não falemos em assunto tão triste. Isto me faz sofrer muito”.

8

Por mais cruéis que fossem seus sofrimentos, não a impediam de pensar nos presentes de festas que desejava dar: o que representava para ela uma suave distração.

Tendo terminado uma tapeçaria que lhe custara muito trabalho, e grandes esforços, mostrou-a às damas da sua casa, que muito admiraram a perfeição do trabalho e o gosto delicado do desenho. “Está lindo, não é?” — disse Dona Maria Amélia, com esta simplicidade encantadora, mil vezes preferível à falsa modéstia. Depois, reftreando essa expansão, acrescentou com a mesma ingenuidade: “Falei precipitadamente e sem pensar, eu queria dizer que o desenho era lindo e as cores bem combinadas; foi a Senhora xxx que me indicou um e outras”.

9

Na véspera do Natal, conforme o uso da Alemanha, a princesa fez a distribuição dos presentes. As palavras sinceras, graciosas, amáveis, adaptadas à posição de cada um, duplicaram de valor as suas dádivas. Na sua voz trêmula e emocionada presentia-se um adeus... um adeus também a todas as doces alegrias da vida!

A bondade, que tão eminentemente a distinguia, tomava dia a dia uma feição mais expansiva.

Falava-se em sua presença do uso da divisa: *Paciência e indulgência*; “Eis a minha”, disse a princesa.

Em fins de dezembro, Dona Maria Amélia escreveu a seu irmão, o Imperador do Brasil, à Rainha de Portugal e a suas outras irmãs, à Princesa da Suécia e a muitas outras damas. Sua querida Ama, esta amiga tão dedicada e amada, não foi esquecida.

Por essa época, a princesa ditou suas últimas vontades. Deixava lembranças a todas as pessoas que lhe eram caras ou a quem queria recompensar por serviços que lhe haviam prestado. Pedia a sua mãe que distribuisse com os pobres todo o dinheiro que lhe sobrasse em caixa. Também pediu que seus restos mortais fossem enviados a Lisboa e depositados ao lado do túmulo de seu pai, o Imperador D. Pedro I.

10

O ano de 1853 anunciou-se sob tristes presságios. O leito da princesinha teve de ser transferido para o Salão, onde a jovem doente poderia beneficiar-se dos efeitos salutareos de um sol radioso. Maria Amélia deixou com pesar o seu quarto, dizendo: “Eu não voltarei mais aqui.” A Imperatriz procurou afugentar tão tristes pressentimentos, mas Maria Amélia insistiu e disse: “Eu não me enganei ainda. Eu dizia, há três meses, que viria o tempo em que não mais poderia me levantar... Ei-lo chegado”.

Seguia com uma lucidez espantosa os progressos da doença.

Poucos dias após sua mudança para o Salão, retorquiu ao médico: “Minhas forças diminuem de dia para dia, eu o sinto... estamos chegando ao princípio do fim. Depois que mudei para o Salão, minha doença vai progredindo!” Temendo ter dito ao médico uma palavra pouco cortês, logo acrescentou bondosamente: “Não foi a mudança de quarto que me fez mal, oh! não, não! é a doença que faz rápidos progressos”.

Todas as vezes que se apresentava uma ocasião, a princesa punha em destaque os cuidados pressurosos do médico.

No dia 20 de janeiro, recebeu uma carta muito afetuosa da rainha Dona Maria da Glória, sua irmã, ficou profundamente emocionada e disse: “Minha irmã Maria me quer muito bem; eu também a amo ternamente”.

A 27 de janeiro, Maria Amélia recebeu os santos sacramentos com piedoso fervor e plena submissão à vontade de Deus.

No meio dos mais atrozes sofrimentos sua paciência e resignação não esmoreceram.

As noites eram muito agitadas; a pobrezinha não podia repousar, nem dormir um instante sequer.

No dia 3 de fevereiro, escolheu uma caixa de costura, embrulhou-a e escreveu em cima, a lápis: “Para minha prima Eugênia da Suécia”.

Foram as últimas palavras que escreveu. Maria Amélia passou mal o dia todo. À meia-noite o médico declarou que a Princesa estava nos seus últimos momentos — que era tempo de receber a extrema-unção.

A Imperatriz, revestida da sublime coragem que só a religião pode dar, e conforme a promessa feita à filha, anunciou-lhe a sentença do médico.

A enferma escutou essas palavras com inabável firmeza de ânimo e pediu para se confessar.

No momento em que a Imperatriz se afastava do leito para falar ao Vigário Geral, confessor da Princesa que se achava ali perto, Dona Maria Amélia disse à sua camareira que chorava copiosamente: “Não chores... seja feita a vontade de Deus; que Ele venha em meu auxílio na minha última hora; que Ele console minha pobre mãe!...”

Durante a confissão ela teve várias e terríveis sufocações e repetidas expectorações de sangue. O Vigário Geral estava

visivelmente comovido com a confissão tão humilde daquela alma de elite. Querendo acusar-se, ela não revelava talvez, senão a inocência e a pureza de seu coração!...

Maria Amélia pediu perdão à sua mãe dos aborrecimentos que lhe poderia ter dado... “Você me perdoa, sim, mãe”, dizia freqüentemente com irreprimível emoção...

A Imperatriz, banhada em lágrimas, assegurava o seu perdão a essa filha querida que tinha sido o consolo, a alegria, e o único amor de sua vida!

A jovem moribunda pediu a sua querida mãe que transmitisse suas despedidas a todos os membros da família; ela pediu à Senhora Z..., sua querida ama, desculpas pelos pequenos desgostos que poderia lhe ter causado na sua infância e agradeceu a esta amiga tão digna a sua constante dedicação.

A princesa teve palavras carinhosas para todos. Despediu-se das damas da Casa Imperial, agradeceu aos médicos os cuidados que lhe haviam dispensado e disse à sua dama de companhia, em alemão, apertando-lhe as mãos: *Ich danke dir* (Eu te agradeço.).

Recebeu a extrema-unção a uma hora da madrugada.

A princesa seguiu as orações da Igreja com piedade edificante e o fervor de uma santa.

O Santo Sacrifício da Missa foi celebrado no Oratório contíguo ao quarto da doente; a jovem princesa quis que o Viático lhe fosse administrado imediatamente depois da comunhão do Padre.

Os preparativos da santa cerimônia prolongaram-se e a princesa ficou ansiosa: “Contanto que Deus me conceda tempo para comungar ainda”, disse repetidas vezes.

Deus concedeu-lhe esta graça. Ela recebeu o Viático às três horas da madrugada; poucos minutos depois, seria tarde demais... a agonia tinha começado.

. Os sofrimentos eram atrozes; no entanto, ela não perdeu a consciência. Segurava a mão de sua mãe querida e lhe dizia algumas palavras afetuosas. Depois, mostrando o anel que trazia ainda em seu dedo emagrecido: “Não se esqueçam de mandar que o tirem, antes de me colocarem no caixão”.

Este anel era destinado à sua irmã, a princesa de Joinville.

As três horas e três quartos sobreveio nova crise seguida de uma melhora aparente. Maria Amélia abriu os olhos; suas feições, desfeitas pelo sofrimento, reanimaram-se; a respiração tornou-se mais fácil; a Imperatriz acreditou que Deus operara um milagre — que sua filha lhe seria restituída.

“Estás-me vendo? estás-me ouvindo?” perguntou a Imperatriz...

A jovem moribunda fez um sinal afirmativo.

Mas bem depressa esse raio de esperança desapareceu. As dores recommçaram mais violentas... depois, a respiração tornou-se mais lenta... O sacerdote deu-lhe o crucifixo a beijar... um quarto de hora depois, tudo estava terminado.

A alma tão pura, tão bela de Maria Amélia tinha subido ao céu!

A Imperatriz ficou junto ao leito onde acabava de expirar a filha. Durante vinte e um anos, ela não tinha vivido senão para esta filha; Deus lha tinha tirado!...

Não se podem descrever tais sofrimentos: fica-se prostrado num silêncio respeitoso diante de tanta virtude e de tão justas lágrimas.

11

A 5 de fevereiro o corpo foi embalsamado. A própria Imperatriz cortou os cabelos da filha. Ajudou a vesti-la. Maria Amélia tinha readquirido sua primitiva beleza. Puseram-lhe um vestido de seda branca. Em sua fronte emoldurada por

um longo véu, foi colocada uma coroa de rosas brancas. Um crucifixo, o sinal augusto de nossa redenção, ornava-lhe o peito. Suas mãos seguravam ramalhetes: o caixão estava cheio de flores.

Maria Amélia parecia viva. Era um anjo que dormia no meio de um canteiro de flores.

A hora da separação chegou.

Às três horas da tarde, o caixão foi fechado e soldado...

Durante quatro dias, enquanto se faziam os preparativos numa capela junto à casa, o caixão ficou no salão da Imperatriz. As dores do Calvário se renovavam na alma de uma mãe desolada.

A 8 de fevereiro, os restos mortais da princesa Dona Maria Amélia foram transferidos provisoriamente para uma capela vizinha. Diariamente era celebrada a santa missa, assistida pela Imperatriz e as pessoas da casa.

12

Os funerais

A 6 de maio de 1853, o navio enviado pela Rainha Dona Maria para transportar os restos mortais de sua irmã, ancorava em Funchal.

A Imperatriz mandou anunciar às autoridades da ilha que o embarque se realizaria no dia 7, às duas horas e meia da tarde, mas que Sua Majestade não receberia ninguém.

Apesar deste aviso, já bem cedo, a multidão se comprimia nas alamedas da casa, notando-se, bem à frente, as autoridades da ilha, sem que faltasse uma só.

Às duas horas, o canhão anunciou o começo da cerimônia e continuou a atirar de quinze em quinze minutos até o momento da partida.

As duas e um quarto, S.M. a Imperatriz, seguida das damas da corte, de seu mordomo-mor, do camareiro-mor e do ajudante de ordens enviados por Suas Majestades a Rainha e o Rei de Portugal, dirigiu-se à capela mortuária: o Bispo e o Vigário-Geral encontravam-se à porta para receber Sua Majestade.

Após a absolvição e as orações prescritas pela Igreja, o Vigário Geral se colocou à frente do cortejo, logo após o Cruciferário.

O caixão foi carregado por doze marinheiros trazendo "fumo" no braço e precedidos de outros doze que os deveriam substituir após algum tempo de caminhada.

A Imperatriz, imagem da dor e objeto da respeitosa simpatia de todos, acompanhava a pé o caixão. O Bispo caminhava a seu lado. Depois vinham as damas da corte imperial. Os oficiais enviados por Suas Majestades portuguesas; o Governador da ilha da Madeira; a Câmara Municipal de Funchal; os delegados de todos os distritos da ilha etc. Uma multidão composta de todas as classes seguiam o cortejo numa atitude de recolhimento e de dor. A municipalidade do Funchal tinha mandado distribuir 800 velas.

Na rua que termina no mar, e que dali em diante receberia o nome da falecida princesa, encontravam-se os oficiais da marinha portuguesa, que se puseram à frente do cortejo.

Quando o caixão chegou à praia, foi içado à galeota do comandante e daí à fragata destinada à viagem.

Uma câmara ardente fora armada na fragata, tendo sido decorada em Lisboa com grande magnificência. O Vigário Geral do Funchal, encarregado de acompanhar o corpo, vela e rezava junto aos preciosos despojos.

A Imperatriz e seu séquito subiram a bordo da fúnebre embarcação. A população da ilha, até aos últimos momentos, deu testemunho de sua simpatia dolorosa. O mar estava co-

berto de barcos embandeirados de negro, que acompanharam durante longo percurso o catafalco flutuante.

13

A travessia foi favorecida pelo vento.

A dez de maio à tarde, o navio fundeou em Cascais e aí estacionou até o dia seguinte às dez horas. Passando pelos fortes da entrada do Tejo, foi saudado por todos os vasos nacionais e estrangeiros. Os primeiros estavam embandeirados de negro.

Várias grandes personagens da corte tinham vindo até a torre de Belém, ao encontro da Imperatriz, e tinham subido a bordo.

Ao meio-dia, lançou-se a âncora no Terreiro do Paço.

As delegações das duas Câmaras e da municipalidade subiram a bordo e pronunciaram discursos de condolências, aos quais a Imperatriz respondia com suas lágrimas. Uma emoção mais profunda lhe estava reservada: a Rainha e o Rei vieram também. A Rainha chorava muito; aspergindo com água benta o caixão de sua jovem irmã, certamente não pressentiu que dentro em breve a seguiria.

No dia 12, às 10 horas da manhã, começou a cerimônia dos funerais. Os sinos dobravam desde o nascer do sol e os canhões reboavam de 15 em 15 minutos.

A Imperatriz ficou no navio com as pessoas de seu séquito.

Os ministros da rainha e os grandes de Portugal, designados para segurarem as alças do caixão, deram, ao chegar, o sinal de retirar o corpo. O caixão foi colocado num dos grandes barcos do arsenal e seguido de considerável número de barcos reais que passaram entre as fileiras de chalupas de guerra, cujos remos eram erguidos pelos marinheiros. Nos de-

graus da escadaria que leva ao mar esperavam os arqueiros e estes seguiram o caixão até o carro em que foi colocado.

O préstito fúnebre movimentou-se escoltado por várias companhias de lanceiros. Imenso era o cortejo; interminável a fila de veículos, grande a massa do povo. As lojas foram fechadas, não somente nas ruas que o cortejo fúnebre deveria percorrer, como também nos bairros mais afastados. Nas janelas viam-se senhoras em trajés de luto.

Densa multidão esperava no pátio da igreja de São Vicente.

“Nós queremos ver, dizia-se, o esquife da princesa que nos cumprimentava tão cordialmente, que nos amava e a quem também amávamos...”

A Igreja estava apinhada de gente; todas as classes da sociedade ali estavam representadas: o rei e os grandes de Portugal; as damas do palácio da rainha, de luto pesado: as delegações das duas câmaras, as autoridades constituídas; a burguesia e o povo.

As cerimônias foram muito demoradas.

Quando o esquife foi levado à catacumba real e colocado ao lado do caixão do imperador D. Pedro I, nas abóbadas da igreja ressoaram prolongados soluços... Uma brilhante estrela acabava de ser mergulhada na escuridão do túmulo!...

14

Durante os funerais, a rainha Dona Maria manteve-se ao lado da Imperatriz e a acompanhou ao palácio solitário onde já não mais habitaria Maria Amélia. A infanta Isabel as havia antecedido. Os jovens infantes foram também, e misturaram suas inocentes lágrimas a essa ardente dor.

A Imperatriz encontrou algum alívio ao expandir sua alma no seio da família. Mas, quando chegou o momento da

retirada da família real, a solidão daquelas paredes desertas, imagem impressionante da perene solidão do coração, veio acobrunhar, com todo o seu peso, a mãe inconsolável.

Na manhã de 13 de maio, a Imperatriz voltou à igreja de São Vicente e desceu às catacumbas. Depôs uma coroa de rosas brancas sobre o caixão da filha e assistiu ao santo sacrifício. A firmeza de alma, a resignação que tinha demonstrado até esse momento, abandonaram-na inteiramente... A explosão de sua dor foi dilacerante...

Ao lado do esquife de Maria Amélia estava o do Imperador D. Pedro I e, não muito distante, o do Príncipe Augusto de Leuchtenberg. Nesse mesmo dia, 13 de maio, era o aniversário do falecimento da duquesa de Leuchtenberg.

Tantas dores acumuladas ameaçaram a vida da Imperatriz. Recuperando um pouco as forças, ela encontrou algum alívio à sua dor no exercício das obras de caridade: importantes somas foram enviadas por sua ordem aos hospitais e conventos pobres de Lisboa.

15

Desde esta época, nada mudou na vida da Imperatriz. O tempo parecia intensificar-lhe a dor. Não deixava seu apartamento, a não ser para visitar as escolas pobres e os asilos que fundou, e onde distribuía grandes esmolas. A 4 de cada mês, os habitantes de Lisboa podiam ver uma viatura de luto que atravessava as ruas e parava no portal de São Vicente: era a Imperatriz que ia ao jazigo real para aí rezar e derramar lágrimas sempre sentidas no túmulo da filha.

Os túmulos reais despertavam-lhe piedosas e consoladoras meditações.

A vida de Maria Amélia, embora tão curta, deixara as pegadas de sua rápida passagem na terra. Deus não mede o

tempo à maneira dos homens. Sabe, quando Lhe apraz, colocar o tempo em resumo, e dar a uma *curta existência o valor de uma longa vida*. Essa juventude tão piedosa, tão pura, ocupada em tão nobres tarefas, ficará como um modelo de educação de princesa. Ninguém viu de perto as eminentes qualidades de Maria Amélia sem pressentir a glória que o futuro lhe poderia reservar. Deus a isso a subtraiu antes que ela tivesse conhecido as dolorosas decepções, as súbitas desilusões que cedo ou tarde atingem toda alma de escol e lhe mostram o nada das coisas transitórias.

Maria Amélia subiu ao céu em sua candura e pureza primitivas! Partindo, deixou ainda o perfume de uma santa morte. Aos sábios do mundo ela ensinou a morrer e a se prostarem perante os mistérios da fé! Sua recompensa será grande junto de Deus!

Na terra, o amor materno imortalizou o nome de Maria Amélia. Na própria ilha em que ela exalou o último suspiro, ergue-se um hospital destinado à cura ou ao alívio da doença que a vitimou. Lá, as dedicadas filhas de São Vicente de Paulo repetem cada dia o nome da augusta fundadora e o de sua filha, e sua lembrança perdura nas incessantes obras de caridade; porque tudo que é grande e belo converge para a eterna duração, ao passo que tudo que se limita ao tempo, tem pouco valor.

Possa a augusta mãe de Maria Amélia transpor o curto espaço da vida com a coragem e a serena resignação da cristã que é. A Santa Mãe do Senhor lhe mostre as gloriosas palmas que a esperam no céu; hoje, amanhã, ainda aqui na terra; depois, uma reunião eterna em Deus, fonte primeira do puro amor, oceano incommensurável onde se mergulham, onde se encontram, onde se reúnem os que se amaram na terra!

ANEXO I

Termo de óbito

O PRESBYTERO JOAQUIM GOMES DA SILVA LUME, Vigario Collado da Igreja Collegiada Parochial de São Pedro d'esta Cidade do Funchal *et Cetera*. Certifico *in verbo Sacerdotis*, que a folhas Sessenta e nove do Livro Vigésimo actual d'Obitos desta Parochia se acha lançado o Termo d'Obito do theor seguinte: (*À margem*: Drommond) — Em os quatro dias do mez de Fevereiro de mil oito centos cincoenta e trez annos, n'esta Freguezia de São Pedro da Cidade do Funchal, falleceo, tendo recebido os Santos Sacramentos de moribundos Sua Alteza Imperial, A Princeza Dona Maria Amelia, Filha de Sua Magestade o Imperador Dom Pedro Primeiro do Brazil, já fallecido, e da Imperatriz Dona Amelia, Sua Augusta Esposa, tendo a Mesma Princeza nascido em Pariz no primeiro de Dezembro do Anno de mil oito centos trinta e um, e sido baptizada na mesma Cidade. Os Restos Mortais da Augusta Fallecida ficão provisoriamente depositados na Capella da Actual Residencia de Sua Magestade Imperial, d'onde hão de ser trasladadas para o Jasigo e Camara Real do antigo Mosteiro de São Vicente de Fora de Lisboa. De que fiz este termo e que assigno. O Vigario *Joaquim Gomes da Silva Lume*. — E não se contem mais, nem menos do dito Termo, que fielmente transcrevi do proprio a que me refiro, cuja copia passei por determinação do Illustrissimo e Reverendissimo Senhor Conego Magistral Vigario Geral deste Bispado do Funchal. Pia de São Pedro cinco de Fevereiro de mil oito centos cincoenta e tres. O Vigario *Joaquim Gomes da Silva Lume*. Reconhecimento: Reconheço por

verdadeira a assinatura supra do Reverendo Vigario da Igreja Parochial de São Pedro desta Cidade. Funchal cinco de Fevereiro de mil oito centos cincoenta e trez. Em testemunho de verdade — lugar do Sinal publico. = *Servulo Nicolao Souza Drommond*. He quanto se contem na sobredita Certidão d'Obitos que aqui fielmente trasladei em publica forma, e ao Original me reporto, em poder do Apprezentante, e vai conferida com outro Tabellião Companheiro. Funchal na Ilha da Madeira 5 de Fevereiro de 1853. (*A margem: Drommond*) — Eu *Servulo Nicoláo de Souza Drommond*, Escrivão do Juízo de Direito e Tabellião de Notas da Comarca do Funchal Occidental o escrevi e assigno em publico e razo.

Em test.^o da Verd. (Sinal público) *Servulo Nicoláo S.^o Drommond*.

Conferida comigo

Em testem.^o (*sinal público*) da verd.^o

O Tab.^m *Luciano José Cordeiro de Souza*.

Reconheço verdadeiras as assignaturas supras, e para constar, passei a presente, que assignei e fiz sellar, com o sello das Imperiaes Armas deste Vice Consulado do Imperio do Brazil em a Ilha da Madeira aos 5 de Fevereiro de 1853.

Luiz Thomé de Miranda
Vice Consul Brasileiro

Estava um selo.

Casa Imperial — Obitos de Príncipes
1750 — 1871 — Liv. 4 — Arm. 4 — Fl. 247
Seção de Documentação Histórica
Arquivo Nacional

ANEXO II

Fundação do sanatório da princesa Dona Maria Amélia na cidade do Funchal

Depois da morte de Dona Maria Amélia, nada mais lhe restando na vida, Dona Amélia pensou em fundar um hospital para tuberculosos na ilha da Madeira, em memória de sua filha. Eis a carta que ela escreveu à sua enteada, então Rainha de Portugal:

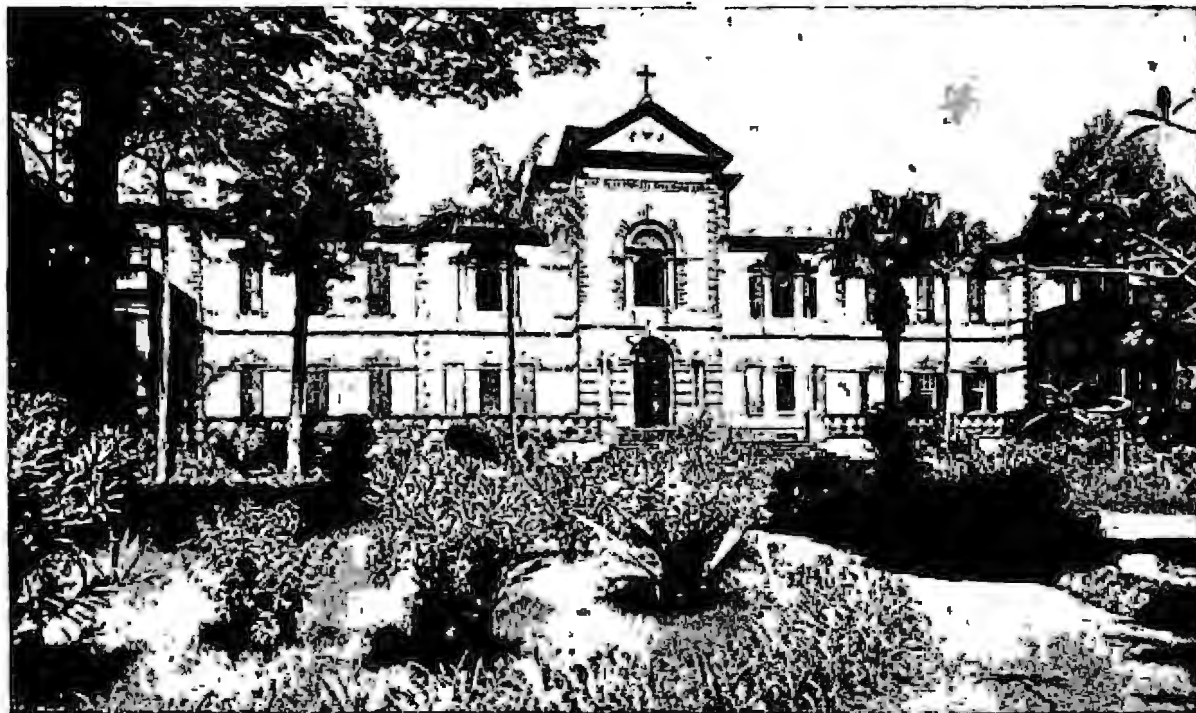
Carta que Sua Majestade Imperial, Dona Amélia, dirigiu a Sua Majestade a rainha de Portugal:

“Desejando deixar nesta Ilha, em proveito dos indigentes atacados da cruel enfermidade a que sucumbiu a princesa Dona Maria Amélia, minha muito amada e saudosa filha, algum vestígio da nossa estada na Madeira, que recorde os testemunhos que ambas recebemos dos seus bons habitantes, ocorreu-me a idéia de estabelecer no Funchal, por ora unicamente por modo de ensaio, para mais tarde, segundo me mostrar a experiência, ter a forma de uma fundação pia, um hospício ou casa de sanidade para ali serem recebidos e tratados vinte e quatro pessoas pobres e doentes de tísica pulmonar, debaixo da direção de uma comissão.”

Foi a sobredita carta escrita no Paço, junto ao Funchal, em 18 de abril de 1853.

É também o que se segue um extrato não menos fiel da resposta de Sua Majestade à rainha:

“A tentativa de uma fundação que exprime de um modo tão digno de Vossa Majestade Imperial a ilustrada virtude que



*Hospício da Princesa Dona Maria Amélia
na cidade do Funchal.*

a inspira, não podia deixar de provocar as minhas simpatias e merecer a minha plena aprovação, comprazendo-me em assegurar a Vossa Majestade Imperial que me empenharei em prestar-lhe toda a cooperação e auxílio que de mim dependa, para se realizar o generoso propósito de Vossa Majestade Imperial”.

Foi a carta, de que extratamos este período, escrita no Paço das Necessidades em 28 de abril de 1853⁽¹⁾.

Em sessão de 24 de maio subsequente, um dos deputados por este distrito, o Conselheiro José Silvestre Ribeiro, apresentou em cortes a seguinte indicação:

“Sua Majestade a Imperatriz do Brasil, viúva, e Duquesa de Bragança fundou ultimamente na cidade de Funchal um estabelecimento pio, com título de Hospício da Princesa Dona Amélia, em benefício de vinte e quatro pobres doentes de tísica pulmonar.

“A Imperatriz passando, sem demora, a executar o seu nobilíssimo pensamento, fez arrendar um prédio na rua do Castanheiro, pertencente ao Morgado Antônio Caetano Moniz de Aragão, e determinou que ali se instalasse provisoriamente o Hospício cuja abertura teve lugar a 10 de julho de 1853.

“Antes de deixar a Madeira, Dona Amélia visitou todas as instalações e dependências do novo hospital, que dotou dos regulamentos e instruções necessárias para o seu conveniente funcionamento.

“Convidou para diretor clínico o abalizado médico madeirense Dr. Antônio da Luz Pita.

“Prestaram relevantes serviços na fundação do novo hospital o Cônego Gonçalves de Andrade, e o Dr. Luz Pita.

“É também digna de menção e atividade solícita da primeira regente do Hospício, D. Amélia Cândida Teixeira, revelada sobretudo na ocasião em que a temível *Cholera morbus* grassou em Funchal. Como lembrança da sua dedicação, a Imperatriz ofereceu-lhe um magnífico relógio de ouro.

“A generosa benfeitora dos doentes da Madeira quis deixar-lhes um estabelecimento hospitalar dotado dos requisitos mais modernos.

(1) Livro I.º das Actas da Comissão administrativa do Hospício Provisório.

“Determinou, por isso, a construção do edifício próprio situado em posição climática privilegiada.

“O Governo Português, apoiando devidamente o louvável intento da viúva de D. Pedro IV, publicou um decreto nesse sentido, datado de 19 de Julho de 1853, que veio inserto no *Diário do Governo n.º 182*, de sexta-feira, 5 de agosto desse ano.

“Nele autorizou aquela fundação, conferindo à Imperatriz a faculdade de lhe dar e aprovar os regulamentos acessórios.

“Ficou a cargo da Majestade Imperial o encargo de todas as despesas, mas o Hospício só recebia ordens suas.

“Era abolida toda a legislação que existisse em contrário ao disposto neste decreto”(1).

Hospital Princesa Dona Maria Amélia(*)

A oeste da cidade de Funchal, no começo da rua denominada da Imperatriz Dona Amélia para o lado norte, está situada a entrada do hospício que vamos descrever.

Franqueada a espaçosa porta de ferro, deparamos com um extenso e delicioso jardim. Junto de uma relva viçosa, sobressaem belas e variadíssimas flores.

De espaço a espaço assomam arbustos, erguem-se altivas árvores indígenas e exóticas; entretecem-lhe os muros lindas trepadeiras e, por meio de todos esses verdes, ruas sinuosas vão como serpenteando dar à escada principal do vasto terraço, em cujo centro se eleva o grandioso edifício.

O corpo central do edifício em que a capela se acha situada, remata num belo frontão, em cujo centro se ostentam em relevo as armas de sua Majestade Imperial, ficando-lhe eminente no cimo uma cruz latina.

(1) *Centenário do Hospício da Princesa Dona Maria Amélia* — Funchal, 1862-1962.

(*) Notas extraídas do livro: *Visita de sua Majestade a Imperatriz do Brasil, Viúva, Duquesa de Bragança, à ilha da Madeira e Fundação do Hospício da Sereníssima Princesa D. M. Amélia*. Madeira, Tipografia da Flor do Oceano, Ponte do Cidrão, 3 — 1867. Obra póstuma de Januário Justiniano de Nóbrega, publicada por Júlio da Silva Carvalho.



Imagem de N. S. das Dores, existente na capela do Sanatório Dona Maria Amélia, no Funchal, oferecida pelo Arquiduque Maximiliano do México (Foto cedida pelo Departamento de Turismo de Portugal).

É sob a cimalha desse frontão, que, em faixa de mármore branco, se lê em letras de bronze a seguinte inscrição:

“Hospício da Princesa Dona Amélia, filha de Dom Pedro I, Imperador do Brasil e Rei de Portugal, 4.º do mesmo nome e duque de Bragança.

“Chegou a esta Ilha a 30 de agosto de 1852. Faleceu a 4 de fevereiro de 1853 — tendo de idade 21 anos, 2 meses e três dias. Em memória de tão amada e chorada filha, sua saudosa Mãe levantou este edifício para tratamento de pobres, doentes de moléstia do peito.

“Foi lançada a primeira Pedra a 4 de fevereiro de 1856 e acabada a obra no ano de 1859. Entraram os primeiros doentes a 4 de fevereiro de 1862.”

A leste ficam as enfermarias de Santa Maria, destinadas às mulheres; a oeste, as de São Vicente de Paulo, para os homens.

A igual distância das duas portas dessas enfermarias, está a espaçosa porta da capela.

Entremos.

Quatro altas pilastras de basalto, lavradas com primor, sustentam quatro arcos, sobre que assenta o teto, que é a parte mais alta de todo o edifício.

Entre as duas pilastras do sul se levanta o lindo altar de gosto bizantino.

Por cima deste, está a imagem de *Nossa Senhora das Dores*, que foi oferecida à Imperatriz Dona Amélia por S.A.I., o Arquiduque da Áustria, Fernando Maximiliano, depois Imperador do México, e diante da qual ele se teria tantas vezes ajoelhado, pedindo alívio para a sua dor — a saudade imensa que sentia de Maria Amélia.

Em memória de Maria Amélia, Maximiliano fez questão de concorrer anualmente para o sustento de dois doentes.

O altar foi feito em Munique e aí comprado por 100 libras. Uma lâmpada e uma banquetta de prata foram compradas depois.

Quantos jovens teriam sido beneficiados nesse Hospital, quanta saúde recuperada num século de existência!

III

FERDINANDO MAXIMILIANO d'ÁUSTRIA, O NOIVO DE MARIA AMÉLIA⁽¹⁾

Nascimento

Maximiliano nasceu no Castelo de Schoenbrunn, a 6 de julho de 1832, vinte e dois dias antes da morte do duque de Reichstadt, e foi batizado solenemente com a qualificação de filho do Arquiduque Francisco Carlos e da Princesa Sofia da Baviera. Casou com Charlotte, filha do rei Leopoldo I da Bélgica em 23 de julho de 1857. Aclamado Imperador do México, desembarcou em Vera-Cruz em junho de 1864. Vencido na guerra, destronado e condenado à morte em 1867, cai varado de balas, em Querêtaró, em 19 de março.

Inteligente, muito bem educado, instruído nas matemáticas e nas belas-artes, entra para a marinha de guerra e, em pouco, é almirante por ato de seu irmão, o imperador Francisco José I.

Numa escala de suas viagens aporta a Lisboa e vai visitar a viúva de Pedro I, sua parenta pelo costado materno. Ali,

(1) Baseado em valioso estudo sobre Maximiliano encontrado no arquivo de Galeno Martins e de sua autoria, que tenho imensa satisfação em anotar, por ser sua biografia um complemento à vida de Maria Amélia.

no Palácio das Janelas Verdes, encontra a mais *délicieuse* das princesinhas da época.

Maximiliano e Maria Amélia — conhecendo-se — tão bem se entenderam e se quiseram, desde logo, que o noivado veio natural, espontâneo, sincero, sem audiências de protocolo, obediente só aos ditames dos corações. Mas uma nuvem não demora em ensombrar o quadro: Maria Amélia cai enferma e o diagnóstico é cruel: tuberculose. Delibera a família pedir saúde ao clima da Madeira, para onde partem todos. As praias e montes do Funchal foram agridoce paraíso do mais perfeito noivado de almas. Mas o destino foi inexorável: ali mesmo deixou de existir Maria Amélia. Maximiliano tornou à esquadra. Quatro anos navegou sem parar, sem detenções outras que as repetidas escalas na Madeira onde ia rever os sítios que testemunharam sua ventura e seu infortúnio. Um dia, porém teve de comparecer em Bruxelas em visita de caráter oficial. No Palácio do Rei Leopoldo I, o moço marinheiro impressiona fortemente a Princesa Real. Charlotte não esconde o sentimento, antes *devance* na confissão. O rei aprova a iniciativa da filha e acabam bem as negociações. Casados que foram, vão residir em Milão, o príncipe nomeado governador do Reino de Lombardo-Vêneto. Charlotte sonha com um ninho à margem do Adriático e em pouco tempo vê surgir *Miramar*, obra prima de arquitetura, obedecendo ao risco do fino gosto do príncipe artista. Ali teve Maximiliano de receber uma esdrúxula embaixada: emigrados mexicanos do partido retrógrado decaído, de súcia com bolsistas franceses, portadores de *bons Jecker*, títulos autorizados pelos absolutistas quando no poder, e agora refugados ou mal vistos pelo novo presidente Benito Juarez. Fomentavam uma revolução para derrubar este chefe republicano, sincero propugnador da constituição democrática. Com a ajuda do governo francês, queriam estabelecer ali uma monarquia e vinham oferecer a coroa a Maximiliano.



Retrato de S.A.I. o Arquiduque Ferdinando Maximiliano da Austria
— cópia do original de Schubert, 1857 (Foto reproduzida do livro
Charlotte de Belgique, da condessa Fousse-magne).

Hesitação e, afinal, recusa dos príncipes: *Miramar* valia mais que um trono.

Maximiliano parte para Viena em serviço do almirantado: foi e demorou-se algumas semanas. Regressando, é recebido friamente: chegara ao conhecimento de Charlotte a toarda de aventura do marido com uma bailarina. Cousa fugaz e insignificante — *chose de rien* — na capital dos teatros; para a esposa apaixonada, uma ação abominável!... É verdade? Não é verdade? Mas afinal vem o perdão, e para consolidar a paz, o recurso de uma viagem. Navega-se mar em fora, daqui, dali, e não se sabe porque, o barco ferra âncora diante do Funchal. Desembarca o Almirante e visita logo o “Hospício princesa Dona Maria Amélia”, santa instituição que o amor materno fez levantar e mantém com desvelo. Revê, também, outros sítios; percorre-os com frequência, só, melancólico, cismando... Compreende-se o desencanto de Charlotte. Um afastamento — ao menos temporário — se impõe. Ela fica, ele parte. Onde vai este navio caprichoso, sem rota certa, vagando à toa, sem escala marcada? Vem dar à baía de Guanabara, que os progenitores de Maria Amélia deixaram pouco tempo antes do seu nascimento em Paris, berço de empréstimo da princesa do Brasil.

Está, pois, explicada a razão de sua viagem a esta terra, que percorreu em três províncias. Viagem narrada mais pelo lápis do que pela pena nos raros e magníficos volumes que temos a fortuna de possuir (1).

O príncipe fazia-se sempre acompanhar de homens de boa cultura em ciências naturais, quase sempre oficiais de marinha de guerra austríaca, embarcados em navios de sua frota. Colecionou plantas, classificou-as, representou-as em magníficos desenhos, trabalhos seus e de seus colaboradores para

(1) Maximilien, Ferdinand Joseph; *Aus meinen Leben Reiseskizzen, Aphorismen, Gedichte*. Leipzig, 1867 — 7 vol. A obra de Heinrich Wawra (von Fernsee) é *Botanische Ergebnisse der Reise Seiner Majestät des Kaisers von Mexiko. Maximilien I nach Brasilien 1859-1860* — Viena, 1866.

serem em terra concatenados e ali redigidos em definitivo por um deles. Assim imprimiu-se em Viena interessantíssimo volume organizado pelo Dr. Heinrich Wawra, médico de fragata, sendo essa a primeira publicação, realizada em 1866, portanto, em vida ainda de Maximiliano. Além desse, possuiu um exemplar das *Plantas Aromáticas* (1), volume de rica encadernação publicado em 1879, portanto muito depois da morte do príncipe, pelo seu antigo auxiliar Dr. J. Peyritsch, que aproveitou as primitivas anotações manuscritas por H. Schott e os desenhos coloridos originaes.

Depois de três meses no Brasil, regressa à Madeira, e — pazes feitas — rumam os príncipes para *Miramar*. Charlotte cuida recuperar o marido, proporcionando-lhe pasto sério ao espírito em empresas de vulto que exijam trabalhos mais avassaladores do que o monótono mourejar da pequena esquadra austríaca em tempo de paz. Demais, no Império Oriental da Europa *ele é o segundo*; quer que seja o *primeiro* ainda que alhures. Muito a propósito volta a embaixada. Vem reforçada e fala alto, com o diapasão engrossado pelo apoio franco de Napoleão III, para quem, assegura seu ministro Ronher, *ce serait la plus grande entreprise du règne*: a fundação de um grande Império na América Central, *bem vizinho e bem rival da República do Norte*. É verdade que a Inglaterra e a Espanha — representadas por Wike e pelo General Prim — haviam abandonado a *convenção*, por terem verificado que Juárez tinha por si uma impressionante maioria na gente da terra e que era homem capaz de regularizar os negócios do México. Mas não importava a deserção daqueles aliados; era até melhor que a França agisse só, com liberdade de movimentos, para o que lá estava um forte exército às ordens de Bazaine.

Atrás desses embaixadores, bem escondidos, estavam dois *manipuladores* terríveis: o Duque de Morny e o Padre Fis-

(1) *Aroideae Maximilianae Die auf den Reise Seiner Majestaet der Kaiser Maximilian I nach Brasilien gesanimelte arongewaechse nach Händschrifflachen Aufzeichnungen*, von H. Schott, beschrieben von Dr. J. Peyritsch etc. Viena, 1879.

cher. Aquele levava Napoleão III a endossar setenta e cinco milhões de *bons Jecher* com promessa deste ao Duque de trinta por cento no que apurasse o banqueiro suíço. Fischer era o verdadeiro chefe dos retrógrados, embora nunca aparecesse; falava na Embaixada, pela boca de Miranda, seu colega de batina e felão como ele.

Charlotte — talvez indiferente aos discursos — viu só aquilo que vinha ao encontro dos seus desejos: um pouso longínquo lá nesse México tão afastado das *Valsas de Viena* e também “das devesas da Madeira”, porque vastíssimo era o pélago do Atlântico. Maximiliano hesita. Charlotte decide-se e, afinal, convence o marido... E lá vão eles: Maximiliano para o alvo dos fuzis de Querétaro, e Charlotte para a dilatadíssima noite de 65 anos de loucura!...”

Schoenbrunn

A origem do nome desse rival de Versailles é “Schone Brunnen”, o que quer dizer “belas fontes”.

O monumental castelo de 1.400 quartos e salas começou a ser construído em 1694, sob o Imperador Leopoldo I, e só foi terminado ao tempo de Maria Teresa, em 1749.

Meio século não é muito para se obter aquela maravilha.

Em 1832 ali morreu o filho de Napoleão Bonaparte, o duque de Reichstadt, Rei de Roma, “l’Aiglon”, aquele que teve sua vida sacrificada, olhando de dentro das vidraças do palácio o esplendor dos jardins e da vida que o atraía lá fora, exclamando:

Ah, vouloir à l’Histoire ajouter des chapitres,

Et puis n’être qu’un front qui se colle à des vitres⁽¹⁾.

No castelo há um teatro, o *Kammeroper*, ou seja, Ópera de Câmara, excelente casa de espetáculos. Um museu de car-

(1) Edmond Rostand — *L’Aiglon*.

ruagens. No parque, um Jardim Zoológico, datando de 1752, o mais antigo da Europa. Também um Jardim Botânico e um Museu de Indústria e Comércio.

No edifício principal do castelo, encontram-se os aposentos da Imperatriz Elisabeth, do Imperador Francisco José, o gabinete de trabalho de Napoleão, a sala onde o *Aiglon* passou os últimos anos de sua existência, o quarto em que esse sonhador morreu, tão jovem; a sala dos Espelhos, onde, com cinco anos de idade, Mozart se exibiu no cravo para a Imperatriz Maria Teresa. E pelos imensos salões, iluminados por pesados lustres de cristal, sucedem-se belíssimas obras de arte, móveis, quadros, tapeçarias de Bruxelas, miniaturas persas e hindus.

Foi esse príncipe Maximiliano que, habituado ao conforto, ao luxo, e à etiqueta desse palácio, ficou deslumbrado com a nossa natureza quando entrou pelo sertão a dentro da Bahia; conforme descrição mais adiante.

Infância

Maximiliano, segundo filho de Carlos e Sofia da Áustria, era então somente dois anos mais novo do que o irmão que subira ao trono. Os dois rapazes tinham sido educados pelo mesmo preceptor e sob a mesma orientação, mas com resultados muito diferentes. Enquanto Francisco José aprendia com dificuldade, Maximiliano assimilava tudo facilmente; até nos exercícios físicos e nos esportes ele era superior ao irmão mais velho. Enquanto este andava a cavalo de má vontade, Max gostava imensamente da equitação. Quanto mais veloz e arriscada a carreira, tanto mais lhe agradava. “O passo é a morte, o trote é a vida, o galope é a felicidade”. Escreveu mais tarde Max nas suas memórias: “Sou incapaz de andar a cavalo lentamente”. Mas não lhe bastava voar sobre a terra a todo galope.

Quer subir mais alto, quer elevar-se no azul entre as nuvens.

“Já não espero novidades extraordinárias senão no vôo”, diz ele em 1854, “e, se algum dia se realizar a possibilidade da navegação aérea, dedicar-me-ei à aeronáutica e nela se concentrará o meu maior prazer”.

Após o exercício ao ar livre, o arquiduque atira-se com redobrado vigor a ocupações mais sérias. Deleita-se por algum tempo na pintura e na modelagem, mas o seu pendor é sobretudo para as letras.

No estudo das artes e das ciências encontra sempre, como ele mesmo diz, “a fonte inesgotável de todos os prazeres.”

O jovem arquiduque liberta-se prontamente de certa timidez, que a princípio lhe era própria, especialmente com as pessoas amigas sabe tornar-se simpático e alegre, mostrar uma cordialidade tão encantadora que até o irmão mais velho, um tanto frio e reservado, inveja a atração que emana da sua figura.

Max é de constituição delicada, muito louro, tem olhos azuis e francos, queixo um pouco fugidio, encoberto pela barba loura, bem cuidada, repartida ao meio, que ele costumava acariciar.

De tez pálida, apresenta, em 1856, feições juvenis e belas em que predomina certa doçura, quase feminina.

Sabe ser amigo incomparável, e retribui com satisfação e carinho a amizade que lhe demonstram. A energia e a firmeza não são o seu forte, mas é pessoa de caráter. Às vezes, quando compreende ter sido fraco, tem como que repentinos ímpetos de energia irrefletida que o levam a decisões impensadas de que pouco depois se arrepende.

Max é propenso a extravagâncias românticas; gosta da natureza (como se pode avaliar pela narração de sua viagem à Bahia), dos animais, das flores e frutas.

Tem, por outro lado, um desenvolvidíssimo sentimento de honra, ligado ao orgulho de ser descendente dos Habsburgos.

Durante a sua vida inteira será impellido por uma ardente ambição de mostrar-se viril.

O arquiduque Max, como costumam chamá-lo, é um genuíno vienense, com todas as suas virtudes e defeitos.

No íntimo não se sente à vontade no meio de muita gente. Ele mesmo dirá que, ao contrário da maioria das pessoas, que se divertem no meio da multidão ruidosa, e se entediam na solidão, ele pertence “parcialmente” ao número dos poucos que se sentem solitários em sociedade, e satisfeitos na solidão, mas, acentua, só “parcialmente”.

Não faltam, por outro lado, exageros na sua natureza. Se confia em alguém, leva essa confiança ao extremo.

Sumamente característico é um cartãozinho no qual Max anotou as regras de procedimento que se propõe observar.

Sempre o traz consigo, e o consulta, como o demonstram os indícios de uso constante que apresenta.

Os bons propósitos nele enunciados culminam na máxima de que o espírito deve dominar o corpo, impondo-lhe um freio e comedimento.

Uma das regras é não mentir nunca, ser cortês e justo para com todos, atencioso para com o próximo, mas confiar em poucos; não se deixar levar por superstições, por maledicências, por opiniões severas sobre os defeitos alheios.

Embora Max nem sempre observe essas sábias regras, de qualquer modo, o fato de estabelecer 27 delas para seu uso, indica a seriedade com que procura dar à sua personalidade a maior perfeição possível.

O arquiduque mostra-se “extremamente ativo”, mesmo na juventude.

“Não há felicidade senão na atividade” escreve ele, e é de opinião que aos jovens ricos de ambição se devem confiar,

desde cedo, empresas suscetíveis de engrandecimento para encaminhar de maneira útil os impulsos da ambição.

Há uma chama íntima na sua vida, que o consome: não pode contemplar sem certa inveja a imensa esfera de ação que coube ao irmão Francisco José desde que, em 1848, ele subiu ao trono.

Desejaria estar a seu lado, ser ouvido, colaborar com ele, mas Francisco José não quer saber disso. Com toda a benevolência, mas também com persistente e cortês negativa, o monarca repele os desejos fraternos de colaboração. Não admite ninguém junto de si, e muito menos um parente tão íntimo. Os repetidos acenos de Max são repelidos. Isto ofende o arquiduque, que compreende só lhe quererem deixar uma ação secundária, meramente representativa, para mantê-lo longe da capital e da possibilidade de influir diretamente nos negócios do Estado. Esta situação o amargura, dando-lhe desejos de expatriar-se para satisfazer com longas viagens por terras distantes o seu espírito ávido de saber, a sua ânsia de umá vida mais ativa.⁽¹⁾

Em 1850 Maximiliano foi admitido na Marinha, e partiu então para uma série de viagens que contribuíram para iniciá-lo na arte da navegação, desempenhando tão bem as suas funções que foi nomeado, aos 22 anos de idade, em 10 de setembro de 1854, Contra-Almirante e Comandante Chefe da armada Imperial. Subitamente, com desvelo invulgar, ele quis presidir a tudo e examiná-lo.

A marinha austríaca estava apenas sob a direção de um general de artilharia. Sem porto, tinha poucos marinheiros e poucos navios.

Max transferiu-se para Pola⁽²⁾ e traçou o plano dos estaleiros de construção, que ele sonhou erigir no fundo dessa

(1) Egon Conti Corti. *O Imperador que um índio mandou fuzilar*. Tradução de Celestino da Silva. Rio de Janeiro, 1886 (Coleção Vidas extraordinárias).

(2) Pola, cidade da Áustria-Hungria (Ístria), porto militar do Adriático.

magnífica enseada, para ali construir o grande porto militar da Áustria. Indicava quais os pontos que deviam ser fortalecidos para serem inabordáveis às frotas inimigas.

Apesar disso, apresentou ao irmão volumoso projeto de reorganização dos serviços da marinha, sugestões essas plenamente aprovadas.

Nesse intervalo voltou a navegar. O oriente o seduzia... visitou a Terra Santa, Jerusalém, Damietta, atravessou o istmo de Suez, cuja abertura um ousado francês, Ferdinand Lesseps, preparava então, e percorreu todo o Alto Egito.⁽¹⁾

Essas longas viagens distraíram-no um pouco da profunda dor que lhe causara a perda de uma tão ardente esperança: *Ele ficara noivo* em 1852 da Princesa Maria Amélia, filha de D. Pedro I, Imperador do Brasil, e de sua segunda esposa, a Imperatriz Dona Amélia de Leuchtenberg, então viúva do Imperador do Brasil.

Dona Amélia (que consagrou parte da sua vida à educação da filha), vendo terminada a sua missão, achou que era o momento de procurar um noivo para Maria Amélia.

Recaíu a sua escolha sobre o Príncipe Maximiliano da Áustria.

Ao viajar para Portugal, Maximiliano foi visitar a Imperatriz do Brasil, e lá encontrou Maria Amélia, a jovem Princesa, que, ao primeiro olhar, apaixonou para sempre o seu coração.

Foi esse encontro o ponto de partida de um grande amor que a separação da morte não pôde apagar, como poderemos ver adiante em alguns trechos do livro: "*Souvenirs de ma vie*", de Maximiliano.

Não foi oficializado o noivado. Uma doença súbita, a es-carlatina, e depois a tuberculose foram os empecilhos para a realização desse grande sonho de amor.

(1) Paul Gaultot: *L'expédition du Mexique*. Paris, Ollendorff, 1906, I, 153.



Quinta das Angústias, no Funchal, destacando-se a capela. Ai faleceu Dona Maria Amélia, em 4-2-1853 (Foto cedida pelo Departamento de Turismo de Portugal).

Assim que os médicos viram Maria Amélia tão cruelmente atingida por essa traiçoeira doença, acharam que o clima da Madeira poderia talvez restabelecer a sua preciosa saúde. Nem os cuidados maternos, nem a dedicação dos médicos puderam salvá-la. Tudo foi em vão, e Maria Amélia faleceu na Ilha da Madeira no dia 4 de fevereiro de 1853.

Maximiliano ficou curvado ao peso de imensa dor. Ruíram todos os seus sonhos.

Escreve Maximiliano: “Revejo com tristeza o vale de Machico e a amável Santa Cruz, onde há sete anos passados, nós vivemos momentos tão doces... sete anos cheios de alegrias e tristezas, fecundos em provações e desilusões amargas. Fiel à minha palavra, volto a procurar sobre as vagas do Oceano um lenitivo que a Europa vacilante já não pode dar à minha alma agitada. Ao comparar as duas épocas, sinto-me invadido por profunda melancolia. Há sete anos passados, eu despertava para a vida, encarando alegremente o futuro; hoje, sinto-me exausto, pesa-me sobre os ombros o fardo de um passado amargo... Aqui morreu, tuberculosa, no dia 4 de fevereiro de 1853, a filha única da Imperatriz do Brasil, criatura extraordinariamente dotada. Partiu deste mundo imperfeito, pura como um anjo que volta ao Céu, sua verdadeira Pátria.”

“Depois de visitar o hospital que a mãe desolada fundou, em memória da filha, fui mais adiante rever a casa onde aquele anjo pariu deste mundo, deixando saudades imensas. Por muito tempo ali fiquei, concentrado, absorto em pensamentos de cruciantes saudades, revivendo aquela fase feliz do passado”.⁽¹⁾

Maximiliano deixou nestes versos, que reproduzo adiante, um retrato fiel de seu estado de alma.

(1) Maximilien: *Souvenirs de ma Vie*. Trad. de Jules Gaillard, 2 vol. — Paris, 1868.

Ces vers mélancoliques

*Faut-il donc me séparer à jamais de ma chère patrie ?
Du beau pays de mes premières joies ?
Vous voulez que j'abandonne mon berceau doré,
Et que je rompe le lien sacré qui m'y attache ?*

*La terre où j'ai vécu les riantes années de mon enfance,
Où j'ai ressenti les émotions du premier amour,
Me faut-il la quitter pour des buts incertains
D'ambition que vous excitez dans mon coeur ?*

*Vous voulez me séduire par l'appât d'une couronne,
Vous voulez m'éblouir par de folles chimères.
Dois-je prêter l'oreille au doux chant des sirènes ?
Malheur à qui se fie à leurs flatteuses promesses !*

*Vous me parlez de sceptre, de palais, de puissance,
Vous ouvrez devant moi une carrière sans limites.
Faut-il que je vous suive vers de lointains rivages,
Par delà le vaste Océan ?*

*Vous voulez tisser d'or et de diamants
La trame de ma vie,
Mais pouvez-vous aussi me donner la paix de l'âme ?
Et la richesse, à vos yeux, est-elle donc le bonheur ?*

*Oh ! laissez-moi suivre en paix mon tranquille chemin,
Le sentier obscur et ignoré parmi les myrtes !
Croyez-moi; le labeur de la science et le culte des muses
Sont plus doux que l'éclat de l'or et du diadème.(1)*

Durante muito tempo, Maximiliano não cogitou de outro casamento. Só em 1856, depois de uma entrevista com a princesa Carlota, da Bélgica, é que ele considerou novamente tal hipótese.

Em maio de 1856, Maximiliano fez ligeiro estágio em Paris, onde Napoleão III e a Imperatriz Eugênia lhe demons-

(1) Maximilien, *Souvenirs de ma Vie*, trad. Gaillard.

traram a mais viva simpatia. Seguindo, então, para Bruxelas, Leopoldo I, rei dos Belgas, manifestou o desejo de unir a sua filha Carlota ao primeiro príncipe do Império austríaco.

Numa carta bastante sarcástica de Maximiliano, publicada pelo Conde Corti sobre a corte de Bruxelas e o Rei dos Belgas, o arquiduque não faz nenhuma alusão a Carlota.

Certo é que Leopoldo I sondou antes o terreno, encarregando seu sobrinho (o Conde Mensdorff-Pouilly) de agir em Viena, fazendo com que Maximiliano aceitasse a idéia desse casamento.

A graça e a juventude de Carlota impressionaram o Arquiduque, mas ele quer ter a certeza de que a inclinação da Princesa correspondia à sua, e que os passos dados por Leopoldo I não eram somente determinados por questões políticas.⁽¹⁾

O casamento de Maximiliano e de Carlota da Bélgica

Em 31 de outubro de 1856, o rei dos belgas escrevia ao Arquiduque:

“Meu caro e muito gentil Senhor, julga-me, penso eu, um grande diplomata, que a cada passo é marcado por ambições políticas, ou fins políticos? Não é este o caso, e você conquistou, sem nenhuma veleidade política, toda a minha confiança e minha simpatia.

Não tardei em notar que minha filha partilhava essas disposições, mas era do meu dever agir com prudência.

Agora posso eu anunciar-vos que minha filha consente no casamento: que ela o prefere a todos os outros partidos que

(1) Comtesse H. de Reinach Fousse-magne. *Charlotte de Belgique, Impératrice du Mexique*. Paris, Librairie Plon, Plon-Nourrit.

lhe foram oferecidos, e que eu aprovo com prazer a sua escolha.”(1)

O noivado e o casamento foram para Carlota um período de encantamento.

O Arquiduque fez um estágio em Bruxelas, em dezembro de 1856, e outro em junho de 1857. Essas duas visitas foram a ocasião de festas suntuosas que os jornais da época descrevem com o máximo de pormenores.

No dia 23 de dezembro, na Estação do Norte, em Bruxelas, Maximiliano, ostentando o uniforme de Almirante austríaco, é recebido pelo duque de Brabante e o conde de Flandres.

À noite, jantar de gala no Palácio Real. No dia seguinte, visita ao porto de Antuérpia. Dia 27 representação no Teatro das “Vêpres Siciliennes” de Verdi.

Em 1.º de janeiro de 1857, recepção oferecida pelo rei, cercado de seus filhos, e do futuro genro.

No dia 6, o grande baile da corte para o qual foram enviados 400 convites, e onde a princesa Carlota, com um vestido branco estampado de verde, atraía todos os olhares pela sua graciosa simplicidade.(2)

Em junho de 1857, o Arquiduque partiu de Trieste, na fragata *Elisabeth*, depois de ter visitado o Papa em Pesaro, a Imperatriz Dona Amélia de Leuchtenberg, mãe de sua saudosa Maria Amélia, em Lisboa, a rainha Vitória, em Londres, e a rainha Maria Amélia em Claremont, chegando a Antuérpia no dia 26.

Diversas festas foram realizadas e presentes de noivado oferecidos a Carlota e, no dia 29, Maximiliano voltava à Áustria, para só retornar a Bruxelas para o casamento marcado para o dia 27 de julho.

(1) Carta em alemão, citada pelo Conde Egon Cesar Corti. *Maximilian und Charlotte von Mexico*, Zurique, Leipzig e Viena, 1924.

(2) *Indépendance Belge*, 7 janvier 1857.

No decorrer dessas festas, o barão de Pont, secretário de Maximiliano, e o Visconde Conway⁽¹⁾ entabularam negociações a respeito do dote da princesa. O rei dos belgas pretendia dar a sua filha só os bens herdados de sua mãe. Maximiliano reclamava uma contribuição pessoal do Rei a favor da princesa.

Quando Maximiliano deixou Bruxelas, em 8 de janeiro, as negociações ainda não haviam terminado.

Foi somente em março de 1857 que o barão de Gagern⁽²⁾, enviado por Maximiliano junto a Leopoldo I, conseguiu regularizar as negociações.

Foi decidido que, junto com o enxoval, as jóias, a baixela de ouro e prata, a princesa Carlota receberia da nação belga um dote de 100.000 gulden; de seu pai, uma pensão anual de 20.000 gulden “para seus alfinetes”; do Imperador Francisco José um *contre-dot* de 100.000 gulden e um presente de núpcias de 30.000 gulden⁽³⁾.

Finalmente chegou o dia tão esperado!

O Arquiduque chegara a Bruxelas no dia 23 de julho. O Conde Archinto⁽⁴⁾ precedeu-o, encarregado de fazer o pedido oficial em nome do Imperador, e pelos mais nobres convidados: a rainha Maria Amélia, vinda da Inglaterra; Alberto de Saxe-Coburgo, príncipe consorte da Grã-Bretanha; o duque reinante de Saxe-Coburgo-Gotha; o arquiduque Carlos Luís, governador do Tirol, e a arquiduquesa Margarida; o duque Augusto de Saxe-Coburgo, e a princesa Clementina de Orléans, sua mulher, e outros.

(1) Conway (Eduardo-Henric-José, Visconde de) (1805-1871). Intendente geral e administrador geral do domínio privado do rei Leopoldo II, em 1865.

(2) Gagern (Maximiliano, barão de, 1810-1889), conselheiro do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

(3) Corti, *Maximilian und Charlotte von Mexico*. T. 72.

(4) Archinto (Giusepe, Conde) 1783-1861, nobre milanês reputado por seu luxo, seus palácios, suas carruagens suntuosas, suas coleções raras, suas galerias de quadros, sua biblioteca; muito devotado à monarquia austríaca. No começo de sua vida política, Ministro de Napoleão I. Conselheiro íntimo do Imperador Francisco José. Foi nomeado Embaixador Extraordinário na corte da Bélgica por ocasião do casamento.

No dia 27, às onze horas menos 1/4, entrou o cortejo no Salão Azul do Palácio Real, onde foi celebrado o casamento civil: o rei dos belgas, em uniforme de *Lieutenant-Général* de seu exército, dando o braço à princesa Charlotte, que ostenta magnífico vestido de cetim branco, bordado a prata, um imenso véu de renda verdadeira que desce sobre os ombros em movimentos ondulantes, cingindo-lhe a fronte um diadema de flores de laranjeira entremeadas de diamantes (1).

O Arquiduque Maximiliano, em grande uniforme de Almirante da Marinha austríaca, acompanhando a arquiduquesa Margarida; o príncipe Alberto com a rainha Maria Amélia (que exhibe um vestido de seda cinza-azulado com babados e corpete de rendas, e cujo toucado de rendas enquadra tão bem seus cabelos brancos) (2). Todas as damas ostentam o manto de corte, com longa cauda.

Após o casamento civil, celebrado pelo burgomestre Charles de Brouckers, a corte encaminha-se para a capela do palácio, onde os noivos recebem a bênção nupcial do Cardeal-Arcebispo de Malines.

Um almoço suntuoso, recepção diplomática, grande jantar de cem talheres, um baile popular, foram as festas nesse dia.

Continuaram, porém, no dia seguinte com um jantar oferecido pelo burgomestre ao rei, ao jovem casal e a todos os convidados, e terminaram no dia 29 pelos festejos populares e por um concerto de gala no Teatro Real.

A viagem de núpcias foi para a Princesa uma seqüência ininterrupta de satisfações, de alegrias, e de encantamento.

O acolhimento que lhe foi dispensado pela nova família sensibilizou-a profundamente, assim se expressando: “Desde o primeiro dia, senti-me *em casa* no meio deles” (3).

(1) *L'Indépendance belge*, 27 de julho de 1857.

(2) *Ibid.*

(3) Comtesse Reinach Foussemagne: *Charlotte de Belgique*.

“Sinto-me extremamente feliz, escrevia ela à condessa d’Hulst (1).

Max é uma perfeição em todos os sentidos, e desfruto a mais perfeita felicidade e não lastimo a minha vida passada. Esta dá-me tudo de que necessito para o alimento do espírito e do coração...”

Em maio de 1856, Leopoldo I, numa entrevista com o arquiduque, chamou-lhe atenção sobre Napoleão III, que ele considerava um inimigo irreductível da dominação austríaca na Itália. “Nós não pedimos que a Áustria se torne mais humana; nós pedimos que ela se retire”, escrevia Manin.

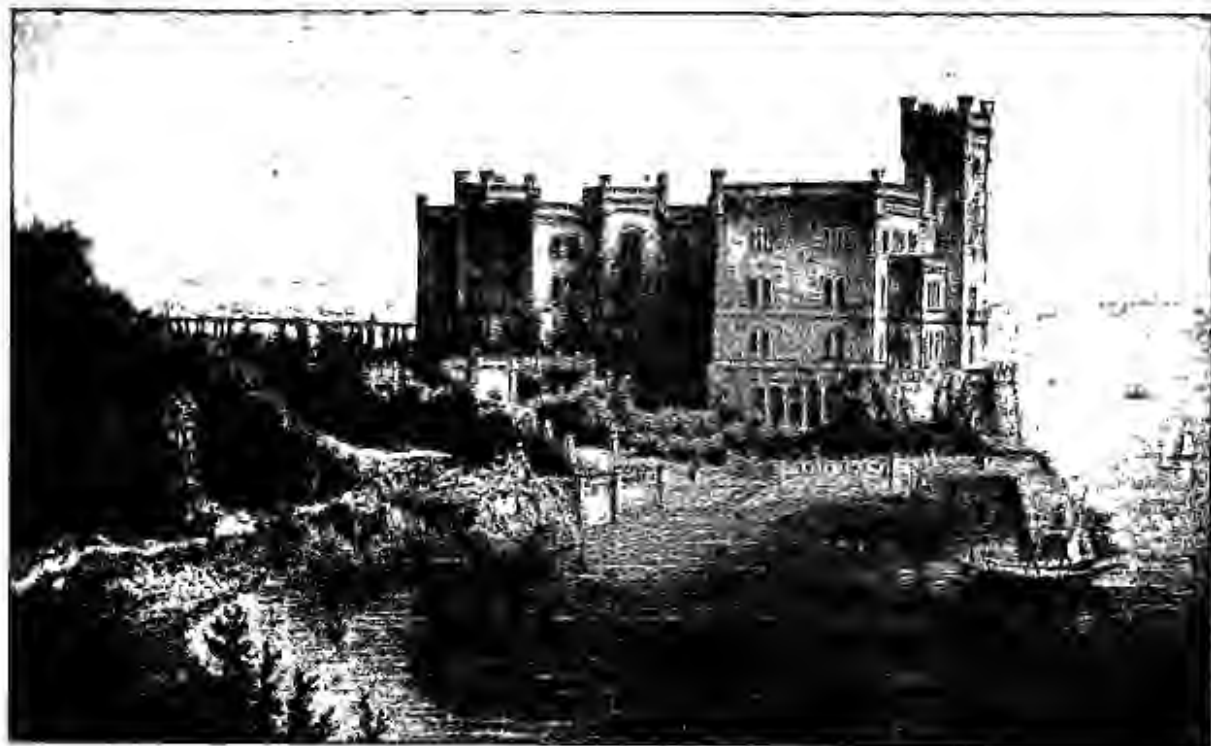
Multiplicavam-se as manifestações anti-austríacas no reino Lombardo-Vêneto.

A princípio, a popularidade de Maximiliano foi toda pessoal; o ódio contra a Áustria era irreductível. Desde a sua chegada à Lombardia, Maximiliano sentiu logo a hostilidade do General Guilay (2), comandante das tropas austríacas no norte da Itália, e de seu estado maior. O príncipe queria exercer realmente a autoridade da qual fora investido, e não ser apenas uma personagem unicamente decorativa. A sua impopularidade crescia dia a dia. O povo queria que eles fossem apenas os representantes de uma Áustria que odiavam.

Sentindo que a situação se tornava cada vez mais ameaçadora, Maximiliano tinha pedido concentrar em suas mãos os dois poderes, civil e militar; no entanto o imperador Francisco José, em carta datada de 21 de abril, comunica a seu irmão que ele resolvera reunir numa só mão a autoridade civil e militar no reino Lombardo-Vêneto, e que ele tinha decidido destituí-lo até nova ordem das funções de Governador Geral, que ele exercia com grande prudência e eficiência, e de confiar estas funções no que se relaciona com a administração

(1) 15 de setembro de 1857.

(2) Guilay de Maros-Nemeth (Franz, conde, 1798-1868), Marechal-Lugar-tenente, Comandante da 5.ª Corporação em Milão desde 1850.



O Castelo de Miramar, por Rohbock, construído por Maximiliano.

civil ao conde Guilay, como chefe do Comando Geral do país⁽¹⁾ (19 de abril de 1859).

Ao tomar conhecimento desta carta, Maximiliano retirou-se de Milão. No dia imediato ele retomou o comando da esquadra do Adriático, mas sob a orientação do feld-marechal Aleman, comandante da fortaleza de Veneza.

Era uma desgraça, apenas disfarçada.

Miramar

De Trieste escreve a arquiduquesa, em 21 de maio de 1859: "Há um mês passei dolorosos momentos, inquieta pela sorte daquele a quem eu me sinto totalmente unida, e que se encontra, a bordo de seu navio, cercado de inimigos, embora eles não se tenham manifestado ostensivamente. Qualquer separação do meu querido arquiduque é para mim extremamente penosa, sobretudo agora! . . . (2)

Terminada a guerra, Maximiliano conservou seu título de Vice-Almirante da Marinha austríaca, mas não tardou em saber que a sua função política no Império estava terminada.

Foi em Miramar, perto de Trieste, que Maximiliano (no ostracismo), compôs a maior parte de seus trabalhos.

O Castelo de Miramar, construído sob a direção artística de Maximiliano numa das extremidades da baía de Trieste, sobre um rochedo banhado pelo Adriático, é uma residência maravilhosa, cercado por magnífico jardim, plantado de essências raras, de palmeiras, laranjeiras e magnólias. Lá estão o gabinete de trabalho de Maximiliano, em feitio de camarote de navio, sua biblioteca onde ele recolhera preciosas lembranças de suas viagens, o escritório de Carlota, que guarda uma secretária de Maria Antonieta, presente de Napoleão III;

(1) Corti, *op. cit.*, I, 89.

(2) A Condessa d'Hulst (*Inédito*).

o salão de audiências, decorado com admiráveis retratos de família, e o museu onde são conservados o manto Imperial e o cetro, devolvidos do México.

Mas a vida tornou-se monótona e triste naquele imenso castelo, para dois jovens que desejavam exercer as suas capacidades, a sua atividade em benefício da pátria.

“Eu prefiro, de minha parte, uma posição que oferece deveres e atividades, até mesmo dificuldades, a contemplar eternamente o mar até a idade de 70 anos” (1) dizia Carlota numa carta a Madame d’Hulst.

É certo que houve entre os jovens um desentendimento durante a permanência em Miramar: no momento em que, em face um do outro, esses dois seres tão diferentes puderam julgar e apreciar-se, notar as disparidades da natureza, de espírito, de caráter que existiam entre eles.

Maximiliano, apesar do contato fugaz com Maria Amélia, levou anos a chorar a sua perda. Foi assim que, estando em Funchal, foi visitar o Hospital Princesa Dona Maria Amélia, onde, em memória de sua noiva, doou à Capela do Hospital uma Imagem de N. S.^a das Dores, e mantinha, à sua custa, um quarto com dois leitos para os jovens tuberculosos.

Do hospital encaminhou-se Maximiliano para uma casa próxima, onde falecera a sua noiva (2) e onde certamente lhe murmurara o último adeus. Os seus comentários aí são sóbrios e dignos, pois era casado e viajava em companhia de sua mulher:

“...durante longo tempo quedei-me abismado em pensamentos de dor e saudade à sombra da árvore magnífica que envolve e protege a casa onde o anjo, tão amargamente chorado, deixou de existir”.

(1) Carta à Madame d’Hulst (*Inédita*).

(2) Quinta das Angústias, cuja estampa reproduzimos, à rua do Castanheiro, pertencente a Nicolau Hemiterio de la Tuellière. (Januário Justiniano de Nóbrega: *Madeira*, 1867.) Hoje esta Quinta N. S.^a das Angústias fica na rua Imperatriz Amélia e pertence à Sr.^a Isabel Vasconcelos Cunha Santos.

Num período das suas obras completas, Maximiliano, ao referir-se à Ilha da Madeira, assim termina as suas reminiscências:

“...aqui se extinguiu uma vida que parecia fadada a garantir a tranqüila felicidade da minha”.

Em janeiro de 1860, Maximiliano, que tinha sonhado fazer a volta ao mundo com Carlota, partia da Ilha da Madeira para o Brasil, deixando no Funchal Carlota, doente. Regressou três meses depois, mas a princesa não se refere a essa viagem na narrativa que deixou de sua estadia na Madeira, e também não faz nenhuma alusão à sua saúde.

Viagem de Maximiliano ao Brasil

Bahia, 11 de janeiro de 1869. Aportava à cidade de Salvador a corveta austríaca *Elisabeth*. Logo se propalou a notícia de se achar a bordo o arquiduque Maximiliano de Habsburgo, cuja vinda fora anunciada não só pelos jornais mas também oficialmente, desde começo de dezembro de 1859⁽¹⁾.

“Banhada do vivificante sol dos trópicos, e recoberta de reluzente céu azul, é assim que, com o coração em festa, penetramos às dez horas, na imponente e dilatada baía de Todos os Santos.”

(1) Por duas cartas existentes no arquivo do Conselheiro Paulo Barbosa da Silva, das quais nos cedeu cópia o Dr. Américo Jacobina Lacombe, vê-se que, pouco antes, o Imperador, em excursão às províncias do Norte, aguardava no Recife a chegada do primo Maximiliano. As cartas em apreço são do Dr. Antônio d'Araujo Ferreira Jacobina — Professor da Escola Central, Ajudante de Mordomo da Casa Imperial, mordomo itinerante de S.M. o Imperador — e dirigidas a Dona Francisca de Paula Barbosa da Silva (mulher de Paulo Barbosa). “Recife, 10-12-1859. Agora estamos à espera do arquiduque Maximiliano d’Austria, que vem aqui estar oito dias, com a mulher, filha mais velha do rei da Bélgica”. “18-12-1859. O Imperador designou-me para ficar à espera do arquiduque que já se demora desde o dia 16. Creio que não terei a chance de o ver chegar quando eu estiver só” (O Imperador partira naquela data para S. Antão) “o que como sabe me daria um certo *relief* que não faz mal a um moço”.

“São estas as palavras iniciais do diário em que, há um século, o arquiduque Ferdinando Maximiliano da Áustria fixou as suas impressões na rápida visita feita à Bahia. Palavras de sincero enlevo por tudo quanto é natureza ensolarada, que mal disfarçam a persistente aversão ao inverno europeu, tantas vezes encontradiza em seus escritos.

“O ambiente tão a gosto do nosso ilustre visitante não podia deixar de o predispor a outras manifestações gratas aos nossos ouvidos, e não as regateia a sua alma poética:” (1)

“Foi um desses momentos felizes em que, no sentido da palavra, se nos abre um mundo novo quando desejaríamos ter cem olhos para absorverem todas essas maravilhas desconhecidas que se nos revelam em sucessão ininterrupta de todos os lados: um desses momentos em que traiçoeiramente se insinua também o pesar de não compreendermos tudo, e de não fixarmos na retina senão uma pequena parcela do que vemos, porque, depois, na recordação da natureza, a palavra não pasará nunca de pálida e inexpressiva imagem daquilo que os olhos tiverem a ventura de contemplar em seu conjunto.

Maximiliano da Áustria, que nos entra em casa com esse contentamento exuberante de estudante em férias, contava, então, pouco mais de 27 anos. O pai de Maximiliano, Francisco Carlos da Áustria, era o irmão mais moço de Dona Maria Leopoldina, Imperatriz do Brasil, primeira esposa de D. Pedro I.

Dona Leopoldina, portanto, era tia de Maximiliano, e de Francisco José. E estando, por assim dizer, em casa da tia, embora falecida, é natural que se sentisse à vontade,

“A sua satisfação ainda tinha outros motivos mais íntimos: estava longe do meio que, aferrado a uma tradição moribunda, teimava em repudiar-lhe as tendências liberais.”

(1) Frederico Edelweiss — *A visita de Maximiliano da Áustria à Bahia*. Salvador, 1960 (Centro de Estudos baianos) (Deste trabalho transcrevemos a maior parte desta narrativa).

“O seu vivo, quase místico desejo de tomar contato com a nossa terra, longe de qualquer etiqueta e gente estranha, levou-o a escolher, para o seu desembarque, um lugar que, nas suas próprias palavras, escolheria um noivo para o primeiro encontro com a sua prometida: o porto da Barra, ermo e poético, então, com o seu riachinho cortando o largo de hoje, onde algumas lavadeiras tagarelas maltratavam a roupa suja. Por entre a exuberante vegetação e tufos de bambu, subiu a ladeira da Barra, e ganhou, pelo Corredor da Vitória, “uma grande praça, que, por estar quase despida de árvores, o povo apelida de Campo, como em Veneza”. Esse campo era cercado de alegres casas de morada, que também se estendiam pela Vitória, todas com o seu pequeno jardim, e, a veia de sátira do arquiduque austríaco acrescenta:

“De todas elas se ergue um mastro, pois em todas mora um cônsul, e, nos dias feriados, não há um único país, por minúsculo que seja, que não tenha o seu trapo dançando no alto ao sabor da viração. Seria, de fato, tarefa bem penosa a de descobrir o estrangeiro que, a par de negociante, não seja cônsul, principalmente entre os alemães”.

Nesse trecho do seu percurso viu também a primeira cadeirinha de arruar e, mais uma vez, o sarcasmo lhe estila da pena:

“Quando o vento me ensejou ver o volumoso ocupante atrás do cortinado, a abanar-se, metido na sua sobrecasaca, compreendi a razão de estarem banhados em suor os dois carregadores, cuja pitoresca indumentária, por outro lado, testemunhava a importância do fardo que levavam”.

“E assim, despreocupadamente andando e observando, aprovando e criticando, chegou a uma Igreja onde a rua se alargava, e acabando em declive, desemboca na praça, ou antes, no terraço do teatro.

“Mais faminto do que cansado veio a dar, após uma decepçante experiência, num restaurante de segunda classe, no

Hotel Février, cuja taboleta no largo do Teatro, lhe passara despercebida. Ai, finalmente, pôde fazer-se compreendido, e Maximiliano não regateia louvores, nem ao dono do hotel, nem a seu servente, nem ao excelente serviço. Enquanto saboreia delicioso abacaxi, depois do almoço, presta atenção ao que o hoteleiro lhe conta do país, da cidade, da recente visita do imperador, homem vistoso e incansável, que em trajes civis, e a pé, percorreu as ruas da Bahia, como qualquer mortal; da pobre Imperatriz, boa mulher, mas, nem jovem, nem bonita, e que por cima ainda puxa de uma perna. E, apontando pela janela, para o *Elisabeth*, refere-se ao príncipe, que num navio daqueles devia chegar qualquer dia, mas que talvez não venha com receio da febre amarela.

“Das janelas do hotel pôde, ainda, apreciar o palanque coberto que havia sido erigido em honra a D. Pedro II de frente do teatro e, dali mesmo, viu desembocar da Ladeira da Conceição uma companhia da Guarda Nacional que, em fardamento de parada, havia escoltado o Presidente da província⁽¹⁾ para a recepção do Príncipe austríaco.

“A vista desse aparato, senti-me um tanto acanhado na minha roupa leve de linho, e no meu panamá, e não menos culpado pela decepção das autoridades a que o jornal deu depois o devido relevo”.

Informa-nos Maximiliano em seu diário, e acrescenta:

“Evidentemente não compreenderam a homenagem toda especial que constituía à sua terra a sofreguidão com que dela me acerquei”.

Pouco depois da passagem do cortejo oficial, chegou ao hotel uma caieça puxada por quatro mulas, trazendo o Comandante do *Elisabeth* e um negociante originário de Hamburgo, o cônsul da Áustria, que, de sobrecasaca e chapéu de pelo, ficou visivelmente decepcionado com o príncipe de roupa de brim.

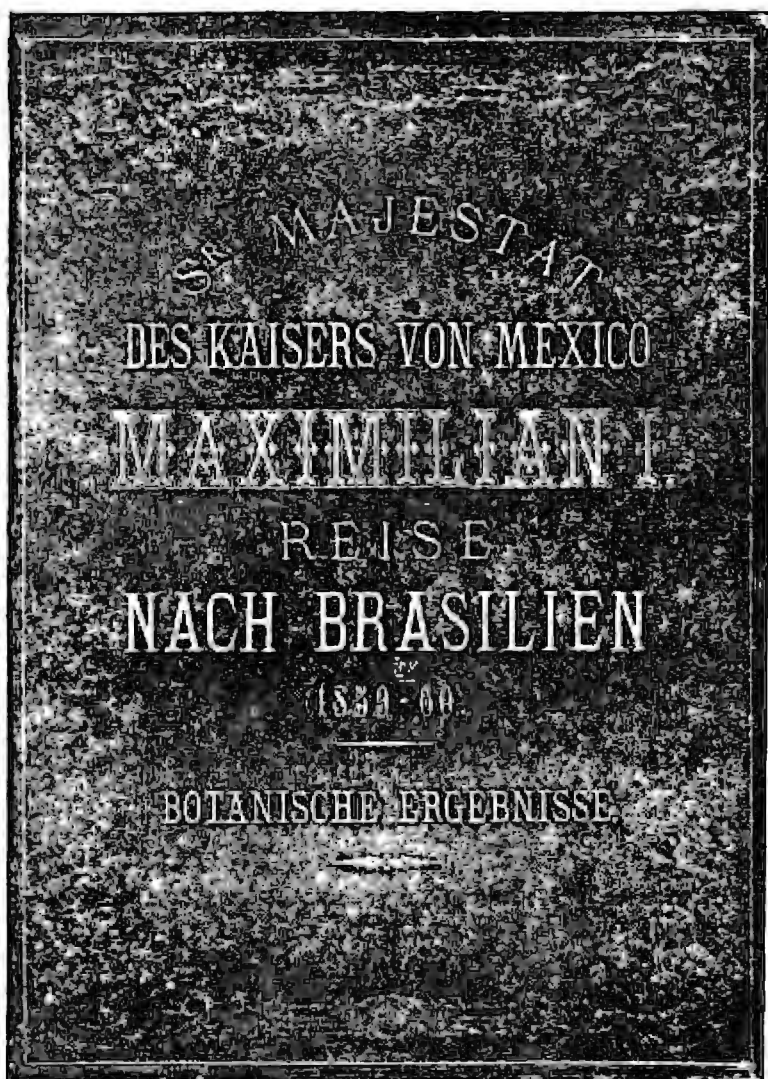
(1) Herculano Ferreira Pena, que tomou posse a 28 de setembro de 1859 e foi substituído em 26 de abril de 1860. (Nota de F. Edelweiss)

“Maximiliano mostrou desejo de aproveitar a condução para, com o seu botânico, ver ainda no mesmo dia algo mais dos arredores da Bahia. Fizeram primeiro uma visita ao Passeio Público, que se estendia por dois terraços ligados por escadas, e que, tanto pelo trato como pela vista admirável sobre a Bahia e a cidade baixa, mereceu os mais rasgados encômios do visitante. Depois foram ter ao dique, provavelmente pela rua da Vala. Maximiliano propôs logo que, a pé, contornassem o lago tanto quanto possível, e não demorou em extasiar-se com as surpresas das suas margens. “Se”, anota ele em seu diário, “os nossos lagos artificiais com os seus arredores amanhados, sempre foram o meu encanto, qual não foi o fascínio exercido por um lago brasileiro, orlado de vegetação natural, onde cada planta me era nova, cada árvore uma surpresa, cada bater de asas diferente, e cada inseto de forma exótica; onde cada planta aquática podia acoitar uma cobra, e o encrespar da água acusar a presença de um jacaré.”

“E por aí vai o nosso Príncipe entusiasmando-se. Menciona os exemplares mais notáveis da flora que bordava o dique, e que, por vezes, o botânico ia colher dentro da água, a despeito do seu grande receio dos jacarés.

“Descreve, maravilhado, o que apelida de “rubi da nossa avifauna”, o sangue-de-boi; passa um tanto acanhado por um grupo de alegres lavadeiras, que, cingindo apenas exíguos aventalinhos, deixavam plena liberdade de movimentos às suas avantajadas e buliçosas formas. Avista estranhas borboletas, e delicadas orquídeas multicores. E, de tanto olhar para cima, a pequena caravana perde o caminho. Acontece então o inesperado: Maximiliano vê o primeiro beija-flor vivo, e descreve-o num alongado trecho, que pertence às melhores caracterizações do seu diário.

“No dia seguinte, Maximiliano apreciou durante algum tempo a festa do Bonfim, alude à incompreensível profanação da Igreja nessa ocasião, e comenta com certa irreverência os



Original da obra de Maximiliano I, Imperador do México, sobre a flora do Brasil – 1859/1860 (da Coleção Galeno Martins).

dois quadros da Morte do Justo, e da Morte do Pecador. No caminho visitou os trabalhos da futura Estação da Estrada de Ferro, em véspera de inauguração. À tarde voltou a explorar o dique, e à noitinha foi ver o Campo Santo, e a família do cônsul austríaco. Ambos lhe dão ensejo para comentar os costumes e a vida dos estrangeiros que ali labutavam.

“A manhã seguinte foi dedicada à compra de tudo quanto de interessante para colecionadores puderam achar na loja de um velho francês que regurgitava dos exemplares mais surpreendentes. A tarde coube toda ela à revisão final do dique, cujos tesouros pareciam inesgotáveis aos naturalistas de Maximiliano.

“Mas o primo do nosso Imperador queria ver um local de natureza indevassada e, ao convencer-se de que na região da Bahia não mais havia mata virgem, programou com o Cônsul, em sua passagem pelo Rio de Janeiro, uma incursão pela zona de Ilhéus, onde, em companhia conveniente, poderia contemplar a selva verdadeira em sua estuante primitividade. E, assim, depois do maravilhoso volume dos seus *Bosquejos de Viagem*, todo dedicado à Cidade de Salvador e ao Recôncavo, nos daria Maximiliano mais outro, *Mato Virgem*, onde só nos fala de Ilhéus e de sua excursão ao Banco da Vitória.”⁽¹⁾

“Ali moirejavam os remanescentes de uma colônia de alemães fundada havia quarenta anos, e ocasionalmente acrescidos de uns poucos imigrantes avulsos, como o barão Steiger

(1) *Reise-Skizzen — Bahia 1860* — Viena, 1861 — 342 p.; *Mato Virgem* — 1860 — Wien, 1864 — 216 p. Ambos os volumes vêm reimpressos, sensivelmente abreviados nas suas obras completas: *Aus meinem Leben-Reise-Skizzen-Aphorismen-Gedichte*. Leipzig, 1867 — 7 vol. Mais condensados ainda foram na tradução francesa de Jules Gaillard: *Souvenirs de ma Vie*, Paris, 1868 — 2 vol. A edição original dos *Bosquejos de Viagem* é extremamente rara, e pouco conhecida mesmo entre os bibliógrafos, pois era destinada exclusivamente a membros da família Imperial, e aos amigos íntimos. Diz o escritor contemporâneo, Friedrich von Hellward, na sua obra: *Maximilian I, Kaiser von Mexico*, Viena, 1869, p. 10-11, que, devido à franqueza de Maximiliano nas suas referências a certos personagens, casas reinantes e ao Vaticano, “círculos influentes” impediram maior divulgação dos *Bosquejos*, e exigiam dos presenteados que os não emprestassem a pessoa alguma, e providenciassem para que, após a sua morte, fossem restituídos.

de Münssingen, amigo do cônsul da Áustria na Bahia, com quem Maximiliano iria hospedar-se.

“A pequena comitiva subiu o rio Cachoeira de canoa até a fazenda *Vitória* do barão Steiger, no pomposamente chamado Porto da Vitória. Era uma propriedade de alentadas proporções, pois o seu dono tinha recursos, orientado por Alexandre de Humboldt, como ele próprio afirmava⁽¹⁾.

Ligou-se, poucos anos depois, por casamento, com a família tradicional da região, Sá Bittencourt, que, na sua fazenda *Esperança*, se dedicava, assim como colonos da vizinhança, à cultura do café e cacau⁽²⁾.

“À volta passaram pelas roças dos colonos alemães, que penosamente vinham ajudando a deitar os alicerces de uma das futuras riquezas da Bahia, a lavoura do cacau, cuja produção ainda mal atingia dez mil sacos anuais.

“Neste ponto Maximiliano interrompe o insubstituível diário de sua viagem ao Brasil, e nunca mais lhe retoma o fio.

“Apenas a redação insere, a título de ponto final, a seguinte nota explicativa: “Inúmeros negócios impediram o autor, até agora, de continuar o relato tão interessante de sua viagem à mata virgem”⁽³⁾.

Já que acompanhamos o príncipe na sua excursão pelas matas e florestas da Bahia, vamos apreciá-lo sendo recebido pela sociedade baiana, segundo a narrativa de José de Wan-

(1) O barão Ferdinand von Steiger-Münssinger, como diz Maximiliano, ou Steiger von Münssinger, segundo Dr. Wawra, era filho de uma família patricia de Berna, que possuía também propriedades na Áustria. Entrou no exército prussiano, e, em 1845, como tenente da Guarda Real, foi destacado para acompanhar a Rainha Vitória na sua viagem pelo Reno. Steiger conservou da soberana as mais gratas recordações, e, certamente em homenagem a ela, denominou a sua propriedade *Vitória*, nome que se transferiu ao banco de rochas e ao porto daquele trecho do Rio Cachoeira, e que não mudou até hoje.

(2) Maximiliano dedicou o volume *Bahia* a “seu muito estimado e prezado amigo, o tenente coronel Egidio Luís de Sá Bethencourt, presidente da Câmara Municipal de Ilhéus”. [Dedicatória em português]

(3) Frederico Edelweiss: *A Visita de Maximiliano da Austria à Bahia* (Centro de Estudos Baianos, n.º 43), Salvador, 1960.

derley Pinho no seu livro "*Salões e damas do segundo Reinado*"⁽¹⁾).

"Das ruas entrevira a gente fina da antiga capital do Brasil, os homens de roupas escuras ou em cadeirinhas ou a trote de mulas, e as damas pálidas, na hora do pôr do sol em vestidos de mousseline, os negros cabelos soltos, debruçadas nas sacadas, ou reclinadas em cadeiras de balanço, nas varandas floridas, à espera de elegantes cavalheiros. Foi, porém, no baile que lhe ofereceu o Cônsul austríaco Lohman (a 14 de janeiro de 1860), na sua bela casa da Vitória, que tomou direto conhecimento com brasileiros e estrangeiros ali congregados.

"Desse bairro, a Vitória⁽²⁾, guardou o irmão de Francisco José poéticas recordações, desde as graciosas e risonhas "vilas" de numerosas janelas e terraços, até os primorosos jardimzinhos que as rodeavam, entremeados de pilares e estatuetas.

"As casas, os jardins, e as árvores gigantescas traziam-lhe à mente os encantadores arredores de Richmond à margem do Tâmis e os *cottages* cobertos de flores de Claremont e Twickenham e, ao mesmo tempo, faziam-lhe lembrar-se da Alemanha e da Suíça.

(1) Wanderley de Araújo Pinho, *Salões e damas do segundo Reinado*, Livraria Martins, São Paulo, 1942, p. 29 e segs.

(2) O bairro de Vitória, a estrada de Vitória, e depois "corredor de Vitória" encantava aos visitantes da Bahia antiga. Tollenare guardou impressões deliciosas: "Duvido que se possa encontrar algo de mais interessante do que os vales românticos que se avizinham da Vitória. Todas as formas, todos os tons, todos os contrastes, todas as harmonias estão ali reunidas; sei gozá-las, mas não sei descrevê-las. Galgando-se as colinas encontra-se uma estrada soberba, devido aos cuidados do conde dos Arcos, e que liga as encantadoras casas de campo, ornadas de laranjas..." Viu damas baianas, após uma tourada "ao cair da tarde e quase ao sair da lua quando se espalham pelos gramados e caminhos sombrios da Vitória". Também Fletcher descreve com entusiasmo *Vitória Hill*, com os mais lindos jardins, passeios encantadores, amplo descortino. Ali encontravam-se as melhores casas, os melhores ares, a mais pura água, a melhor sociedade. Os muros de antigas fortalezas acrescentavam toque romântico e interesse histórico ao magnífico panorama das águas azuis das ilhas verdejantes. Fora ali que Henry Martin, que acidentalmente toca na Bahia de viagem para a Índia, havia mais de um século, escrevera cantando aqueles versos:

"Ó'er the gloomy hills of darkness.
Look my soul; be still and gaze." (486, Fletcher)

“A idéia de um pequeno mundo concentrado entre as quatro paredes de um lar era incompreensível ao brasileiro — ponderava Maximiliano. A casa aqui era apenas o abrigo contra a chuva e o sol. A de Lohmann participava um pouco disto, e o Príncipe a descreve com salas claras e soalhos forrados de esteirinhas, as belas e sólidas mobílias estofadas ou de palhinha, os espelhos de moldura dourada, e os ricos candelabros.

“Ao dirigir-se para o baile, numa linda e calma noite, viu, da sua carruagem, cadeirinhas conduzindo convidados e, em meio a grupos que marchavam a pé, os homens de casaca negra, uma dama baiana, “uma das famosas flores da aristocracia da Vitória”, que caminhava elegantemente, com plumas flutuantes, e ampla crinoline.

“A consulesa, vestida com apuro, fazia figura em qualquer círculo de Londres ou de Paris, por sua aparência e finas maneiras; a primazia, porém, entre a maioria de senhoras alemãs, cabia a uma brasileira; pálida como o marfim, esguia como um hindu, os grandes e negros olhos cintilantes velados de encantadora expressão de melancolia, o cabelo preto como a asa de um corvo; beleza realçada pela simplicidade do traje, tinha ela a graça de uma sílfide e uma cativante timidez.

“No vasto salão oval, decorado com muito gosto, iniciaram-se as danças por uma *quadrille d'honneur* que acabou em animada roda, ou movimentada marcha, cujos interessantes passos não deixavam de amarrotar as crinolines.

“Esse costume de abolir, no final, a solenidade da quadrilha, notou-o o Príncipe, sem censura. Não pareceu conformar-se, porém, com a maneira por que se valsava. A civilização baiana não se apropriou do ritmo apressado de nossa valsa alemã, que é dançada em compasso moderado. Quando conduzi a linda dama com suas plumas de avestruz (a mesma que vislumbrara em caminho quando me dirigia à festa) e

quis dançar com ela arrebatada valsa no estilo vienense, quase ela me desmaia nos braços”.

“Observador minucioso, Maximiliano reparou que as senhoras baianas usavam crinolines muito exiguas e não calou sua opinião, esperando que, se por isso provocasse alguma queixa de elemento masculino, o agradecimento das modistas a compensaria. Mas quase se arrependeu de tal crítica, ao ver uma dama sentar-se no sofá com tamanha habilidade que a crinoline, enchendo-se toda de ar, supria maravilhosamente as deficiências acusadas pela moda.

“Nesse baile travou Maximiliano conhecimento com Wucherer, o sábio médico, e sua mulher, com quem dançou uma quadrilha.

“Fez-se ouvir ao piano uma senhora, que, entretanto, não conseguiu interromper a tagarelice de suas companheiras. Adiante os alemães se excediam na sala das bebidas repetindo brindes.

“Temperamento poético e exaltado, admirador da natureza, termina assim o futuro mártir de Querétaro a sua narração: “Todas as janelas e portas estavam abertas e apesar do calor que fazia, continuamos a dançar à fresca brisa da noite. A lua, esgueirando-se da floresta, lançava seus raios através das janelas, enquanto lá em baixo, em frente à casa, os carregadores de cadeirinhas executavam, ao relento, danças primitivas e selvagens acompanhadas de suas canções. Excelente ceia com todas as iguarias usadas nas cinco partes do mundo foi servida num vasto salão do andar térreo.

“Deixei aquela gente ainda a dançar e, depois de, com uma taça espumante, ter saudado em agradecimento a minha amável anfitriã, atirei-me a uma caleça e dirigi-me para casa, cortando o ar de verão daquela noite de janeiro, a sentir o perfume das flores, sob a luz rutilante das estrelas”.

“Foi bem grande a animação social da Bahia na década de 1850-1860.

“Maximiliano, do México, conta em suas *Memórias* como na Bahia um senhor de engenho recebia um hóspede de alto coturno.

“Não é uma festa, mas uma simples visita com almoço ao Engenho Novo de Tomás Pereira Geremoabo. Ainda assim a nota de abastança dá o tom da vida senhorial do Recôncavo; e o depoimento vale muito, ditado por tão ilustre e arguto observador.

“Partiu o Príncipe da capital baiana no vaporzinho *Cachoeira*, com pequena comitiva, da qual fazia parte o próprio Geremoabo.

“A bordo, na curta travessia do golfo, ou a subir o rio, Maximiliano reparava naquele que dentro em pouco iria hospedá-lo. Fixou-lhe o retrato físico, chamando-lhe *Lord de do Brasil*, impressionado com sua extrema modéstia de atitudes, que não passava, entretanto, de calculado, inteligente, e diplomático disfarce de quem aguardava o momento para manifestar-se “na plenitude de sua grandeza principesca”.

“Durante a pequena viagem marítima um incidente ocorreu que o Príncipe narra com saborosa minúcia.

“Como tivesse mandado para bordo do *Cachoeira* algumas iguarias da despensa e copa de seu iate *Elisabeth*, notou o ar de gula com que Geremoabo fitava os *beef-stakes* e os *capões* e as fatias de vitela de Estrasburgo. Num dado momento, porém, a curiosidade gastronômica do *Príncipe dos Escravos* transformou-se em nervosa inquietação, ao divisar um prato cheio de açúcar, reservado para adoçar melões.

“Geremoabo mexia-se na cadeira, de olhos fitos no açúcar: e, em certo momento em que acreditou o Habsburgo distraído, ‘pulou como um gato’ sobre a pirâmide branca, apanhou um punhado, provou-o apressadamente, recolhendo outro tanto a um papelucho que enrolou e guardou. Caiu então em profunda e melancólica meditação.

“É que, pela primeira vez, o proprietário de grandes canaviais, cuja riqueza consistia em escravos e no doce suco que das canas extraía, estava vendo e apalpando e provando o açúcar produzido pelo trabalho livre, o açúcar de beterraba, o mortal inimigo de que tinha notícia pelos jornais e que ousava agora atravessar o oceano para vir afrontá-lo, trazendo-lhe aos lábios um amargo sabor de sarcasmo.

“Mas isso passou, e outro ia mostrar-se Geremoabo logo que avistou os próprios domínios.

“Mal o vaporzinho largou âncora ao largo, partiu num dos botes de bordo a fim de ir dirigir a recepção: *para como um príncipe receber outro príncipe.*

“No cais do engenho, que Maximiliano via de longe, grande era a azáfama de negros alegres e obedientes, a se agitarem entre bandeiras e galhardetes, e breve dali regressou Geremoabo na sua própria galeota, a bandeira brasileira desfraldada, um rico tapete estendido sobre o cavername, seis soberbos remadores negros com fardas um tanto teatrais.

“Passaram todos à galeota, e era de ver no trajeto da embarcação à terra a compostura de Geremoabo, ‘muito senhor de si, como um homem acostumado ao mando e à autoridade’.

“Por mais que pretenda resumir a narrativa do futuro Imperador do México, a pena se sente obrigada a transcrevê-lo longamente. A quase nenhuma palavra de seu livro falta interesse, observação, poesia.

“Algumas remadas rigorosas, uma curva graciosa, e eis-nos encostados ao cais, onde nos recebem os elementos brancos da casa de Geremoabo. Pisava o “pequeno reino” com seus numerosos negros, alguns mais que escravos, feitores que acudiam ao senhor, sorridentes e tímidos ao mesmo tempo. Os olhos do austríaco cheios de curiosidade nada perdiam; a um lado o engenho a vapor com suas máquinas, do outro o grande armazém; após íngreme subida, a casa de residência,

e além, o estábulo, as senzalas, o aqueduto e o 'delicioso sítio dos banhos', com três grandes banheiras de mármore sombreadas por frescas árvores.

"Afinal, passando por um espaçoso pátio, alcançamos a casa.

"Atravessando um *hall* no qual se via a doirada cadeira de arruar do senhor, e subindo bela e antiga escada de madeira, chegamos a uma espécie de galeria, onde, num relance, vimos, sobre um livro de orações, uma palmatória.

"Daí passamos para a leve e arejada varanda — o centro de atração de todo o lar brasileiro — longa, alta, assoalhada de madeiras escolhidas, parecendo uma galeria, com paredes pintadas de cor clara. Rodeando a casa, era como um imenso guarda-sol, com suas janelas largas, apenas separadas umas das outras por pilares de madeira.

"Tudo lhe parecia belo: a planície que se estendia até o sopé do morro onde o mato fechava o horizonte, os grupos de palmeiras, as filas de jaqueiras. A imaginação excitada pela beleza ambiente procurava na memória comparações: recordava-se do Lago de Como e, ao mesmo tempo, de visões do Oriente, para logo reconhecer que 'a luz fulgurante e os brilhantes coloridos dos trópicos não admitiam esses confrontos'.

"A minúcia germânica da observação não lhe esfriava o calor do entusiasmo descritivo, nem lhe diminuía o perfume de ternura romântica do estilo, inspirado das 'impressões deliciosas da vida tropical'.

"Gabava a arquitetura do solar de Geremoabo, o conforto de todos os seus apanjos, e não esquecia certas particularidades exóticas: 'uma leve rede finamente trabalhada, com uma franja vistosa e uma almofada convidativa armada entre os pilares da varanda, era como um berço aéreo. Cadeiras de balanço de fino junco, oferecem-se prontas para as abstrações, no doce far niente; confortável mobília ainda que não estofada dispõe-se, arrumada com gosto, no *hall*; ao centro, a mesa

de jantar está tentando continuamente os hóspedes com seus petiscos’.

“A pena de memorialista nada esquece: as gravuras francesas, os retratos de algum senador abastado ou chefe de partido, um óculo de alcance para observar o movimento fluvial, ou velho piano que dá provas de nascente gosto artístico.

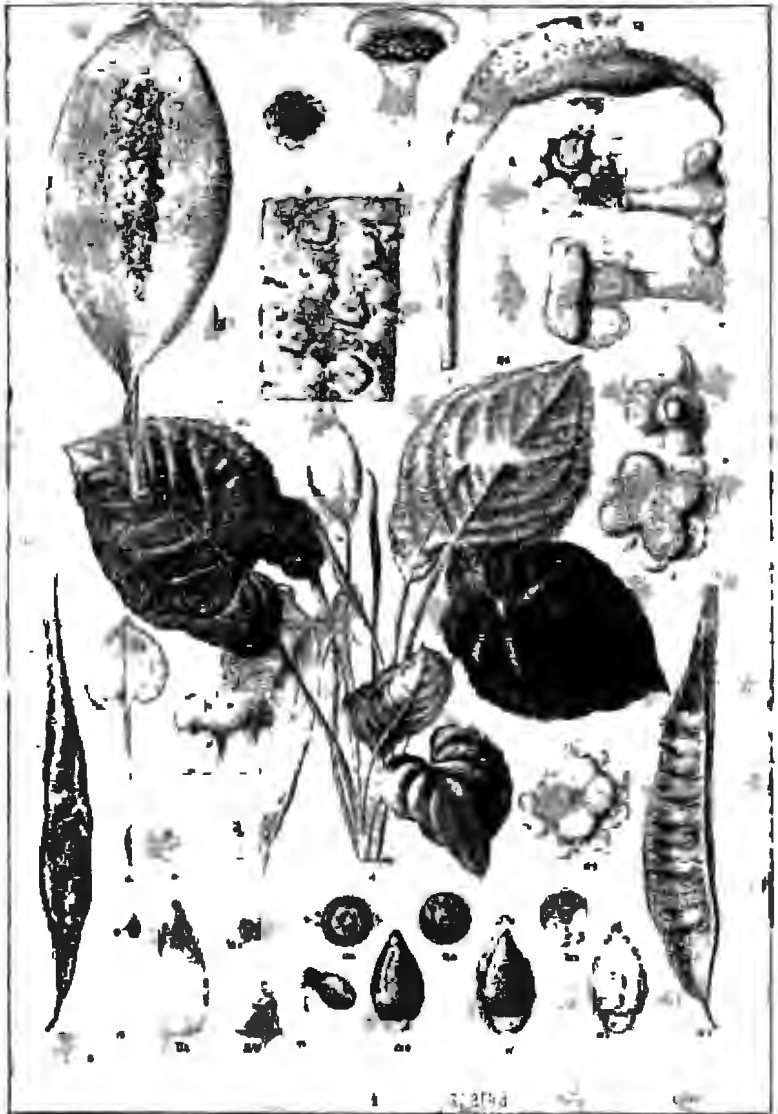
“Encontra em tudo aquilo uma medida que só lhe capta louvores; ‘o bom gosto do proprietário manifesta-se em adaptar tudo ao clima, dispensando-se de inúteis demasias’.

“Na casa de campo brasileira, ponto de repouso depois de dias trabalhosos, objetos de arte e de ciência que excitam a inteligência, seriam de efeito perturbador.

“A casa é um delicioso sítio de descanso, onde se pode estar quase com as franquezas de ar livre, e há nisso tudo, alguma cousa de salutar, de suave, a contrastar agradavelmente com os efeitos de um lar europeu.

“Chegava, porém, a hora do almoço.

“Já por salas e varandas notara a deslizarem, serenamente, como gatos, escravos de categoria, vestidos de azul, mas descalços. Eram providências para a refeição que ia servir-se em breve. Uma mesa principesca estava posta na varanda, com toda a sorte de luxos gastronômicos, que a arte brasileira havia inventado. Todos os pratos (e os brasileiros sempre os têm em grande número) estavam, segundo o costume do país, postos sobre a mesa, onde se viam frutas deliciosas, desde o delicado e suculento melão, até o abacaxi real, e mais uma série dos mais escolhidos vinhos. Escravos de respeitável aparência, de todas as idades (que poderiam ombrear em habilidade com qualquer garçom de Paris), faziam o serviço, mas, segundo o velho estilo patriarcal, era o próprio senhor que, com requintes de gentileza, fazia, na realidade, as honras da mesa, e foi ele próprio que tomou a si encher a taça do viajante fatigado, com fartas porções de champagne. ‘Vexava-me ver-me servido por Geremoabo, pois já não parecia o mesmo



Um dos estudos sobre a flora do Brasil, do livro de Maximiliano, mostrando todos os detalhes da formação de uma planta, que reflete o espírito científico do autor (da Coleção Galeno Martins).

que eu vira, mas sim, um homem de sociedade, um personagem de posição e de importância’.

“A cozinha baiana soube-lhe bem ao paladar: ‘os pratos brasileiros eram todos muito delicados e bem preparados, condimentados com pimenta e toda sorte de especiarias; é admirável o seu forte sabor adaptado ao clima quente e enervante. As especiarias estimulam, e revigoram’.

“Não visitava Maximiliano uma daquelas casas de engenho de grande luxo e de mais refinado tratamento, herança fidalga de antigas tradições. Nestas teria ele menos que louvar, talvez, no pitoresco, e mais que reparar certamente no pretencioso ar castelão e nas exibições de prataria e louça, exuberâncias de serviço. Ao austríaco, acostumado a outros requintes e maiores riquezas, a impressão não seria tão simpática como a que lhe inspirou a casa de Geremoabo. Traria porém uma galante recordação das damas que lhe teriam aparecido, é bem provável, em toda a pompa de seus vestuários e que foram totalmente ausentes ao almoço do Engenho Novo. Se, entretanto, juntamos o que escreveu com tão suave estilo e tão ameno romantismo e simpatia”, poderemos avaliar o deslumbramento que sentiu ao entrar pela primeira vez numa mata virgem tropical. Aquele silêncio, apenas interrompido pelo cair das folhas secas, e pelo canto sonoro do sabiá da mata, e o colorido rico do beija-flor, sugando nervosamente o néctar das flores. Tudo isso era inédito para o príncipe. Pela mata a dentro, abrindo picadas, foi tomando conhecimento da rica flora e da fauna do Brasil. Colheu espécies raras de plantas e flores, e animais. Geralmente os príncipes estudavam e cultivavam a História Natural. Desenhou-as, catalogou-as, fixou-lhes os ricos coloridos, desde as quaresmas, até as orquídeas raras, a uma das quais ele deu o seu nome. Desse estudo resultou a grande obra de Maximiliano que reproduzimos à p. 128 e que fazia parte da biblioteca de Galeno Martins (1).

(1) Maximiliano, *Reisen-Skizzen, Bahia*, Viena, 1861.

“O seu temperamento de artista e de poeta muito se assemelha ao de Maria Amélia, que amava os pássaros, as plantas e as flores. Se o destino não tivesse sido tão cruel em separá-los, certamente eles teriam tido uma felicidade pouco comum nesta terra.”

Chegada ao Rio de Janeiro

Na noite de 26 de janeiro, entrou no porto do Rio de Janeiro a corveta conduzindo a seu bordo o arquiduque Maximiliano.

Cedo, na manhã de 27, apenas a corveta fundeou, foi S. A. I. cumprimentado a bordo pelos Senhores João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu, Ministro dos Negócios Estrangeiros, senhores ministro e cônsul da Áustria, chefe de esquadra Joaquim José Inácio e outras pessoas.

Sua Alteza agradeceu, declinando o oferecimento, a gaileota e o estado da Casa Imperial, que foram imediatamente postos à sua disposição, quer para desembarcar, quer para percorrer a cidade.

Embarcou na sua gôndola veneziana, com o ministro da Áustria e desembarcou a uma hora da tarde no Arsenal de Marinha, seguido pelo estado-maior, que o acompanhara em um escaler. S. A. trajava paletó branco e chapéu de Chile.

Entrando, então, num carro com os senhores ministro e cônsul da Áustria, pela rua Direita para o Largo do Paço, dirigiu-se para a Sta. Casa de Misericórdia, percorrendo todo o edifício, mostrando-se bem impressionado com a ordem e o asseio lá encontrados.

Subiu, depois, o morro do Castelo e dali rumou para a Glória e Botafogo, onde visitou o Hospício Pedro II. De regresso, dirigiu-se ao Campo de Sant’Ana. As seis horas jantou no Hotel da Europa.

No dia 30 partiu para Petrópolis, onde chegou às nove e meia, hospedando-se no Hotel Oriental.

Fora até Mauá na linda galeota dourada imperial, a vapor⁽¹⁾.

Os topos dos portalós em pau-cetim destacavam golfinhos em belo relevo, contornando duas âncoras cruzadas sob a co-roa imperial.

Os cabos dos portalós em seda verde e amarela. Sobre a tolda e convés três meias laranjas, indicando as descidas para as Câmaras das damas, dos ministros e do comandante.

Era encantadora a perspectiva da galeota. Visto da proa, o conjunto das meias laranjas amarelas, das balaustradas douradas, do passadiço e das escadas, projetava-se a um tempo na grega dourada que cercava o tombadilho e, na frente do camarim, pintado de dourado e guarnecido de vidros de cores.

O camarim imperial, cujo pavimento inferior estava a dois pés abaixo da tolda, dividia-se em três compartimentos.

(1) O ministro de estrangeiros Sinimbu providenciara sobre a ida do príncipe a Petrópolis, escrevendo a Paulo Barbosa a carta seguinte:

"11.^{mo} Ex.^{mo} Sr. conselheiro Paulo Barbosa da Silva.

"Acaba de sair desta sua casa agora mesmo (11 horas) o Sr. de Sonneleithner, e veio confirmar a resolução em que está o príncipe Maximiliano de ir depois de amanhã (segunda-feira, 30 do corrente) fazer uma visita a Suas Altezas. O príncipe embarcará pelas 6 horas da manhã no Arsenal de Marinha na galeota imperial; vou providenciar para que às 7 um trem especial espere na estação do Caminho de Ferro de Mauá.

"Agora peço a V. Ex.^a que a essa mesma hora às 7 da manhã do dia 30 tenha duas carruagens na estação oposta (Raiz da Serra), porquanto a comitiva do príncipe será de 6 a 7 pessoas. O Sr. Sonneleithner mandou preparar aposentos para o príncipe no Hotel Oriental, mas ontem assentei, em conferência com meus colegas do ministério, que não podíamos, sem faltar à civilidade, deixar de oferecer um alojamento para o príncipe no próprio Palácio de Petrópolis. Previno, portanto, V. Ex.^a de que é possível que esse oferecimento seja aceito (somente para a pessoa do príncipe) e que basta que o aposento que lhe for destinado conste de duas peças. Sua Alteza pretende regressar na quarta-feira, e seu regresso se fará do mesmo modo. Disse-me o Sr. Sonneleithner que o príncipe deseja muito visitar o Palácio de São Cristóvão, antiga residência de sua tia, assim como orar sobre o túmulo desta.

"Peço a V. Ex.^a que dê suas ordens para que o príncipe tenha facilidade em satisfazer aquele desejo. V. Ex.^a poderá ordenar que a pessoa que suas vezes faz se entenda diretamente comigo.

"É o que tenho por agora a acrescentar... Sou de Vossa Excelência amigo e obediente servo *João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu.*"

O 1.º constituía a ante-câmara. O 2.º era a câmara e o 3.º subdividia-se em dois compartimentos, por um anteparo a meia nau.

Em cada um destes últimos estava uma cama, uma toilette, e uma secretária.

Por ante a ré ficavam os compartimentos com instalações sanitárias.

Os caixilhos das janelas dos compartimentos eram de subir e descer, tendo cada janela uma dupla ordem de caixilhos de vidros de cores venezianas.

Rica, sem dúvida, era a decoração interna da galeota, com reposteiros, tapetes, sofá, cadeiras douradas, mesas, étagères, aparadores, relógios, divãs, camas, cortinados, objetos de toilette de prata de lei.

Não viera da Ásia todo esse esplendor, mas da Ponta da Areia, do risco do então primeiro engenheiro naval, Napoleão Level; fora executado sob a administração do Sr. Correia de Aguiar. Da indústria estrangeira havia a bordo do vaporzinho — da galeota dourada — a máquina e a mobília, isso por luxo, porque não nos faltavam bons marceneiros e as nossas oficinas de máquinas, então dirigidas pelos Srs. Matos e Braconnot, dispensavam encomenda de maquinismo para os vapores do estado (1).

Visita a Petrópolis

O príncipe demorou-se apenas dois dias em Petrópolis (2), seguindo, no dia 5 de fevereiro, para a província do Espírito Santo, a fim de aí se encontrar com o Imperador.

(1) *Anuário do Museu Imperial*. Vol. xvi.

(2) O Sr. H. de Sonneleithner, ministro residente de Austria, depois da partida do Príncipe, remeteu a Roberto Milligan, engenheiro chefe da Estrada de Ferro de Petrópolis, uma caixa de rapé de ouro que S. A., em lembrança de sua passagem por aquela estrada, se dignou oferecer ao distinto engenheiro.

Nos últimos dias de sua permanência na Corte, também visitou a Imperial Fazenda de Santa Cruz.

Em Petrópolis, foi apresentar seus respeitos às filhas do Imperador, já que os soberanos ainda se achavam em viagem pelo Norte.

A Condessa de Barral, em carta escrita à Imperatriz, D. Teresa Cristina, assim se expressa:

“A primeira visita que o Arquiduque fez às Princesas foi em grande uniforme, mas veio jantar de casaca preta e calça branca. Ele tem um todo elegante, e boas maneiras, fala muito, e tem grande uso dessas conversas de salão; quanto ao fundo, não pude ajuizar, visto a conversa não ter passado de banalidades. . .

“O penteado do Príncipe é muito singular e me faz suspender o juízo quanto ao fundo, que de ordinário, não dá tempo para tantos requififes.

“Dizem uns que ele veio ver as nossas princesas para o irmão, o arquiduque Luís José Antônio Vitor, que tem 18 anos, outros, para o cunhado, conde de Flandres, que tem 23, e isso logo nos pôs de orelha em pé.

“As princesas jantaram de branco, e no outro dia vestiam-se de cor de rosa, e branco, decotadas, sem nenhum enfeite de ouro. Tocaram piano, valsaram com o Príncipe.

“...Fizeram peloticas e mostraram vistas da Bahia e de Pernambuco, enfim o tempo foi agradavelmente empregado”.

A despedida, a Princesa Isabel deu-lhe um beija-flor empalhado, a Princesa Leopoldina, um urubu-rei, mas... em casamento não se falou.

De regresso ao Rio de Janeiro visitou o túmulo de Dona Leopoldina, sua tia, e aprestou-se para a viagem de volta.

Encontrou-se em Itapemirim, no Espírito Santo, com D. Pedro II, que vinha da sua viagem ao Norte.

Do Espírito Santo passou, em rápida escala, pela Bahia, demorou-se dois dias em Pernambuco, deixando o Brasil em 16 de fevereiro, para nos últimos dias de março estar novamente em casa⁽¹⁾.

Chegada ao Espírito Santo

Os Imperadores partiram de Vitória com direção à Guarapari.

Fundeou a esquadra imperial em Guarapari, às 11 horas da manhã.

O Imperador seguiu para terra.

Maximiliano foi a bordo do *Apa* cumprimentar a Imperatriz Teresa Cristina, sendo recebido pelo conselheiro Luís Pedreira do Couto Ferraz.

D. Pedro II condecorou Maximiliano com as insígnias de grã-cruz da Ordem Imperial do Cruzeiro, sendo portador o mordomo Jacobina.

A *Elisabeth* levantou ferros para o norte quando os vapores da esquadilha Imperial, *Amazonas* e *Paraense*, com a maruja nas vergas, davam uma salva de 21 tiros em cumprimento ao Príncipe, que, sem outras formalidades, viera conhecer o continente americano, onde um destino atroz o esperava.

A viagem de Maximiliano ao Brasil foi, sem dúvida, uma das fases mais felizes da sua vida.

Depois disso, começa o seu calvário, tão bem resumido e descrito por Galeno Martins.

A Rainha Vitória da Inglaterra chegou a oferecer-lhe a coroa da Grécia, para tirá-lo da influência de Napoleão.

Durante muito tempo Maximiliano debateu-se numa irresolução atroz. Por fim, pressionado por Carlota, fechou in-

(1) *Anuário do Museu Imperial.*

compreensivelmente os ouvidos a todos os conselhos, e, em 10 de abril de 1864, em seu Castelo Miramar, deixou-se proclamar Imperador Maximiliano I do México.

Para Maximiliano, a sua louca aventura terminou em Querétaro.

Derrotado, traído, submetido a um conselho de guerra, foi condenado à morte com dois de seus fiéis generais: Mejia e Miramón⁽¹⁾.

Quais teriam sido os pensamentos que o assediaram, os desejos, as recordações, nesses dias tenebrosos, que precederam a sua morte por fuzilamento?

Uma certeza temos. Seu último pensamento foi para Maria Amélia, aquela que, se tivesse vivido, tê-lo-ia livrado de tão negro destino, transformando toda a sua vida.

Poucos instantes antes do fuzilamento, quando o despojaram de tudo, ele *retirou* o pequeno medalhão de Nossa Senhora (que sempre trazia consigo), presente da Impératriz Eugênia, para dar-lhe sorte, legando-o a Dona Amélia, Imperatriz do Brasil⁽²⁾.

Foi a sua última homenagem a Maria Amélia.

Logo ao receber a notícia da morte trágica de seu irmão, Francisco José enviou ao México uma delegação para trazer o seu corpo à terra Natal.

Juarez não criou dificuldades à entrega do corpo embalsamado.

A pedido do Ministro do Exterior do México, e para evitar ajuntamento do povo supersticioso, a delegação austríaca foi levada, à meia-noite, a um velho colégio jesuíta abandonado, onde havia sido depositado o caixão para o devido exame do conteúdo.

(1) Frederico Edelweiss — *A visita de Maximiliano da Austria à Bahia*, cit.

(2) Bertita Harding — *A Coroa fantasma*. Rio de Janeiro, 1940 — p. 347.

Os traços do Arquiduque estavam perfeitos, sendo apenas chocante uma alteração para aqueles que o tinham conhecido de perto.

Após a execução, ninguém se havia lembrado de lhe fechar os olhos. As pálpebras ficaram, pois, abertas, e os glóbulos oculares tiveram de ser substituídos por olhos de vidro. Como em Querêtaró não os havia, o médico foi à Igreja local e tirou-os de uma estátua de Santa Úrsula. Eram, porém, muito pequenos e pretos. Como Maximiliano tinha olhos azuis, a mudança dava uma sensação estranha a quem o contemplava. Os cabelos da parte traseira da cabeça haviam sido cortados pelo médico, para os vender ao povo, à razão de uma onça de ouro por três ou quatro fios, apurando-se verdadeira fortuna com seu comércio vergonhoso.

O mesmo navio, a corveta *Novara*, que conduzia o Imperador Maximiliano ao México, trouxe os restos mortais de volta à Pátria, e a 18 de janeiro de 1868 foram levados à cripta dos Habsburgos.

Assim terminou a tragédia de Maximiliano !(¹)

(1) De uma comunicação publicada por Edmund Ritter von Henneberg, membro da comitiva.

ANEXO I

CARTA DE MAXIMILIANO DO MÉXICO A DOM PEDRO

(Arquivo do Museu Imperial de Petrópolis)

Monsieur mon Frère et très Cher Cousin

C'est avec empressement que je saisis l'occasion de vous renouveler l'assurance de ma sincère amitié et du désir que j'éprouve de conserver personnellement avec votre Majesté les meilleures et les plus affectueuses relations.

Les souvenirs qui me restent du beau voyage que j'ai fait au Brésil ne s'effaceront jamais de ma mémoire et c'est avec un vif intérêt que je vois le développement rapide et soutenu de la prospérité de Votre bel Empire. Grâce à l'impulsion vraiment libérale que Votre Majesté sait donner à son gouvernement, le Brésil, dans un état de paix qui porte envie au Nouveau Monde, travaille activement à l'accroissement de la richesse publique et de son bien-être général.

Le succès obtenu par Votre Majesté, serait d'obtenir d'aussi beaux résultats.

En me rappelant au bon souvenir de L'Impératrice et de vos aimables Princesses, je vous prie d'agréer la nouvelle assurance de la haute estime et de l'inaltérable attachement avec lesquels je suis,

Monsieur mon Frère et très cher Cousin, de Votre Majesté Impériale le bon frère et cousin.

Maximilien

Mexico — Le 8 août 1864

ANEXO II

AFORISMOS DE MAXIMILIANO — 11 DEZEMBRO 1861(*)

As grandes almas só têm amigos ou inimigos.

É na solidão que a alma atinge aos pensamentos sublimes.

Que vosso espírito seja de aço, vosso coração de puro ouro,
vossa alma de diamante.

(*) Maximiliano, *Souvenirs de ma vie*, trad. de Gaillard.

IV

OS ÚLTIMOS ANOS DE DONA AMÉLIA

A vida de Dona Amélia decorreu uniforme e triste, no Palácio das Janelas Verdes, sentindo a imensa falta da filha, do marido e do irmão. Ela mantinha ativa correspondência com sua irmã, Josefina da Suécia, e com sua enteada, a Condessa Isabel de Treuberg⁽¹⁾, na Baviera.

Um pacote de telegramas de Amélia à irmã Josefina demonstra que, nos anos seguintes, ela permaneceu no Palácio Pombal, muito doente e que lhe era difícil escrever. Depois de setenta anos, muito enfraquecida, ela permanecia na cama a maior parte do tempo, e se sentia isolada. Fanny Maucombe morrera, os Almeidas⁽²⁾, sempre na Baviera, a irmã Josefina, vivendo retirada depois da morte do rei Oscar, em 1859, cuidando apenas das obras de beneficência⁽³⁾. A correspondência de Josefina, em alemão, com a baronesa Stengel, demonstra a sua grande preocupação com o estado de sua irmã Amélia, cuja última carta lhe partira o coração.

O grande desejo das irmãs realizou-se afinal em 1872, quando ambas se reuniram em Lisboa. Amélia havia preparado a irmã para que não se admirasse com a grande trans-

(1) Duquesa de Goiás, filha de Pedro I e da Marquesa de Santos.

(2) Paulo Martins de Almeida, Visconde de Almeida. Seu filho foi conde de Almeida.

(3) O conde de Alzejur foi dos raros amigos que acompanharam Dona Amélia até a morte.

formação no seu aspecto. Depois de 29 anos ela não era mais o que havia sido. Parecia ter oitenta anos, com as costas encurvadas, movendo-se apenas entre a cama e a poltrona. Josefina, atravessando a Espanha, chegou a Lisboa no dia 26 de junho de 1872, encontrando a irmã impossibilitada de levantar-se para recebê-la.

Para a visita ao Panteon de S. Vicente, Amélia enviou à irmã duas grinaldas com flores, uma para o túmulo da pequena Amélia, e a outra para "*notre pauvre frère*" (1).

A despedida das irmãs deve ter sido dolorosíssima, pois ambas presentiram que não mais se encontrariam aqui na Terra.

Amélia faleceu a 26 de janeiro de 1873.

Josefina foi sua testamenteira e principal herdeira (2).

(1) O Príncipe de Leuchtenberg, Primeiro marido de Maria da Glória.

(2) Adalbert Prinz von Bayern. *Die Herzen der Leuchtenberg* (Os corações dos Leuchtenberg). Chronik einer napoleonisch — bayerisch europäischen Familie — Edit — Prestel Verlag — München — Ensslin Reutlingen, 1963.

ANEXO

TESTAMENTO DE DONA AMÉLIA DE LEUCHTENBERG

O testamento em francês, escrito do próprio punho, tem a data de 16 de janeiro de 1863.

Uma cláusula do testamento é a seguinte:

“No caso em que, como tenho intenção, não possa dar em vida, ao Arquiduque Ferdinando Maximiliano da Áustria, como doação, a minha propriedade *Stein*, na Baviera, lego-lhe pelo presente testamento a mencionada propriedade *Stein*, com tudo o que a ela pertence e que estiver nela contido na época da minha morte.

Com isso, desejo provar que eu o amo como a um filho, e que me teria sentido feliz de o ter tido como genro, se Deus me tivesse conservado minha amada filha Maria Amélia. A grande floresta denominada *Hohenberg*, anteriormente pertencendo a Seon, faz parte atualmente da propriedade de Stein.

Além disso, estipulo para o Arquiduque um capital de 40.000 fl da minha fortuna na Baviera, para a exploração da propriedade e da cervejaria.

A propriedade Seon, antigamente um claustro, com as pequenas matas que a ela pertencem, e o solar de Niereid não fazem parte da propriedade Stein e ficam no conjunto de meus bens (monte).

No caso do Arquiduque vir a morrer sem filhos de seu casamento com a Arquiduquesa Carlota, nascida Princesa da Bélgica, então a propriedade Stein virá a pertencer a meu sobrinho Nicolau de Leuchtenberg, filho mais velho do meu amado irmão Grão Duque Maximiliano de Leuchtenberg.”

Este documento tão importante vem, mais uma vez, confirmar quanto era desejada essa união por D. Amélia, que, até morrer, demonstrou sempre a sua amizade e admiração por Maximiliano.

Sobre o Hospício de Funchal, lê-se na cláusula 2:

“Conhecendo a afeição da minha irmã Josefina por mim, e tendo-se os nossos corações sempre compreendido, recomendo-lhe instantemente a fundação permanente do pequeno hospital para doentes do peito: “Hospício da Princesa Dona Maria Amélia”, que fiz construir no Funchal, na ilha da Madeira, para aí perpetuar a lembrança da minha fillia querida, a fim de que, se eu vier a morrer antes que a dita fundação esteja acabada, tudo se faça segundo as minhas intenções...”

A baronesa Carolina de Stengel, minha dama de honor, o Senhor P. Sperling, meu secretário, e o bom e tão dedicado Dr. Barral, poderão dar a minha irmã todos os esclarecimentos que ela desejar a este respeito: eles conhecem os meus projetos de dotação e de administração, para o dito hospital; e o Dr. Barral, pelos seus conhecimentos especiais, será de muito bom conselho”.⁽¹⁾

(1) Adalbert Prinz von Bayern. *Die Herzen der Leuchtenberg.*

APÊNDICE 1

RÉCONHECIMENTO COMO PRINCESA BRASILEIRA

1. *Proposta do Governo*

Augustos e digníssimos Senhores Representantes da Nação

Provando-se pelo auto de nascimento, e mais documentos que instruem a presente proposição, que Sua Alteza a Senhora Princesa D. Maria Amélia, filha legítima de Sua Majestade Imperial o Senhor D. Pedro I, de saudosa memória, e de Sua Majestade a Imperatriz D. Amélia, atual Senhora Duquesa de Bragança, nascera em Paris em o primeiro de dezembro de mil oitocentos e trinta e um, tendo então nove meses de formada no ventre materno, e por consequência havendo sido concebida no tempo em que o Senhor D. Pedro I era imperador do Brasil, é incontestável que, segundo a legislação do país, a mencionada Senhora D. Maria Amélia é princesa brasileira, e como tal lhe competem todos os direitos que a constituição do Império lhe garante. Para assegurar pois à mesma augusta senhora os ditos direitos de um modo solene e digno da sua alta hierarquia e da nação, o Governo brasileiro, ordenou-me Sua Majestade o Imperador que em seu augusto nome eu vos fizesse a seguinte proposta:

“Artigo único. A Senhora Princesa D. Maria Amélia, filha legítima de Suas Majestades Imperiais o Senhor D. Pedro I, de saudosa memória, e a Senhora D. Amélia, atual duquesa de Bragança, e nascida em Paris em o primeiro de dezembro de mil oitocentos e trinta e um, é declarada princesa brasileira.

“Palácio do Rio de Janeiro, em 28 de agosto de 1840.

Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva”.

Retira-se o Sr. Ministro com as mesmas formalidades com que foi recebido.

A proposta é remetida à comissão de constituição.

(Anais da Câmara dos Deputados. Vol. 2, 1840. Sessão em 29 de agosto de 1840, p. 779)

2. Parecer da Comissão de Constituição

Sessão em 11 de setembro de 1840

Lê-se o seguinte parecer:

“A Comissão de Constituição examinou atentamente a proposta do poder executivo, para ser declarada a princesa brasileira a Sra. D. Maria Amélia, filha legítima de S. M. Imperial o Sr. Pedro I, de saudosa memória, e de S. M. Imperial a Sra. D. Amélia, atual duquesa de Bragança: e como por documentos legais, juntos à proposta, plenamente se prova que a referida Sra. D. Maria Amélia nasceu em Paris no 1.º de dezembro de 1831, tendo então 9 meses de formada no ventre materno, havendo sido concebida no tempo em que Sua Majestade o Sr. D. Pedro I era imperador do Brasil, não pode

a comissão deixar de reconhecer a mesma senhora como princesa brasileira pela constituição do Império; e é portanto de parecer que a sobredita proposta, sendo convertida em projeto de lei, se discuta, e adote com a emenda da mesma redação, que a mesma comissão oferece.

Proposta

“A Assembléa geral legislativa decreta:

“*Artigo único.* A Sra. princesa D. Maria Amélia, filha legítima de SS. MM. Imperiais o Sr. D. Pedro I, de saudosa memória, e a Sra. D. Amélia, atual duquesa de Bragança, e nascida em Paris em o 1.º de dezembro de 1831, é declarada princesa brasileira.

“Palácio do Rio de Janeiro, em 28 de agosto de 1840

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva.

Emenda da Comissão

“Em lugar de — é declarada princesa brasileira — diga-se — é pela constituição do império, princesa brasileira.

“Paço da Câmara dos Deputados, 9 de setembro de 1840

José Clemente Pereira — Francisco Gonçalves Martins”.

Vai a imprimir.

(*Anais da Câmara dos Deputados*, Vol. 2, 1840, Sessão em 11 de setembro de 1840, p. 852)

APÊNDICE 2

CARTAS INÉDITAS DE MARIA AMÉLIA A SEU IRMÃO D. PEDRO II

Cartas de Maria Amélia a seu irmão Pedro II e a pequena nota extraída do Diário de Dom Pedro II — 1862, Edição do Museu Imperial, 1960, “3 de fevereiro — Ouvi missa por minha mana Amélia que tanto sinto não haver conhecido e era tão amiga”⁽¹⁾, são muito significativas e demonstram a grande afinidade de alma e sentimentos existente entre os dois irmãos que nunca se encontraram mas que tinham os mesmos ideais por tudo quanto se referisse ao Brasil⁽²⁾.

(1) Nota cedida pelo Dr. Américo Lacombe.

(2) As cartas, que fazem parte do arquivo da Família Imperial, foram gentilmente cedidas à organizadora por Dom Pedro de Orléans e Bragança.



Meu querido Mamão
Gosto tanto de escre-
ver-te, já que te não
posso ver, que faço
esta para dizer-te que
he muito tua amiga
tua Maninha

Maria-Amélia

Lisboa 20 de Abril de
1838.

Lisboa. 25 de Junho de 1842.

13

Meu querido c. Honor. ~~Enfim~~ teve o
gosto de receber huma Carta tua, e aprese-
so-me em agradec. ta.

Perguntas-me tu o que eu quero que
tu me mandes? com toda a franqueza
tu vou dizer. — Manda-me huma
pequena coliguiçõ ou de bijia. flores
ou de bobolhas. Eu gosto muito destas
coisas e aqui na Europa não as
ha tão bonitas.

Eu vou passando muito melhor
agora, e espero que esta Carta tam-
te chegarã de Saude.

Pego-te de ilac humm adecco ás Mannas
e recede tu outo desta tua chamincha
muito atnigã.

Maria Tomalva

João Américo

Seu affeição de Américo

de coração te de esta
 hum abraço as mãas e recede a que mu
 deites meu querido Mano, fago-te de dar
 se age ou honra a estes meus bondos fratres
 e fazo desenganar que eu não fui de tirar huma
 me humilhadas mandar, de bobelitas e regreffe
 também te agradeço muito a colleeção, que
 quem sou tão sempre.
 da nossa terra e cada por hum fôrmo de
 muito gosto me de por ser huma coisa
 que me mandas das Indias Anglicas que
 trizar hum momento em agradecer-te e listão
 tua. Carta de N.º de Setembro, e não que
 te falo de dos Teus Annos quando recede a
 Meu querido Mano. Lettura discreta



Lista 2 de Dezembro de 1512.

Cambridge 14. October 1851.

My dear friend, I have
received your kind letter of the 13th of August, and I am
glad to hear that you are well and in good spirits. I
am sure that you will find me the same. I have
not time to write you more at present, but I will
write again in a few days. I am, my dear friend,
ever your affectionate friend,
Wm. Lloyd Garrison

mas, das minhas partes, a Maria Thaysa, de
a te mandando com afeição, como
tua Maria souzete Thaysa

Maria Thaysa

P. P.

Logo te enviarei pedras do meu coração em
uma folha de papel no meio da carta, affim
como da minha lettra, para terho de minha
~~Chama~~

Esperem-me degn-te, que a essa, em que
moramos, assim a deicas por, e mais em outros
no lingua em que fig um sinal com tinta

Funeral. g. de Jaciro
de 1853

Meu querido Mano Pedro

Alproximo de um momento em qua-
me achis com mais forças, para
enver-te, dando-te os bons annos.
Desajo-te bem do fundo do meu
cordão toda a sorte de felicidade,
e faço ao mesmo tempo a Deus,
que me de saúde, para nós nos
podermos ver um dia, o que é

um desejo bem grande que te envio!
Agradeço-te pela mesma occasião
a tua excellentissima carta de 12 de
Novembro, a que não me têm
sido possível responder mais cedo,
mas que nem por isto deixam de
me dar um grande prazer.

Dentre prafado mais incommodada
estô ultimovs tempos, meu querido
chano, sentindo-me muito fraco
e abatido, o que fiz, que estive,
há agora quasi 6 semanas, quasi

sempre de cama, excepto poucas
horas em que estou deitada n'um
canapé. Graças a Deus, ao menos
me posso às vezes ocupar um
pouco, dezenho, ou leis, mas nunca
o posso fazer por muito tempo,
pois cansa-me todo.

Deus está, dando-te um abraço
bem apertado

como tua-olhaa. mmh

Luiz
Maria, Ânalia

APÊNDICE 3

RETRATOS DE D. PEDRO I E D. AMÉLIA

(*Notas e Comentários Artísticos e Históricos de Galeno Martins*)

Estes retratos me foram vendidos em 1824 em um leilão do Sr. Virgílio Lopes Rodrigues. Pesquisei infrutiferamente para conhecer-lhes a história. Nada descobri. Trazem eles inscrições manuscritas no verso das molduras, em plena madeira. O cursivo é belo e esmerado, denunciando respeito e devotamento de quem o lançara.

Diz o de D. Pedro: "*Retrato de S. M. o Imperador o Sr. Dom Pedro I, Duque de Bragança*".

No de sua segunda consorte lê-se: *Retrato de S. M. a Imperatriz, a Sr.^a Dona Amélia, Duquesa de Bragança*, cópia do original do Professor Dürck, de Munique, em 1839.

No Brasil a ninguém ocorreria certamente referir-se ao título que adotaram os Imperantes depois da abdicação do trono brasileiro.

Em Portugal era o tratamento que oficialmente se lhes dava. Acrescente-se que, poucos anos depois de sua viuvez, Dona Amélia deixou a corte de Baviera pelo palácio das Janelas Verdes, em Lisboa, para onde se transferira com Dona Maria Amélia, sua única filha havida do Imperador. Aí, dei-



Retrato de S.A. Imperial Dom Pedro I do Brasil e Dom Pedro IV de Portugal (da Coleção Galeno Martins); Cópia do original de John Simpson, por Maurício José do Carmo Sendim.

xou-se ela ficar, ao pé de sua enteada a rainha Dona Maria da Glória. Tudo isto nos leva a crer que tais retratos estiveram em Portugal.

O de D. Pedro I representa o príncipe de meio corpo, trajando farda singela, cintilando-lhe no peito apenas duas condecorações; olhos semicerrados e como alheios ao ambiente, numa mal disfarçada melancolia que não lhe era habitual. Entre os artistas, que retrataram D. Pedro I, contam-se no Rio de Janeiro: *Henrique José da Silva, João Baptista Debret* e seus discípulos *Simplício Rodrigues de Sá, Araújo Porto Alegre, Francisco Pedro do Amaral*; na Bahia, *Franco Velasco*, por ocasião da viagem do Imperador a esta cidade. Este está excluído.

Silva pintou-o duramente, hierático e solene. Simplício fê-lo sempre mavórtico, o peito desaparecendo sob o peso de numerosas condecorações, olhos desmedidamente abertos e incendiados, como no ardor de uma refrega.

Porto Alegre negou-lhe mocidade e aprumo. É Debret que fê-lo de nobre aspecto, de uma elegância natural e fácil, e muito à vontade dentro da farda que o não constrangia. É também quem lhe atribui, no Brasil, a barba cerrada, sendo que todos os outros o representam com as conhecidas suíças.

É sabido que o Imperador em Portugal não se escanhoava, tendo-lhe crescido tanto os pelos que, no seu último retrato, — conhecemo-lo no livro de Silva Maia — (1) tem o rosto absolutamente hirsuto.

Mas em Debret(2) a barba cerrada é incipiente, parecendo que havia pouco tempo fora abolida a navalha, tal qual como no nosso retrato em questão.

O nosso não é, nem pode ser, a réplica de nenhum deles. Não acreditamos que Debret tivesse pintado outro retrato de D. Pedro além dos que destinou ao livro, porque na

(1) *Memórias históricas, políticas e filosóficas da Revolução do Porto*, Rio de Janeiro, Ed. Laemmert, 1841.

(2) *Voyagé pittoresque et historique au Brésil*, Paris, Firmin Didot Frères, 1839.



Retrato de Sua Majestade a Imperatriz, a Senhora Dona Amélia, Duquesa de Bragança — cópia do original de Dürck, Munique, 1839 (da Coleção Galeno Martins, hoje no Museu Imperial de Petrópolis).

sua relação, que é minuciosa, só a estes se refere. Já nos referimos à expressão de melancolia, que nele se manifesta. Uma hora de desalento naqueles tempos de política trulculenta? Desgostos e fadigas daquela luta intensa que já vinha durando tanto? Más notícias de Portugal, onde o irmão procurava arrebatá-lhe a coroa, que Dom Pedro destinara à frágil cabeça juvenil de D. Maria da Glória? Ou são os acontecimentos do Brasil, que avançam em tropel, ameaçando subverter seu próprio trono? É a gente Portuguesa que o chama “renegado”? São os brasileiros que o suspeitam de “português”? É Justiniano da Rocha que o combate sem tréguas? É Evaristo que reclama na *Aurora: menos baionetas, mais charruas*? É Januário da Cunha Barbosa que conspira? É José Clemente Pereira que o afronta? É a maçonaria que esquece “Guatemala”? É o penoso regresso de Minas, depois de tão gélida acolhida? São os Andradas? É Antônio Carlos, sempre pugnaz e sempre versátil, derribando hoje o ídolo de ontem, glorificando amanhã sua vítima de hoje? É Martim Francisco, Catão intratável? É José Bonifácio que — embora de pazes feitas e juradas nas mãos de fada de D. Amélia — se insula em Paquetá e hostiliza com a só eloquência do seu silêncio? É, em suma, a visão do ocaso político que vem chegando? E em que hora? . . .

No momento mesmo em que, passados os arrebatamentos da revolta juventil, espírito assentado, coração cheio de um afeto correspondido e confessável, abre-se-lhe um lar perfumado para agasalho feliz e esquecimento certo das agruras da vida política?

Não houve, cremos, infidelidade de pincel, nem incapacidade de artista para fixar na tela a exuberância, a força, o *panache*, outrora atribuídos a Dom Pedro I.

Não: o que aí está é o retrato de uma época, é a interpretação de um estado d’alma, que se espelhara na fisionomia do Imperador.

Stanislaw Herstal, em sua magnífica obra *Iconografia de D. Pedro I* reproduz o nosso retrato no 3.º volume 655 i e acrescenta a seguinte referência:

“Nos documentos inéditos do Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro encontram-se vários recibos de Maurício José do Carmo Sendim pelas cópias executadas do retrato de Dom Pedro I. Baseando-se nestes, Lygia Lemos Torres afirma que D. Amélia ‘encomendou ao pintor Maurício José Sendim, por várias vezes, retratos a óleo do duque de Bragança, com os quais presenteava as casas de caridade sob sua direção.’ (*Imperatriz D. Amélia*, p. 274)”

As datas dos recibos encontrados chegam até o ano de 1854. Como os únicos retratos de D. Pedro que se encontram em vários exemplares são os copiados da tela de John Simpson, existente no museu dos Coches em Lisboa, pode-se atribuir a autoria do nosso quadro a Maurício José do Carmo Sendim, que o teria copiado de John Simpson.

Dürck, o pintor do retrato original de D. Amélia, nascido em Munique em 1809, e aí falecido em 1884, era bem reputado figurista.

Relacionado na casa Real da Baviera, pôde bem retratar a Imperatriz.

Magnífico modelo! Em D. Amélia nem a impressionante formosura, nem a alta distinção, conseguiam dissimular a natural e inesgotável meiguice, que era a feição marcante do seu caráter.

Corpo e alma se conjugavam admiravelmente! Herdara aquele espírito sadio e aquele coração generoso de seu pai, Eugène de Beauharnais.

Deixando a casa paterna de que fora o enlevo para assentar-se no trono Imperial do Brasil, trouxe consigo aquele nato predicado de encantar.

Dom Pedro, o rebelde, rendeu-se-lhe desde logo, e rendeu-se, tão sinceramente, tão nobremente, que alcançou o alto prêmio de uma retribuição sincera, pois D. Amélia, jovem, bela e prendada como nenhuma outra princesa de sua época, acrisolou por seus últimos quarenta anos de vida, dentro da viuvez de etiqueta, uma outra, mais preciosa e verdadeira: a viuvez d'alma,